

MULHERES DE ROSA

TEXTO DESENVOLVIDO A PARTIR DA OBRA DE

JOÃO GUIMARÃES ROSA

PELOS ALUNOS DO QUARTO ANO DE TEATRO DO CURSO DE

COMUNICAÇÃO DAS ARTES DO CORPO DA PUC-SP

Adriana Pereira da Paixão, Ana Elisa Pereira da Silva, Ana Lucia de Almeida Pinto, Ana Luiza Caetano Andrade, Ariane Rosa, Camila Carvalho Nobre, Carolina Murgel, Carolina Herzberg, Carolina Mozeli, Carolina Zanforlin, Catarina Grimaldi, Cilene de Souza Alves, Cristiane Silva Poveda, Fabiana Scaglioni, Fernanda Malatesta, Fernando Nahas Cecilio, Helena Guerra, Isabel Soares de Souza, Josiane Zaccarelli, Judite Pires Cardoso, Julia de Moares Pires, Leandro Hoene, Leticia Magalhães, Livia Mara Gaipo Kuntz, Luana Mincoff Menegon, Luiz Capacci, Ly a Fernanda Esteves Parente, Marcela Zancaner, Marco Barreto, Marília Caldas, Mathheus Parizi, Michelle Any, Natália Fagnani, Nathalia da Fonseca Pagliuso, Natasha Naumovs, Pedro Krause, Priscila Preta, Rafaela Santos, Renata Marini Braga, Renata Tomasi Silva, Sarah Lessa, Tatiana Mohr, Tatiana Peres Toledo, Thalita Correa, Vera Allegretti, Viviane Araujo Oliveira

SOB ORIENTAÇÃO DRAMATÚRGICA DE

CASSIANO QUILICI E JOSÉ RUBENS SIQUEIRA

COORDENAÇÃO GERAL DE JOSÉ RUBENS SIQUEIRA

2006

PRÓLOGO

Da rua, vem o grupo cantando uma congada:

“O povo sai na rua
para ver nossa congada.
Serenos vem caindo
serenos da madrugada.
É de madrugada, é de madrugada.
Serenos vem caindo, é de madrugada...”

O grupo entra no teatro, dança um pouco na sala de espera, no meio do público.

Abre a porta da sala de espetáculos, entra cantando, conduzindo o público.

Enquanto os espectadores se sentam, o grupo canta e dança em torno da arena.

Aos poucos, um a um os instrumentos vão parando de tocar.

As palavras da canção aos poucos vão sendo substituídas pelo som de mugidos de bois.

O grupo vai entrando na arena, sempre em movimento circular, como o rodeio de uma boiada no curral.

O último instrumento a marcar o ritmo é um surdo, que se mistura ao som dos pés no tablado.

Por fim também o surdo para de tocar.

Por cima do chão sonoro de mugidos graves, uma voz masculina canta um aboio:

“O que um dia vou saber,
não sabendo eu já sabia.”

Durante o aboio, os mugidos vão cessando, o rodeio da manada vai parando, os atores formam um grupo compacto que ocupa toda a arena, olhando para a platéia.

LEANDRO – Nonada

MATHEUS – Nonada

PEDRO – Nada

ANA LUIZA – No

MICHELLE – Nada

LUIZ – No

ARIANE –	Nada
NATÁLIA F. –	Nonada
TATIT. –	Na
MARCELA –	Da
MARCO –	No
FERNANDO –	Na
ADRIANA –	Nonada
ANA LUCIA –	Nada
HERZBERG –	Dano
CILENE –	Nana
FERNANDO –	Nado
HELENA –	Nada
LIVIA –	Nada
MARCO –	No
NATHALIA P. –	Na
PRISCILA –	Da
RENATA B. –	No
RENATA T. –	Nada
RAFAELA –	Nada
ANA LUIZA –	No
CAMILA –	Nada
MURGEL –	Nonada
CATARINA –	Nonada
CRISTIANE –	Nada
FABIANA –	No
ISABEL –	Nada
LEANDRO –	Nada
LETICIA –	Nonada
JULIA –	No
LUIZ –	Na
LYA –	No
MARILIA –	Na
NATALIA F. –	Nada
TATIMOHR –	Nada

TATITOLEDO – Nada

VERA – Nonada

ANA ELISA – Nonada

ARIANE – Nada

MOZELI – Nada

ZANFA – Nada

FERNANDA – Nonada

JOSIANE – Nonada

JUDITE – Nonada

LUANA – Careço de que o bom seja bom e o ruim ruim,
MARCELA – que dum lado esteja o preto e do outro o branco,
MATHEUS – que o feio fique bem apartado do bonito
MICHELLE – e a alegria longe da tristeza!

NATASCHA – Este mundo é muito misturado...

PEDRO – Deus está em tudo – conforme a crença?

THALITA – Deus estava mesmo vislumbrante era se tudo esbarrasse, por uma vez.

ANA LÚCIA – Deus é traíçoeiro!

HERZBERG – Ah, uma beleza de traíçoeiro – dá gosto!

CILENE – A força dele, quando quer, dá o medo pavor!

FERNANDO – Deus vem vindo: ninguém não vê.

HELENA – Ele faz é na lei do mansinho assim é o milagre.

LIVIA – E Deus ataca bonito,
MARCO – se divertindo,
NATHALIA P. – se economiza.

PRISCILA – Deus é paciência.

RAFAELA – Viver é muito perigoso; e não é não.

CAMILA – Deus existe mesmo quando não há.

CATARINA – É preciso de Deus existir a gente, mais.

FABIANA – Como não ter Deus?!

ISABEL – Com Deus existindo, tudo dá esperança:
LEANDRO – sempre um milagre é possível, o mundo se resolve.

MARÍLIA – Tendo Deus, é menos grave se descuidar um pouquinho, pois, no fim dá certo.

NATÁLIA F. – Mas, se não tem Deus, então, a gente não tem licença de coisa nenhuma.

- TATIT. – Deus é alegria e coragem.
- FERNANDA – Coisas imensas do mundo.
- JOSIANE – O grande sertão é a forte arma.
- JUDITE – Deus é um gatilho?
- LUANA – Nonada.
- MARCELA – Este simples universozinho nosso aqui.
- MATHEUS – Sertão.
- MICHELLE – Sertão é onde manda quem é forte,
- PEDRO – Deus mesmo, quando vier, que venha armado!
- SARAH – Ah, que tem maior!
- THALITA – Lugar sertão se divulga:
- VIVI – é onde os pastos carecem de fechos.
- RAFAELA – O gerais corre em volta.
- ADRIANA – Esses gerais são sem tamanho.
- RENATA T. – Tudo aqui é perdido, tudo aqui é achado.
- RENATA B. – Sertão.
- HERZBERG – Sertão é onde o pensamento da gente se forma mais forte do que o poder do lugar.
- PRISCILA – Viver é muito perigoso.
- CILENE – Falo do sertão. Do que não sei. Um grande sertão!
- NATHALIA P. – Não sei.
- FERNANDO – Ninguém ainda não sabe.
- HELENA – Sertão – se diz – querendo procurar, nunca não encontra.
- ANA LUIZA – Sertão sempre.
- CAMILA – É quando menos se espera; digo.
- MURGEL – Sertão.
- MARÍLIA – Sertão velho de idades.
- FABIANA – Sertão sendo do sol e os pássaros.
- LYA – Rumor dele se escuta.
- LEANDRO – Estes gerais enormes, em ventos, danando em raios, e fúria, o armar do trovão, as feias onças.
- MARCO – Quem sabe dele é urubu, gavião, gaivota, esses pássaros.
- PEDRO – Travessia perigosa, mas é a da vida.
- LEANDRO – Ali envelhece vento.

- MATHEUS – E os brabos bichos, do fundo dele...
- LEANDRO – Com trovão. Trovoada nos Gerais, a rôr, a rodo...
- PEDRO – Travessia – do sertão – a toda travessia.
- LUIZ – Rio despenha de lá, num afã, espuma próspero, gruge; cada cachoeira, só tombos. Muito ribeirão e vereda, nos contornados por aí...
- PEDRO – O sertão é do tamanho do mundo.
- MATHEUS – O cio da tigre preta – já ouviu gargaragem de onça?
- LUIZ – A garoa rebrilhante, madrugada quando o céu embranquece – neblim que chamam de xererém.
- LEANDRO – Eh, frio! Lá geia até em costas de boi.
- MATHEUS – Tem lá perdiz, anta, aquelas que comem um capim diferente e roem cascas de muitas outras árvores: a carne, de gostosa, diversêia.
- PEDRO – Tanta serra, esconde a lua. Em um lugar, na encosta, brota do chão um vapor de enxofre, com estúrdio barulhão, o gado foge de lá, por pavor.
- FERNANDO – De qualquer pano de mato, saem em giro as todas as cores de borboletas. O xenxém que tintipia de manhã no revorêdo, o bem-te-vi que diz, as araras enrouquecidas.
- FERNANDO – Tardinha que enche as árvores de cigarras. Assovios que fecham o dia: o garricha-do-brejo, o suiriri, o sabiá-ponga...
- LEANDRO – Diadorim e eu,
- MATHEUS – eu e Diadorim,
- PEDRO – Diadorim,
- LUIZ – Diadorim,
- FERNANDO – eu,
- MARCO – e Diadorim,
- MATHEUS – nós dois.
- LEANDRO – A gente dava passeios.
- LUIZ – De nós dois juntos, ninguém nada não falava. Tinham a boa prudência. Dissesse um, caçoasse, digo – podia morrer.
- MARCO – Se acostumavam de ver a gente parmente. Que nem mais maldavam.
- MATHEUS – Quem me ensinou a apreciar essas as belezas sem dono foi Diadorim...
- PEDRO – Sei como sei.
- MARCO – Som como os sapos sorumbavam.
- LEANDRO – Diadorim, duro sério, tão bonito, no relume das brasas.

FERNANDO – Tão bonito...
 PEDRO – Bonito.
 TODOS – Bonito. Bonito. Bonito. Bonito.

Alarido de pássaros na mata.

Aparece Diadorim num foco de luz.

DIADORIM – Vigia as garças, enfileirantes, de toda brancura; o jaburú; o pato-verde; marrequinhos dançantes; martim-pescador; mergulhão; até os urubus, com esse triste preto que mancha.

RIOBALDO – Nunca tinha ouvido dizer de se parar apreciando, por prazer de enfeite, a vida mera deles pássaros. Isso era para se pegar a espingarda e caçar.

DIADORIM (ri) – É formoso próprio... Vigia como são esses... É preciso olhar com um todo carinho. Machozinho e fêmea – às vezes dão beijos de biquinim...

DIADORIM – Riobaldo, nós somos amigos, de destino fiel, amigos?

RIOBALDO – Reinaldo, pois eu morro e vivo sendo amigo seu!

DIADORIM – Riobaldo... Reinaldo... Dão par, os nomes de nós dois.

Música: aboio.

Correm cenas do fabrico do polvilho, em diferentes etapas.

Durante as etapas essas falas são ditas:

CORO – Sim, na roça o polvilho se faz coisa alva:
 Mais que o algodão, a garça, a roupa na corda.
 Do ralo às gamelas, da masseira as bacias, uma polpa que se repassa
 Para assentar, no fundo da água e leite, azulosa
 O amido
 Puro
 Limpo
 Feito surpresa.
 Sob o fim do sol, o mandiocal de verdes mãos.
 De um sol do qual o passarinho fugiu
 Serve-se o polvilho.
 A ardente espécie singular

Secura límpida, material arenoso.

A massa desse objeto:

Ainda molhado

Friável

Macio.

Sionésio e Nhatiaga conversam enquanto, distante deles, Maria Exita trabalha com o polvilho.

SIONÉSIO – Que o polvilho, aqui, na Samburá, é muito caprichado, justo, um dom de branco, por isso para a Fábrica vale mais caro, que os outros, por aí, feiosos, meio tostados... Tantas coisas pra renovar, e eu nem tenho tempo... E a sua protegida?

NHATIAGA – Alí. Ela parte o polvilho nas lajes.

SIONÉSIO (*olhando Maria Exita*) – Pobrinha flor.

NHATIAGA – Se chama (*Sionésio diz ao mesmo tempo*) Maria Exita. (*surpresa*) Isso... Data de Maio, ou de quando?

SIONÉSIO – Penso eu em Maio, talvez, porque o mês mor – de orvalho, da Virgem, de claridades no campo.

NHATIAGA – Não lembra a menina feiosinha, trazida há muito, para servir na Fazenda.

SIONÉSIO – Às vezes, por assombro, uma moça assim se embeleza no tanto-e-tanto.

NHATIAGA – Trouxe ela por piedade, pela ponta da mão, receosa de que o patrão nem os outros a aceitassem. Porque, contra a menos feliz, a sorte sarapintou de preto portais e portas.

SIONÉSIO – Deram, porém, ingrato serviço, de todos o pior: o de quebrar, à mão, o polvilho nas lajes.

NHATIAGA – Sim, ela parte o polvilho nas lajes...

SIONÉSIO – E até hoje, num serviço desses? Ao menos, agora, a mudassem!

NHATIAGA – Ela é que quer, diz que gosta. E é mesmo, com efeito...

SIONÉSIO – Bem... Somente é bom, a saber feliz, apesar dos ásperos.

NHATIAGA – A alma, do jeito e ser, dela, diversa dos outros – o quieto pisar, o jeito de pôr sua cinturinha nas mãos, feliz pelas pétalas, juriti nunca aflita.

SIONÉSIO – E se outros já a querem?

NHATIAGA – Maria Exita é a para se separar limpa e sem jaças, por cima da vida; e de ninguém.

SIONÉSIO – E se ela já gosta de alguém?

NHATIAGA- Ainda que em graça para amores, tão formosa, ela pára a cobro de qualquer deles, de más ou melhores tenções – resguardam a seus graves de sangue: temem a herança da lepra, do pai, ou da falta de juízo da mãe, de levados fogos; temem a algum dos assassinos, os irmãos, que inesperado de a toda hora sobrevir, vigiando por sua virtude –.

SIONÉSIO – *(absorvido pela imagem de Maria Exita):* – Ah, é bom, uma providência.

NHATIAGA – Sim, do receio não se carece. Nela nenhum homem toca... *(muda de tom)* Se não é que, no que não se espera, a mãe ainda pode amanhecer por ela... Ou a senhora madrinha...

SIONÉSIO – Devo, então, pegar a prova ou o desengano, fazer ação de a ter, na sisuda coragem!

Vai até Maria Exita, vacilando, com dificuldade de adentrar o clarão. Sai Nhatiaga.

SIONÉSIO: – Que serviço você dá?

Maria Exita nada diz. Sorri. Sionésio recua.

SIONÉSIO – Nhatiaga, e se a beleza dela – a frutice, da pele, tão fresca, viçosa – só fosse por um tempo, mas depois condenada a engrossar e se escamar aos tortos e roxos, da estragada doença?... Nhatiaga? *(ninguém responde)*

Sionésio volta, ainda com dificuldade. Silêncio.

SIONÉSIO – Você tem vontade de confirmar o rumo de sua vida?

MARIA EXITA – Só se for já.

SIONÉSIO – Você, Maria, quererá, a gente, nós dois, nunca precisar de se separar? Você, comigo, vem e vai?

MARIA EXITA – Vou, demais.

Sorriem, abraçam-se, beijam-se.

CORO – Sionésio e Maria Exita – a meios-olhos, perante o refulgir, o todo branco.
 Acontecia o não-fato, o não-tempo, silêncio em sua imaginação.
 Só o um-e-outra, um em-si-juntos, o viver em ponto sem parar, coraçãomen-
 te: pensamento, pensamor.
 Alvor.
 Avançavam, parados, dentro da luz, como se fosse o dia de Todos os Pássaros.

E enquanto o Coro fala e eles saem, o bando trabalha:

os jagunços levantam a parede do fundo do cenário.;

Ruído de boiada ao longe.

Dois homens trazem uma cadeira de vime em que D. Joaquina se acomoda e agradece.

Seo Sencler entra e se coloca ao lado dela.

Nhota e Mãitina varrem o espaço.

Mexéu, uma espécie de bobo da aldeia, mal-humorado e enferruscado, passa por ela resmungando.

Ela ameaça varrer seus pés, ele dá um pulo.

NHOTA – (para Mexéu) Mexéu, mecê não mije na cama!

Mexéu sai xingando baixo, Nhota e Mãitina riem.

Mexéu vai se agachar num canto, resmungando baixinho.

Vão saindo, arrastando as vassouras.

Mexéu resmunga, levanta-se, gira em torno de si, zangado consigo mesmo.

O vaqueiro Lélío entra, tira o chapéu, cumprimenta de longe, se apresenta.

LÉLIO- Dava pena de ver, aquele redor de gerais: a terra e o pasto pobrejam tanto que o gado lá às vezes nem cresce, fica de ossos moles, se entortando, dando um leite magro. Mas aqui, no Ribeirão do Pinhém é a felicidade de terrão e relva, em ilha farta. Capim goteja leite e boi brota no chão. De fora, cheguei.

SENCLÉR – Está passando?

LÉLIO – Nhor não, estou alheio.

SENCLÉR- Vindo donde?

- LÉLIO – Da Tromba-d’Anta.
- SENCLÉR – Mas a Tromba-d’Anta é longe, e mais perto de cidades. Porque é que quis vir p’ra os Gerais então? Por lá matou alguém de crime?
- LÉLIO – Ah, cruz de Jesus, não. Eu sou o Lélío do Higino. Meu pai era o vaqueiro Higino de Sás, em Deus falecido.
- SENCLÉR – Pois, veio por caçar no Chapadão o lume da fama de seu pai?
- LÉLIO – Nhor não. Só saudade do destino.
- SENCLÉR – Você é solteiro, então?
- LÉLIO – Nhor sim, solto, solto. De alma esvaziada, nenhum peso de pena, nem preocupação, no calado.

Abre, vagorosamente, um foco de luz em Lina

- LINA – *(quase sussurrando)* Goiabeira, lenha boa: queima mesmo verde, mal cortada da árvore...
- LÉLIO – Voz diferente de mil, como um rio que vai passando. Uma mocinha...
- LINA – *(virando-se para Lélío)* Você é arte-mágico? Uma velhinha! Uma velha ...uma senhora. S’ tarde!
- LÉLIO – Deus em paz! Dona, a senhora deixa, eu carrego, eu ajudo.
- LINA – A Crispininha e a Golga não tomam trabalho de escolher, trazem pra casa lenha de qualquer má qualidade. Por isso não posso ver atôa, um galho de pau d’arco, ou de murici. Carregar peso leve é que cansa homem. Mas não faz mal não, você vem que eu sirvo uma xicra de café. *(Lélío carregando a lenha. Os dois caminham lentamente)* Rosalina. Você acha bonito, o nome? Já fui mesmo rosa. Não pude ser mais tempo. Ninguém pode. Estou na desflor. O lugar aqui se chama a Lagoa-de-Cima. *(retirando os carrapichos presos na roupa de Lélío)* Sabe o nome destes, meu Mocinho? É amor de tropeiro *(ri)*
- LÉLIO – *(olhando para Lina)* Um dia a moça Sinhá Linda de Paracatu podia ter rido assim.
- LINA – Que saudade é essa, assim confusa?
- LÉLIO – A Mocinha de Paracatu... Sinhá Linda. *(abre um foco de luz em Sinhá Linda com malas de viagem)*
- S. LINDA – Paracatu é tão distante e apartado daqui ! É o lugar mais longe desse mundo, no fim de um enorme campo limpo. Eu estou só de passagem, com a minha famí-

lia cidadôa! Queria encontrar coisas de vista. Qual é o nome daquele passarinho? Você não sabe?

LÉLIO – Por causa dela e do instante de Deus, eu me aventurei os sertões dos Gerais e vim esbarrar aqui no Pinhém.

S. LINDA – Será que já é o Sertão? Mas já é o Sertão, sim.

LÉLIO – Perto dela eu tinha vexame do que era e do que não era. De repente eu tinha de ser no pino de bonito, de rico, de forçoso, grande demais em vantagens. Mais do que homem, da ponta do bico da bota até o tope do chapéu.

S. LINDA – Tanto sol, tanta luz.

LÉLIO – Se ela olhasse e mandasse, eu tinha asas.

S. LINDA – Este céu é o da Itália!

LÉLIO – Na vivice do seu rosto sucedia o resumo de uma lembrança sem paragens.

S. LINDA – O Buriti é a palmeira de Deus.

LÉLIO – Eu carecia de servi-la, de oferecer-lhe alguma coisa.

S. LINDA – O chá de congonha é choco. Mas o de cagaitera é dourado lindo e delicado. Tem perfumes suaves.

LÉLIO – *(retirando um pote de doce da sua sacola)* Acordei antes do dia, montei e galopei meia-léngua, ante onde diziam que se conseguia achar um doce de buriti, bom especial.

Lélio, de onde está, oferece à S. Linda, receoso, um pote de doce de buriti.

S. LINDA – *(ri, sacode a cabeça negativamente)* Doce de buriti é um doce grosseiro. Ruim.

Apaga-se o foco de Sinhá Linda.

LÉLIO- Ela dói um pouco. Uma lembrança que queima. Mas para mim, há de ser sempre linda no mundo. Um confirm. Uma saudade sem razão

LINA – Lélio, meu Mocinho, você é o sol – mas só ao sol mesmo é que nuvem pode prejudicar. Tenho até pena de que essas moças te esperdicem. Você devia de ter me conhecido era há uns quarenta anos, dançar quadrilha comigo. Agora é que você vem vindo, e eu já vou m'mbora. Ou fui eu que nasci demais cedo, ou foi você nasceu tarde demais.

Ruído forte de boiada, os dois se voltam para olhar.

A boiada ocupa o espaço, engole os dois.

Um breve aboio, a boiada sai pelo lado oposto, deixam em cena Aquina e Bici, frente a frente, num extremo da arena.

AQUINA – Do lado do outro lado, no Seistavado, à beira da lagoa Itãs, a iazinha Bici, moça feita para ser noiva, flor de rososo jardim, de brancura, palhacinho de lindeza, água em moringa, mão canhota.

BICI – Aquina, banda de mão direita, ociosa meretriz, à Caçapa, feitiçosa, no sombreado, relemburada, xodó e chamego, uso vezo. (*tempo*) Em maio, em Minas, onde céu se vê azul. Passa-se do sertão uma boiada, estorvos e perigos dos dois lados. Dorianos de gibão e jaleco, homem maltratado e honrado pela vida.

AQUINA – Destino a porteira do patrão e dono, movia para o sul semi-selvagens bois. Fiava nem menos no comum dos vaqueiros, rabujos.

BICI – E havia segunda boiada, que também do mesmo dono, à vara dum Drujo, porfiador, três vezes rival, desamigo.

AQUINA – Drujo, competente, virava o que valia, nem um boi perdido, adoecido ou estramalhado.

BICI – Drujo, desamigo – revés. Dali ainda longe, nós duas, amores contrários que Dorianos cuidava, esperando seu resolver.

AQUINA – Dorianos protelava o pensar, tudo consigo não falava.

BICI – Sofria só a dificuldade: a de escolher.

AQUINA – Dorianos querendo esquecer o Drujo, foi se lembrar de mim, e da outra.

BICI – Ele tinha de travar plano; e o coração não concordava. Decidir logo formava danada ação. E Drujo, invejador, que por Aquina e por mim...

AQUINA – ...garapa e mel...

BICI – ...também cobiçava! Dorianos que caçasse do fino do ar a resolução.

AQUINA – o rumo do chão, gado e gente, nem tanto à várzea nem tanto à serra. Espiou o poente, espionou o nascente, pensava se havia o Drujo de trotear e caçar de se tremer com alguma de nós. Mas qual?

BICI – Se ao Rulimão fosse, mão direita, à Aquina, à Caçapa, com dinheiro, o alforrio; se quisesse, Dorianos lá ficava, três tempos, dias e mais. Sorriu, com boa maldade.

AQUINA – Mas ele foi é para o Seistavado, mão canhota, com sua palavra de homem, visitava a Bici, moça, e a mãe e pai, pelo pedido, finitivo. Já de noite: enchida a lua,

Doriano apalpou de repente no coração, a Bici, notou que amava. Tinha o nome dela, levantado sozinho, feito prendida no tope do chapéu branquinha flor.

BICI – O amor menos é um gosto para se morder que um perfume, de respirar. Tudo desvirava do incerto, remoído bem, depois das núncias e arras

AQUINA – E olhando para trás em frente olhava. Doriano e a tal. Nem sabendo o que a acontecer. Tendo a perfeita certeza.

Apaga-se a luz delas, acende-se de imediato uma luz no extremo oposto da arena.

Lélio e Lina ao lado do fogão de lenha.

Lina, com uma panela na mão, faz um doce.

Lélio com roupa de domingo, sentado num banquinho.

LÉLIO – Sempre que eu vou para uma novidade de mulher, espero qualquer maravilha de quase milagre.

LINA – É o regalo do corpo. Homem foi feito assim, barro de Adão não é de pedra.

LÉLIO – Na hora, tudo é tão muito menos do que o imaginado. Só depois, muito tempo, no descorpo da lembrança da gente, é que aquele viço antigo das coisas tornava a lumiar.

Abre foco paralelo em Mingôlo.

MINGÔLO – Então, companheiro, a tudo vamos. Elas estão só esperando a gente.

LÉLIO – As raparigas?

MINGÔLO – Menino não fala em raparigagem não que com seu direito elas desse nome não gostam...As “tias”, fazem só por prazer de artes. Não recebem dinheiro nenhum. De vez em quando, quem quer dar, dá um presentinho. Elas moram numa casinha à beira do córrego, depois daquela capoeirinha.

LÉLIO – E o seo Senclér deixa? E Dona Rute?

MINGÔLO – Elas é que lavam a roupa toda da fazenda, botam remendo, costuram botão, fazem remédio p’ra quem precisa. Bom, por antes, diz uma verdade, da de juramento: você tem doença de rua nenhuma?

Lélio nega com a cabeça

MINGÔLO – Tiver, vai não, que com essas você mal resulta. E aqui nós também queremos a ordem de regra, pela saúde de todos. A primeiro, se tratar... *(animando-se)* Olha, a Conceição é a preta. Mas uma preta sacudidona, não tem um defeito num dente.

Entra Conceição no foco de Mingôlo.

MINGÔLO – Ô morena! Morenando sempre mais?

CONCEI – Cê quer brancura ou quer fartura?

MINGÔLO – Oxente! Acho que vou querer é você, até sapo suspirar em córrego!

CONCEI – Pois vem.

MINGÔLO – E qu'ê da Tomásia?

CONCEI – Contente que está no quarto, com o Zé Amarel. O menino também carece de aprender, pois não carece?

MINGÔLO – *(olhando para Lélío)* Você está em estado de esperar? *(silêncio. decide, generoso)* Pois então vou ceder vez ao companheiro novato, por escala.

Mingôlo sai.

Conceição sorri e acena para Lélío.

CONCEI – Bom que cê veio, conhecer os préstimos de mulher. A gente já estava esperando, poder avistar o novo, como é... Ah, esta preta ouro vale.

LÈLIO – Ê! ...carinho escorrido e certo, carinho de mãe que achega o filho, com o perdão de comparar.

CONCEI- Ah, mas, direto depois, eu viro estonta, rolo, sacudo meus meneios. Te fecho como cavaleiro que não deixa o animal defastar. Agüenta bem, tem medo não.

LÈLIO – Essas ancas não se poupam. Só posso gostar delas.

CONCEI – Coice de égua não machuca cavalo.

O foco se apaga aos poucos enquanto os dois se abraçam.

Acende-se outra luz.

Tomásia vem por ela.

LÉLIO – A Tomásia clara é, e mesmo não feia. No caminhado empina um apuro, para seu andar causar bonito.

TOMÁSIA – (*para Lélío*) Tu tá sem tempo, ô coisa? Não espera pra conhecer a Tomásia? Muito prazer... Descansas repousado, Bem, pra te acostumar com o lugar. Boi sempre estranha bebedouro novo.

LÉLIO – Quem trouxe você pra cá?

TOMÁSIA – Quem? Adivinha, só. Não acerta? Pois foi o seo Senclér, mesmo, Bem. Ele já teve rabicho por mim. Eu tenho muito lombo. Já fui de zona, de bordel, na cidade – lá me chamava era Lindelena.

LÉLIO – Tanto damêjo de soberania, parece estar esperando de ser tirada para uma dança.

TOMÁSIA – Bem, vamos principiar, que tem os outros lá fora esperando. Agora que a gente está assim em lua-de-méis, você pode vir aqui em dia de semana também, de tardinha, no escurecer. Tu vens?

LÉLIO – Uai, e pode?

TOMÁSIA – Não abusando, pode. Variar é variar. Tomásia tem nojo, não, gosto é de ensinar mimos senvergonhados.

Mudança de luz.

Lélío volta para o fogão, ao lado de Lina.

LÉLIO – Agora estou aqui, em tão boa pureza, feliz de paz, e me envergonho donde vim, ainda nesta manhã.

LINA – Das “tias”? Ora meu Mocinho, você é homem, carece. Elas são pessoas. Mas deve não ficar atormentando cabeça, depois, porque foi.

LINA – O que aquelas duas dão é grosso e raso simples, como um mingau de fubá e leite, comido de manhã cedo.

LÉLIO – Eu não estava inteiro naquilo. Sobe uma tristeza, um desespero de sair do mole do diário, arranjar meu jeito, tirar de mim um esforço grande, mesmo como eu nunca fiz. Sinhá Linda... Vou gostar não de mais ninguém.

Sá Linda aparece numa luz.

SÁ LINDA – Pode ser que essa moça nem seja boa, nem saúde de mulher verdadeira ela demonstra ter. Escuta: mulher que não é fêmea nos fogos do corpo, essa é que não floresce de alma nos olhos, e é seca no coração...Tira isso. Te esconde da tetéia coitadinha, que ela nunca vai saber o que a vida é. Pede a você mesmo para ir se esquecendo dela aos pouquinhos, meu Mocinho...

Entra um bando ruidoso de jagunços de um lado, gritando e assobiando.

Estacam diante de Liojorge, no centro da arena.

DAMASTOR – Mecê não tenha a expediência de se aproveitar para escapar, que não adianta. Inútil resistir, inútil fugir, inútil tudo porque lhe corto as orelhas. (*puxa o punhal*)

LIOJORGE – Minha tenência é no ir.

DAMASTOR – Pois, Liojorge, sem escape. (*avança para ele*)

LIOJORGE – Pois então, com todo respeito. (*tira de trás das costas uma garrucha e atira*)

Súbito black-out.

Ruído de tiro exagerado, prolonga-se num eco.

Antes que termine o som:

luz.

Deitado na caminha, ao lado do fogão, Lélío febril, quase delirante.

Lina trata dele, dando-lhe chá.

LINA – Meu mocinho, o senhor está com olheiras e olhos vermelhos. Você está pouco dormido.

LÉLIO – Ai os olhos, enormes verdes, verdes que mancham a gente de verde, que pediam o orvalho...olhos maiores do que pessoa, que tudo tapavam.

LINA – Fala meu Mocinho: verde como o que?

LÉLIO- Jiní ... a gente ia vendo e levava um choque... o vulto leve no ar, podia voar feito um pássaro, desaparecer no vento....

Abre foco em Jini. Ela está agachada com uma cuia nas mãos.

JINI – Meio cansado? Com sede?

LÉLIO – Beleza solta, tanta coisa que podia vir com ela, eu queria adivinhar... O desliz do corpo, os seios pontudos... os proibidos... as pernas que chamavam as mãos da gente...

JINI – Esbarra aqui, um instantim...

LÉLIO – nenhum pensamento cabia no alvoroço daquela alegria...

JINI – Eu te espero, no meio da estrada.

LÉLIO – ela mandava em todas as partes onde batia o meu sangue... aumentava o volume do meu corpo.

JINI – *(segredando)* Não, você vem aqui, a noitinha.

LÉLIO – Esse poder de livrar a gente de pensar em outra coisa qualquer! Um acontecido assim avultava felicidade...

JINI – O Tomé viajou. Distância de dias para se ir e voltar.

LÉLIO – Mas vir aqui, em sua casa de vocês dois, isto eu não posso... Como é que posso?

JINI – Então ali perto, debaixo do anjelim-rosa, onde tem a laje grande. Lá ninguém vai.

LÉLIO – Por coisa bêbada alguma deste mundo, não havia de desrespeitar o que era de um tão bom companheiro.

JINI – Careço muito de pedir sua opinião num assunto. *(levanta-se)*

LÉLIO – Um corpo quente, cobrejante, e uma boca cheirosa, beijos que se mexiam molhes molhados, que beijando. Jini... trago desprendido de cálice ou garrafa. Uma tonteira de se beber. Quase não falava.

JINI – Faltam seis dias para ele voltar.

LÉLIO – O Tomé é triste?

JINI – *(tornando-se irritada)* Triste? Praga! Mas ele já é assim mesmo assim. Ah, ô homem sem sinal de sal! Pensa que ele é melhor que todos...!

Foco de Jini vai se fechando.

LÉLIO – Estou sendo em sonho no acordado, fevrém de febre. De qualquer modo meu trabalho dou correto. Nem o Aristó, nem o seo Senclér podem vir com ora meus.

LINA – Tudo está certo meu Mocinho. Tudo vale é no fim. Guarda a sua coragem.

Lina sai de cena.

Entra Adélia Baiana, de luto, pelo seu marido Ustavo.

Aproxima-se de Lélío, caminhando macio.

ADÉLIA – Mecê era amigo do Ustavo, meu marido?

Lélío fica paralizado ouvindo Adélia falar. Quase não tem coragem de olhar para ela.

ADÉLIA – Muito amigo dele? Gostava muito dele? *(pausa)* Dois dias antes de morrer, o Ustavo tinha falado que “esse Lélío é moço escovado, o melhor de todos.” E que ia dar-lhe um aviso de cautela com o Tomé. Por causa da Jini, mecê sabe.

LÉLIO Mas eu não tenho nada com a Jini, eu juro!

ADÉLIA – Oxente! Mas então mecê deve levantar antes do sol, três dias de seguida, ir colher um raminho, sempre da mesma árvore, na beirada do córrego, e quando voltar, joga o raminho para trás, sem espiar, e falar: *Te esqueci em azul...*Falar três vezes...

LÉLIO – Feitiço?

ADÉLIA – Oxente, pois só de viver no meio dos outros, a gente, cada um está fazendo feitiço, toda hora...Só que não sabe...

Lélío ainda amedrontada.

ADÉLIA – Mecê acredita que defunto que fica com os olhos abertos é porque vai vir buscar outro, dentro em breve? O Ustavo morreu de olhos abertos. *(pausa)* Agora, eu estou por aqui, sem homem, sozinha. Que é que vai ser de mim?

Adélia põe a mão de leve no ombro de Lélío.

Novo susto.

Adélia sai choramingando, andando macio.

Volta Lina.

LÉLIO – Eu tenho um susto guardado dentro de mim. Basta a maldade de alguém ir denunciar ao Tomé certos assuntos e é o meu-deus, horrorosamente. Eu queria caminhar até o Tomé, cumprir destino, dizer a ele uma palavra de amizade, mas não consigo.

Abre o foco em Jini, com o chapéu de Tomé na mão. Parece triste.

- JINI – O Tomé. Fez viagem. De mudado. De definitivo. Disse um abraço pra você.
 LÉLIO – Ele não volta, nunca mais?
 JINI – Volta não. Levou tudo que era dele.
 LÉLIO – *(apontando para o chapéu)* E isso?
 JINI – Esse ele não gostava dele mais, não quis carregar. *(pausa)* Você quer ver se em você serve?

Lélio reprova com os olhos. Jini joga o chapéu no chão.

- JINÍ – Mas eu também careço de viver...Careço de ter quem me proteja.
 LÉLIO – Tenho mesmo de ir embora.
 JINÍ – *(imperativa)* Vem, vem *(quase gritando)* Vem, você vem... *(como se pegasse terra do chão)* Toma. Pega terra, joga em mim. Cão, corno! Meu boi des gostou desse capim...Vão ver como eu hei de saber ser senhora-dona, mãe de família. Cambada de galos capões. *(sai)*

Lélio abatido, um tempo em silêncio.

- LINA – Fala meu Mocinho. Mas fala sem punir. O que existe na gente, existe nos outros.
 LÉLIO – Cada um que se vai, foge com um pouco da gente. A gora requer existir no miúdo, desimaginar.
 LINA – Quando o calor do fogo esquentar a chaleira, meu Mocinho, tudo vira bolha.

Nhinhinha entra, saltando de uma perna para outra.

Lélio e Lina olham enquanto a luz deles se apaga.

Nhinhinha vai sentar ao fundo, no tamboretinho.

O pai anda em círculos por fora da arena e observa atento ao que se passa.

A mãe aparenta certa fraqueza, está à parte com Tiantônia.

TIANTÔNIA – Nhinhinha... Parada quieta, não quer bruxas de pano, brinquedo nenhum. Sempre sentadinha, pouco se mexe. Ninguém entende muita coisa que ela fala... É só a pura vida. Mas começou a fazer milagres. Uma vez queria...

NHINHINHA – Eu queria o sapo vir aqui.

TIANTÔNIA – Aí, reto, aos pulinhos, o ser entrou na sala, bela rã brejeira, rã verdíssima. Dias depois, com o mesmo sossego...

NHINHINHA – Eu queria uma pamonhinha da goiabada.

TIANTÔNIA – Nem bem meia hora, chegou uma dona, de longe, que trazia os pãezinhos de goiabada enrolada na palha. Daí duas manhãs queria o arco-íris. Choveu. E logo apareceu o arco-da-velha.

MÃE – O que ela quer, que fala, súbito acontece. Só que quer muito pouco, e sempre as coisas levianas e descuidosas. Devemos guardar segredo. Que não venham aqui os curiosos, gente maldosa interesseira, com escândalos. Ninguém, nem os parentes de mais perto, devem saber.

PAI – Pegou a aborrecer, é que de tudo não se tire o sensato proveito. Quando ela crescer e tomar juízo, irá poder ajudar muito a gente.

NHINHINHA – Menino pidão... Menino pidão... (*sorrindo, dedinho para o céu*) Alturas de urubuir... altura de urubu não ir. Estrelinhas pia-pia. Cheiinhas! Tudo nascendo! Eu quero ir para lá.

MÃE – Nhinhinha, que é que você está fazendo?

NHINHINHA – Eu... to-u... fa-a-zendo. Eeu? Tou fazendo saudade.

MÃE – Dos parentes já mortos?

NHINHINHA – Vou visitar eles... O ar está com cheiro de lembrança...

A Mãe ofegante estende a mão a Tiantônia que a ampara quase desmaiada.

TIANTÔNIA – Sua mãe está adoecida de dores, que é de nenhum remédio. Fala a cura.

NHINHINHA (*sorri segredando*) – Mas, não pode, ué... Deixa... Deixa...

Lentamente levanta-se, abraça e beija a Mãe que com estarecida fé, sara então, num minuto.

NHINHINHA – Menina grande... Menina grande... (*pulando e correndo*) Tatu não vê a lua. O passarinho desapareceu de cantar... Ele xurugou?

MÃE – Adivinhou passarinho verde?

Nhinhinha de súbito pára de correr e volta a sentar no tamboretinho.

NHINHINHA – Quería um caixãozinho cor-de-rosa, com enfeites verdes brilhantes....

Todos atônitos param e voltam-se para ela.

Música.

Nhinhinha isolada num foco de luz que cai muito lentamente, enquanto entra um cortejo liderado por Tiantônia, pela Mãe, pelo Pai: quatro jagunços levam um caixãozinho de defunto igual ao descrito.

Cantam uma incelença enquanto saem.

Música: uma valsa tocada na sanfona se funde à incelença e domina.

Mudança de luz

Lélio dança com Lina na Festa de Natal.

Outros casais dançando em cena.

LINA – Meu Mocinho, fiquei reparando a feição de você avistar estas moças, tão aprazíveis, e acho que você já tem um amor bem no guardado, porque com nenhuma delas, seu coração mesmo não se importa.

LÉLIO – Manuela e Mariinha... com qualquer das duas eu tinha um caso de felicidade.

LINA – A Mariinha é tão franzina, tão nova, e sabe de frente o que quer. Nas maiores artes ela é muito parecida com você. Não dava certo. A Manuela...está podendo começar a gostar de você.

LÉLIO- O Canuto não tira os cujos olhos das pernas da Manuela. As formosas pernas grossas de moça que come muita abóbora. Ela mesma não esconde muito as pernas.

LINA – O Canuto vive desnordeado, atormenta os outros, não sabe o que quer e não quer.

Música. Entra Manuela e tira Lélio para dançar.

Lina observa.

LÉLIO – Aoé, e o Canuto?

MANUELA- Ah, pr'a ver: com o Canuto valsei, aquela outra dança, e você nem ao menos reparou.

LÉLIO- (*enciumado*) Ah, foi?

MANUELA- (*maliciosa*) Está sentindo pela Jiní não estar aqui? Festa é o contrário de saudade.

LÉLIO- Estou sentindo pelo Tomé. Pelos dois...

MANUELA- (*encarando-o, amorosa*) Só eles não vieram porque não quiseram, porque estão brigando de ódio de amor, o tempo todo – é o que se diz. Mas bem que eles foram convidados. Hoje é dia de Natal.

LÉLIO- (*repentinamente inquiridor*) Você ainda gosta do Canuto? Responde o real?

MANUELA- (*chocada com o jeito de Lélío, com voz tremida*) Eu gosto de quem gosta de mim...

LÉLIO – O Canuto me disse que já estive com você em corpos, conheceu você como mulher. E pensou que você consistisse ainda virgem!

MANUELA – Eu mesma, sem o Canuto perguntar nada, confessei que, antes dele, outro me tinha deflorado. Um desses “botinhas”, fiscal de Banco, que veio ao Pinhém para orçar zebus. Me prometeu feliz casamento, e sucede que não deu mais notícias. (*sai*)

LÉLIO – A Manuela ...é resto de dois!

Lina aproxima-se maternalmente de Lélío, para acalmá-lo.

LINA- Fala, meu Mocinho: *Macio feito pedra...Macio feito pedra...*- Quando a pedra amaciar, você então sabe o que macio.

LÉLIO- (*ainda perturbado*)A senhora assente d'eu passar a noite aqui, na sua sala?

Lina, maternalmente, começa a arrumar um canto para Lélío descansar.

LINA- Só porque o Canuto é um bobalhão e a Manuela uma boa moça, você não tem que ficar atalhado assim. Ela teve confiança num, depois teve no outro. O Canuto carregou o caso. Criatura humana é muito constante na tolice, tem a tolice na natureza. Bem que esse Canuto enquadrava para uma boa sova...

LÉLIO- (*deitando-se para descansar*) O cão! (*tranqüilizando-se*) A senhora sim... semelha pertencer a outra raça de gente.

LINA- *(próximo de Lélío)* É. Mas, às vezes eu acho que você gosta é mesmo da Sinhá Linda de Paracatu, só porque ela está tão fora dos alcances, tão impossível, que você tem licença de pensar nela sem a necessidade de pensar logo também no que você é e não é, no que você queira ser.

Lina põe a mão de leve na testa de Lélío, que adormece. Lina sai.

Entra Mariinha dançando com um homem mais velho (seo Senclér)

De repente, o homem pára de dançar. Oferece uma flor para ela e começa a se afastar.

MARIINHA *–(implorando)* Me leva, me leva junto...

O homem, embaraçado, sai.

Mariinha com a flor na mão aproxima-se de Lélío que dorme.

MARIINHA- *(acordando Lélío)* Você não gosta de ninguém?

LÉLIO- Mariinha ... você amanheceu em mim...

MARIINHA- Deve de ser bom a gente não gostar, ser dono de si...Pior de tudo é amor sem esperança. *(dando a flor para Lélío)* Te dou, por querer. Você é meu amigo. Careço de ter um amigo, homem. Em você eu acho rumo de confiança.

LÉLIO- Te amo por querer!

MARIINHA- Lélío, você não me deu tempo, eu não expliquei. Eu gosto de outro, eu amo...não pergunte.

LÉLIO – O seo Senclér?

MARIINHA- Acho que vou em sorte a pior, por esse amor.

LÉLIO- Mas você desguardou juízo?

MARIINHA- Juízo e amor , juntos, não é coisa demais? Amar por amar – talvez seja melhor amar mais alto. *(levanta-se)*

Abre um foco de luz paralelo.

Agrupadas, todas as mulheres que participam da estória.

Mariinha é a última a se incorporar. Sinhá Linda está na frente.

Todas têm uma flor na mão. O foco vai se apagando lentamente

Entra Lina, com vestido verde escuro..

- LÉLIO – Lei do mundo é o desencontro. Amar – pronunciado tanto – parece coisa muito diversa de gostar: parece um terrível.
- LINA – É a espécie rara de se achar. Vagueia de serra em serra, de vereda em vereda.
- LÉLIO – Sinhá Linda...é o beija-flor que entra por uma janela e sai por outra.
- LINA- Um amor tem muitos modos de parecer que morreu.

Lélio abraça Lina

- LÉLIO – É nada?
- LINA – É tudo! Sinhá Linda foi embora e agora está em toda parte. Eu sei e o seu coração sabe, que algum outro lugar deve estar esperando você.
- LINA – Por que ainda não fui, então? *(pausa)* E se a senhora vier também?!
- LINA- Mas, meu Mocinho, uma velha não se carrega. Estou em fecho de meus dias.
- LÉLIO- *(como num conto de fadas, pegando Lina no colo)* Mãe, vamos junto. Se não, eu sei, eu tenho a sorte tristonha.
- LINA- Pois então vamos, meu Mocinho. Deixa dizerem. Ai, rir...Vão falar que você roubou uma Velhinha velha. Parece até que ainda estou fugindo com namorado...A perseguir, pelo furto da moça, lá vem o pai com os jagunços do pai...

Música: a mesma valsa do início da cena.

Novamente se funde à incelença, cantada ao lado de Damastor Dagobé defunto.

Muita gente reunida no velório

- MULHER 1 – José Boi caiu de um barranco de vinte metros; ficou com a cabeleira enterrada no chão e quebrou o pescoço. Mas, meio minuto antes, estava completamente bêbado e também no apogeu da carreira: era o “espanta-praças”, porque tinha escaramuçado, uma vez, um cabo e dois soldados que não puderam reagir por serem apenas três.
- MULHER 2 – Você conheceu?
- MULHER 1 – Mas muito!...Bom homem...Só que ele andava sempre coçando a cabeça, e eu tenho um medo danado de piolho...
- MULHER 2 – Podia ser sinal de indecisão...
- MULHER 1 – Eu acompanhei até o enterro. Nunca vi defunto tão esticado de comprido... Caixão especial no tamanho: acho que levou mais de peça e meia de galão...

MULHER 2 – E quem tomou o lugar dele?

MULHER 1 – Lugar? O sujeito não tinha cobre nem p’ra um bom animal de sela... O que ganhava ia na pinga... Mão aberta...

MULHER 2 – Mas quem ficou sendo valentão, depois que ele morreu?

MULHER 1 – Ah, isso teve muitos: o Desidério... Só que era bruto como ele só, e os outros tinham medo dele. Cavalos coiceiros... Comigo nunca se engraçou!

MULHER 2 – Como acabou?

MULHER 1 – Acabou em casa de grades. Foi romper aleluia na cidade, e os soldados abotoaram o filho da mãe dele... Não voltou aqui, nunca mais...

MULHER 2 – E o tal Dêjo?

MULHER 1 – Esse foi depois... Antes teve o Miligido... E o nome daquele era Adejalma, nome bobo, que nem é de santo... Um peste. Muita prosa, muita farroma, mas eu virei o cujo do avesso! Me respeitou!

MULHER 2 – Como?

MULHER 1 – Foi na venda: eu estava comprando cadaço de roupa, coisa de paz... O homem já veio chegando enjoado, me olhando com cara de herege... Negaceou. Depois, virou p’ra o Pércio, que era caixeiro nesse tempo, e perguntou: “O senhor tem aí dessa raça de faca que entra na barriga e murgueia?” E olhou p’ra mim, outra vez, p’ra ver se eu estava com receio...

MULHER 2 – E você?

MULHER 1 – Nessa horinha vinha entrando um tropeiro da Soledade, que era homem duro, e pensou que a ofensa era p’ra ele... E aquilo foi o tropeiro dando um murro no balcão, e tossindo, e perguntando também p’ra o Pércio: “Por falar nisso, o senhor não terá também dessa raça de bala que bate na testa e chateia?!” Pois aí o Adejalma se riu de medo, e disse que estava era brincando... *(as duas riem)*

MULHER 2 – Mas, então, como foi que você virou o Dêjo pelo avesso?

MULHER 1 – Ara, ara! Se o tropeiro não tivesse entrado, eu fazia desordem, e fazia mesmo... Porque, depois, o cachorro do Adejalma ainda me perguntou, só por deboche, porque ele estava cansado de saber quem eu era: “Como é que você chama?”...

MULHER 2 – E você?

MULHER 1 – Eu respondi: “Só eu perguntando p’ra minha mãe”... *(as duas riem)*

MULHER 2 – E ele?

MULHER 1 – Um desgraçado! Era só ele bulir, e eu mais o tropeiro mandávamos o corpo dele p’ra o quincumbim... Aquele sujo! Assassino! Tralha!

MULHER 2 – (*ri*) Que raiva é essa, fora de hora?

MULHER 1 – Cachorro! Morreu de erisipela na cara...

MULHER 2 – E o Miligido?

MULHER 1 – Esse era bom... Homem justo. O que ele era era preto... Mais preto do que os outros pretos, engomado de preto... Eu acho que ele era preto até por dentro! (*as duas riem*) Valentão valente, mesmo. Um dia ele me deu uma escova de dente, quase nova... Eu acho que ele encontrou a tal nalgum lugar e não sabia que serventia aquilo tinha... (*riem*)

MULHER 2 – Matou muita gente, o Miligido?

MULHER 1 – Quase nenhum, que eu esteja lembrada... Também, todo mundo tinha medo dele... Cada um dizia amém antes de ele rezar o fim da reza... Está vivo, mas não é valentão mais. Muito velho... Deve de andar beirando uns setenta... Agora...

MULHER 2 – Agora, o valentão é o Targino...

MULHER 1 – Nem fala. Esse é ruim mesmo inteirado... Não respeita nem a honra das famílias! É um flagelo...

MULHER 2 – Mas não parece...

MULHER 1 – O quê? Aquilo é cobra que pisca olho... Quando ele embirra, briga até com quem não quer brigar com ele... Nenhum dos outros não fazia essa maldade... Acha que isso é regra de ser valentão? Eu sei que, por causa de uns assim, até o Governo devia era de mandar um quartel de soldados p'ra aqui p'ra Laginha...

MULHER 2 – Você tem raiva desse também?

MULHER 1 – Não é raiva, não: é gastura... Esse-um é maligno e está até excomungado... Ele é de uma turma de gente sem-que-fazer, que comeram carne e beberam cachaça na frente da igreja em sexta-feira da Paixão, só p'ra pirraçar o padre e experimentar a paciência de Deus... Eles todos já foram castigados: o Roque se afogou numa água rasinha de enxurrada... ele estava de chifre cheio... Gervásio sumiu no mundo, sem deixar rasto... Laurindo, a mulher mesma torou a cabeça dele com um machado, uma noite... (*riem*) foi em janeiro do ano passado... Camilo Matias acabou com mal-de lázaro... Só quem está sobrando mesmo é o Targino. E o castigo demora, mas não falta...

MULHER 2 – Mas, nesta sobrança, ele é quem vai castigando os outros, por conta própria...

MULHER 1 – Deixa ele... P'ra cavalo ruim, Deus bambeia a rédea... Um dia ele encontra outro mais grosso... Eu já estou vendo o diabo, com defunto na cacunda!... Esse sujeitiho ainda vai ter de dançar de ceroula! Isto aqui é terra de gente brava...

MULHER 2 – Verdade?

MULHER 1 – Pode aprovar. Até João Brandão, que foi parente no clavinote, deu volta quando passou por aqui... Meu pai viu isso... João Brandão vinha vindo p'ra o norte com os seus homens, diz-se que ia levando armas p'ra o povo de Antônio Conselheiro, mas de uns vinte burros, com as cangalhas encaçadas... Na passagem de onde hoje é a ponte da Quininha, tiveram um tiroteio com os soldados... Isto aqui é uma terra terrível... Eu mesma... Fui batizada com água quente...

MULHER 2 – E os irmãos Dagobé?

MULHER 1 – Ah, esses...

Som de chuva. Velório. Sentadas, quatro mulheres de luto.

- QUATRO – Enorme desgraça...
- DOIS – Demos, os Dagobés, gente que não presta.
- TRÊS – Sem mulher em lar, sem mais parentes...
- UM – Sob a chefia do recém finado....
- TRÊS – “Os meninos”, segundo seu rude dizer.
- DOIS – Dismundo...
- QUATRO – Derval...
- TRÊS – Doricão...
- UM – Damastor, que agora, porém, deixou de oferecer perigo.
- QUATRO – Lagalhé pacífico e honesto, o Liojorge...
- DOIS – Liojorge... Enviar Damastor Dagobé para o sem-fim dos mortos...
- UM – O Dagobé ameaçou de cortar-lhe as orelhas. Avançou nele, com punhal e ponta...
- TRÊS – Sem sabida razão...
- DOIS – Mas o quieto do rapaz, arranjou uma garrucha...
- UM – Despejou-lhe o tiro no centro dos peitos, por cima do coração.
- TRÊS – Até aí, viveu o Telles...
- AS QUATRO (*em seqüência desencontrada*) – Liojorge...
- DOIS – Os Dagobé... Não obraram vingança?!
- UM – Em vez, apressaram-se de armar velório e enterro.
- QUATRO – E é mesmo estranho...
- DOIS – Isso pode-se entender?
- DERVAL – Desculpe os maus tratos.
- DORICÃO – Deus há de-o ter!
- DISMUNDO – Meu bom irmão...
- QUATRO – Fazem as devidas honras serenos...
- DOIS – Sem folia.
- UM – O finado, deixou boa quantia de dinheiro, em notas, em caixa.
- TRÊS – Guardar brasas em pote...
- DOIS – Os chefes de tudo vão deixar uma paga em paz?!
- TRÊS – Sangue por sangue.
- QUATRO – Depois do cemitério pegam o Liojorge?

DOIS – A gente vai ver, à espera.
 TRÊS – Tempos, estes...
 UM – O defunto fede um pouco.
 QUATRO, DOIS e TRÊS – Arre!

Entra Liojorge. Comoção geral. Silêncio opressivo.

LIOJORGE (*entra*) – Com Jesus!

AS QUATRO (*sussurram, desencontradas*) – O Liojorge, o Liojorge, o Liojorge....

LIOJORGE (*pra todos*): – Afianço que não quis matar irmão de cidadão cristão nenhum, puxei só o gatilho no derradeiro do instante, por dever de me livrar, por destinos de desastre! Matei com respeito. E, por coragem de prova, me apresento, desarmado, aqui perante, dei fé de vir, pessoalmente, para declarar minha forte falta de culpa. (*vai a passos lentos em direção aos irmãos*)

QUATRO – De alma entregue...
 DOIS – Uma humildade mortal...
 UM – Valente sem retorno...
 TRÊS – Feito um cordeiro...

Sai o cortejo fúnebre. Andam um pouco, canta-se uma incelença.

Depositam o morto no chão.

Liojorge espera. Vai a passos pesados na direção dos irmãos.

O povo se amontoa atrás dos irmãos.

QUATRO – Tá rezando?
 TRÊS – Ih, esse não sabe parte de si...
 DOIS – Só a presença fatal!

Liojorge encara os irmãos.

UM – E agora?
 TRÊS – Vê só sete palmos de terra, dele diante do nariz?

Doricão avança imponente.

QUATRO – Levou a mão no cinturão!?

UM – Não.

DORICÃO – Moço, o senhor vá, se recolha. Sucedo que o meu saudoso irmão é que era um diabo de danado...

Os irmãos se viram para o povo, limpando as caras, agradecendo, despedindo-se.

DORICÃO – A gente, vamos'embora, morar em cidade grande...

Começa outra chuva com raio e trovão.

Abrem-se muitos guarda-chuvas pretos, saem todos apressados.

Black out.

O som da água muda, transforma-se num rio.

A luz se acende: um rio formado pelo corpo dos atores cruza a cena.

Ao marulho da água, funde-se ao alarido de pássaros na mata.

Aparecem Diadorim e Riobaldo numa luz.

DIADORIM – Vigia as garças, enfileirantes, de toda brancura; o jaburú; o pato-verde; marrequinhas dançantes; martim-pescador; mergulhão; até os urubus, com esse triste preto que mancha.

RIOBALDO – Nunca tinha ouvido dizer de se parar apreciando, por prazer de enfeite, a vida mera deles pássaros. Isso era para se pegar a espingarda e caçar.

DIADORIM (ri) – É formoso próprio... Vigia como são esses... É preciso olhar com um todo carinho. Machozinho e fêmea – às vezes dão beijos de biquinquim...

DIADORIM – Riobaldo, nós somos amigos, de destino fiel, amigos?

RIOBALDO – Reinaldo, pois eu morro e vivo sendo amigo seu!

DIADORIM – Riobaldo... Reinaldo... Dão par, os nomes de nós dois.

Diadorim tira da capanga o que nela guarda:

tesoura, tesourinha, pente, espelho, sabão, pincel e navalha.

Pendura o espelho e começa a cortar o cabelo de Riobaldo.

NARRADOR – Dum outro, que eu ouvisse, eu pensava: frouxo. Mas, do Reinaldo, não. Pensar mal é fácil, porque esta vida é embrejada. Mas ponho minha fiança: homem muito homem que fui, e homem por mulheres! – nunca tive inclinação para os vícios descontraídos. Então – o que era aquilo? Aquela mandante amizade.

Diadorim entrega a navalha a Riobaldo.

DIADORIM – Faz a barba, que está bem grandeúda.

Riobaldo se barbeia, enquanto Diadorim continua cortando seu cabelo com a tesoura.

DIADORIM – Pessoa limpa, pensa limpo. Eu acho. Depois, lava corpo no rio.

RIOBALDO – Vamos.

DIADORIM – Eu não vou. Só, por acostumação, tomo banho é sozinho no escuro, no sinal da madrugada.

RIOBALDO – Sempre eu sabia tal crendice, alguns procedem assim esquisito – os caburjos, sujeitos de corpo fechado.

Diadorim ri e não responde. Riobaldo prossegue.

RIOBALDO – Tanto sacrifício, desconforto de se esbarrar nos garranchos, às tatas na cegueira da noite, pelos barrancos, lajes escorregadas e lama atolante, mais o receio de aranhas caranguejeiras e de cobras! Não, eu não.

NARRADOR – Eu gostava dele, dia mais dia, mais gostava. Era ele estar perto de mim, e nada me faltava. Era ele estar longe, e eu só nele pensava. E eu mesmo não entendia então o que aquilo era? A vontade de chegar todo próximo, quase uma ânsia de sentir o cheiro do corpo dele, dos braços...

Ao longo do texto, Riobaldo termina de se barbear e começa a se despir: tira o jaleco.

Diadorim se perturba, começa a guardar rapidamente seus pertences na capanga.

Riobaldo despe a camisa.

Diante de seu peito nu, Diadorim fica mais perturbado, desvia os olhos.

Riobaldo nada percebe.

Vai tirar a calça, Diadorim o detém com um toque rápido no ombro. Riobaldo se imobiliza. Os dois se olham.

DIADORIM – Riobaldo, pois tem um particular que eu careço de contar a você, e que esconder mais não posso...

Pega do chão a camisa de Riobaldo e entrega para ele.

Riobaldo veste devagar enquanto Diadorim, nervoso, acende um cigarro.

DIADORIM – Escuta: eu não me chamo Reinaldo, de verdade. Este é nome apelativo, inventado por necessidade minha, carece de você não me perguntar por quê. Tenho meus fados. A vida da gente faz sete voltas – se diz. A vida nem é da gente... Você era menino, eu era menino...

Música. Mudança de luz.

RIOBALDO – Eu devia de estar com uns catorze anos. Eu acabava de sarar duma doença, e minha mãe tinha feito promessa para eu cumprir quando ficasse bom: eu carecia de tirar esmola, até perfazer um tanto – metade para se pagar uma missa, metade para se pôr dentro duma cabaça que se jogava no São Francisco...

RIOBALDO – Lugar de tirar esmola era no porto. Terceiro ou quarto dia, que lá fui, de repente, vi um menino...

DIADORIM – Eu.

RIOBALDO – Encostado numa árvore.

DIADORIM – É.

RIONALDO – Devia de regular minha idade.

Súbita mudança de luz: apaga-se o foco de Riobaldo e Diadorim.

Acende-se outro foco muito fechado sobre Riobaldo Menino e Diadorim Menino.

O foco de luz se amplia, deitado no chão, o grupo agita os braços, fazendo as ondas do rio.

Um vazio no meio dos braços ondulantes é a canoa.

DIADORIM MENINO – Vou passear em canoa. Tu vem?

Diadorim Menino estende a mão e ajuda Riobaldo Menino a entrar na canoa.

Sentam-se frente a frente, um virado para o outro, o Canoeiro de pé.

CANOEIRO – Com pouco, chegamos no do Chico. De repente, aquela terrível água de largura: imensidade.

RIOBALDO MENINO (*com muito medo*) – Daqui vamos voltar?

DIADORIM MENINO – Para que? (*para o canoeiro*) Atravessa! (*para Riobaldo que demonstra medo*) Carece de ter coragem...

RIOBALDO MENINO – Eu não sei nadar...

DIADORIM MENINO – Eu também não sei. (*tempo*) Que é que a gente sente quando se tem medo?

RIOBALDO MENINO – Você nunca teve medo?

DIADORIM MENINO – Costumo não... Meu pai disse que não se deve de ter... Meu pai é o homem mais valente deste mundo.

RIOBALDO MENINO – Você é valente, sempre?

DIADORIM MENINO – Sou diferente de todo o mundo. Meu pai disse que eu careço de ser diferente, muito diferente...

Diadorim Menino segura a mão de Riobaldo Menino.

CANOEIRO (*canta*) Meu Rio de São Francisco,
nessa maior turvação:
vim te dar um gole d'água,
mas pedir tua benção...

A luz em Riobaldo Menino e Diadorim Menino se apaga, o rio se desmancha.

RIOBALDO – Minha mãe estava lá no porto, por mim. Tive de ir com ela, nem pude me despedir direito. Nem sabia seu nome.

DIADORIM – Pois então: o meu nome, verdadeiro, é Diadorim... Guarda este meu segredo. Sempre, quando sozinhos a gente estiver, é de Diadorim que você deve de me chamar, digo e peço, Riobaldo...

Estende a mão, Riobaldo pega. Ficam se olhando nos olhos.

RIOBALDO – Diadorim... Diadorim...

Diadorim sorri, desaparece.

NARRADOR – Que é que é um nome? Da razão desse encoberto, nem resumi curiosidades. Amizade dele, ele me dava. E amizade dada é amor. Hoje em dia, vendo isso: emendo e comparo. Todo amor não é uma espécie de comparação? E como é que o amor desponta? Minha Otacília conheci.

Acende-se a janela e, emoldurada pela janela, como uma Virgem Maria num quadro, Otacília.

NARRADOR – Otacília, eu conheci. Otacília, criatura de belezas.

OTACÍLIA – Era maio... Vieram chegando de tardinha, noitinha já era, noite fechada. Pousaram aqui dois dias, com a graça de meu pai sôr Amadeu, na Fazenda Santa Catarina, nos Buritis altos, cabeceira de Vereda. Riobaldo... Foi Riobaldo que primeiro me encaminhou os olhos... Eu não estava noiva de ninguém. Foi me contando que tinha nas suas costas crime nenhum, nem estropelias, mas que somente por cálculos de razoável política era que ele vinha conduzindo aqueles jagunços. Ele era diferente deles. Riobaldo caçou melhor coragem, e pediu seu destino a mim. Ficamos gostando um do outro, conversamos, combinamos noivável, e na sobremanhã ele se despediu, e de cá partiu, com Diadorim e os outros. Desse Diadorim eu não gostei. Por que era que ele precisava ir por adiante, com Diadorim e os companheiros, atrás de sorte e morte, nestes Gerais? Por que ele não podia ficar de vez? Eu só havia de gostar dele, o tempo que carecesse eu o esperava, até que, para o trato de nosso casamento, ele pudesse vir com jús. Eu rezava. O existir da alma é a reza... Aqui, a gente não vê o virar das horas. Eu queria viver ou morrer com ele - que a gente se casasse... Foram meses, foram anos...

NARRADOR – Se esse um amor veio de Deus...

Diadorim aparece em outro foco.

NARRADOR – Como veio, então – o outro?...

Lentamente, apaga-se a janela e o foco.

NARRADOR – Viver é muito perigoso.

Escuro.

Luz no fogão de lenha

Miguilim sentado em cima de um pilão alto, braços cruzados.

MIGUILIM – Moro com minha mãe, meu pai e meus irmãos, depois da Vereda do Frango D'Água e de outras veredas sem nome, no Mutúm, no meio dos Campos Gerais, covoão em trecho de matas, terra preta, pé de serra, lugar bonito, entre morro e morro, lá chove sempre... Minha mãe, linda e com cabelos pretos e compridos, nome que é dela, tão bonito – Nhanina... se doía de tristeza de ter de viver ali.

Mãe Nhanina aparece no foco de Otacília.

NHANINA – Oê, ah, o triste recanto... Tudo tão sozinho, tão escuro quando carrega o tempo, nos meses chuvosos. Ou, mesmo na estiagem, qualquer dia, de tardinha, na hora do sol entrar... Estou quase sempre pensando que lá por detrás acontecem outras coisas, que o morro está tapando de mim, e que eu nunca hei de poder ver... *(chora, a luz dela baixa aos poucos, mas o choro continua no escuro)*

DITO *(entrando)* – Miguilim, pai está brigando com Mãe. Está xingando ofensa, muito, muito. Estou com medo, ele queria dar em Mamãe...

MIGUILIM – Não, não... Não pode bater em Mamãe, não pode... *(chora)*

DITO – Eu acho, Pai não quer que Mãe converse mais nunca com o tio Terêz... Vovó Izidra mandou tio Terêz embora. Forcejou que tio Terêz fosse embora, por nunca mais, na mesma da hora. Falou que por umas coisas assim é que há questão de brigas e mortes, desmanchando com as famílias. “Posso nem dar

adeus à Nhanina?” tio Terêz perguntou. “Não, não pode, não,” vovó Izidra falou, xingou tio Terêz de “Caim” que matou Abel.

MIGUILIM – Não pode bater em Mamãe, não pode...

DITO – Mamãe ajoelhou encostada na mesa, as mãos tapando o rosto... Agora está no quarto. Pai pegou o chapéu e saiu.

Ouve-se um grande trovão ao longe.

DITO – Por causa de Mamãe, Papai e tio Terêz, Papai-do-Céu está com raiva de nós de surpresa, você acha?...

MIGUILIM – Quando um está de castigo, os outros não podem falar...

DITO – Eu falo baixinho, virado para outro lado, se alguém vê não sabe.

Trovão forte.

DITO – Miguilim você tem medo de morrer?

MIGUILIM – Demais... Dito, eu tenho medo, mas só se fosse sozinho. Queria a gente todos morressem juntos...

DITO – Eu tenho. Não queria ir para o céu menino pequeno.

MIGUILIM – Dito, vou fazer promessa para pai e tio Terêz voltarem quando passar a chuva e não brigarem, nunca mais...

DITO – Pai volta. Tio Terêz volta não.

MIGUILIM – Como é que você sabe?

DITO – Sei não. Eu sei. Miguilim, você gosta de tio, mas eu não gosto. É pecado?

MIGUILIM – É, mas eu não sei. Eu também não gosto de vovó Izidra. Dela faz tempo que eu não gosto. Você acha que a gente devia de fazer promessa aos santos, para ficar gostando dos parentes?

DITO – Quando a gente crescer a gente gosta de todos.

MIGUILIM – Mas, Dito, quando eu crescer, vai ter algum menino pequeno, assim como eu, que não vai gostar de mim, e eu não vou poder saber?

DITO – Eu gosto de Mãitina! Ela vai parar no inferno?

MIGUILIM – Vai, Dito. Ela é feiticeira pagã...

MÃITINA (*entrando, meio dançando, no ritmo da própria fala*) – Véva Maria zela de graça, pega ne Zesú põe no saco de mombassa... (*ri, arremeda*) “Traste de negra, en-

costada na cozinha, mascando fumo... Vem ajoelhar, Mãitina!” Véia Izidra trouxe no fogo sem dó os calunguinhas tudo que escavouquei com a faca!... *(levanta as saias até a cabeça)* Cena, Corinta! *(bate palmas, arremeda)* “Bonecos do demo, cazumbos, lugar de feiticeira é debaixo dos olhos do fogo, remexendo no borralho, mexendo goiabada, horas completas!” Mãitina vai lá, tudo o que os outros mandam, Mãitina obedece, quando não tá com raiva. Se tô com raiva, ninguém não tem coragem de mandar. *(ri, depois séria, sombria)* Demônio tá é despessando esta casa, rodeando; os homens já sabem o sangue um do outro, carece de rezar... Demônio diligencia de entrar em mulher, vira cadela de satanaz... *(chupa o pito de barro, cantarola, dança, sopra fumaça em cima de Dito)*

Omode ilé ẹ gba yi f’Èṣù.

Ire tete, Èṣù gba.

*(Filho desta casa, leve isto a Exu,
corra depressa, Exu aceite isso.)*

(sopra em Miguilim) Fumaça percura é formosura... Mãitina é mulher muito imaginada, muito de constâncias. Prezo é a sua bondade, Dito, Ditinho, que vai me vim em sonhos, acena para a gente, aceita louvor. Mãitina vai chorar... Mãitina vai chorar... *(chora um pouco, ri um pouco, levanta as saias, bate as mãos)* Cena, Corinta! *(sai dançando)*

DITO – *(imita Mãitina)* Cena, Corinta! Isso Mãitina aprendeu no teatro, faz muitos, muitos anos, noutra lugar que morava.

MIGUILIM – Que é que é teatro?

DITO – Teatro é assim como no circo de cavalinhos, quase...

MIGUILIM – Dito você vai imaginar como é que é circo?

DITO – É uma moça galopando em pé em riba do cavalo e uns homens revestidos, com farinha branca na cara... É numa casa grande de pano.

Soa um trovão, próximo.

MIGUILIM – Dito, se de repente um dia todos ficassem com raiva de nós – Pai, Mãe, vovó Izidra – eles podiam mandar a gente embora, no escuro, debaixo da chuva, a gente pequenos sem saber onde ir?

DITO – Se você ficar imaginando assim você sonha de pesadelo...

MIGUILIM – Dito, vamos ficar nós dois, sempre um junto com o outro, mesmo quando a gente crescer, toda a vida?

DITO – Pois vamos.

MIGUILIM – Dito, amanhã eu te ensino a armar urupuca, eu já sei...

Ouvem-se ruídos fora de cena. Os dois olham.

VOZ DE HOMEM (*fora de cena*) – Ei, Miguilim, você hoje está alçado em assento, de pelourim?

VOZ DE NHANINA (*fora de cena*) – Esse menino ainda está aí? Pode sair, meu filhinho.

Dito e Miguilim fogem correndo

Um trem apita e se aproxima, passa deixando o silêncio vazio.

O povo se aglomera.

Ruídos de outros trens ao longe: choques de vagões, apitos.

Todos murmuram ao mesmo tempo, num clima de espera.

MULHER 1 – A mãe é de idade...

MULHER 2 – Com pra mais de um uns setenta...

MULHER 3 – A filha só tem aquela.

MULHER 4 – Sorôco é viúvo.

MULHER 5 – Parente nenhum, não sendo de ninguém.

MULHER 6 – Para onde vai, no levar as mulheres?

MULHER 7 – Para longe...

MULHER 8 – Para sempre...

MULHER 7 – Sem piedade nenhuma.

MULHER 2 – Quem paga tudo é o governo, que mandou o carro.

MULHER 4 – O carro lembra um canoão seco, navio

MULHER 6 – Nunca vi trem desse.

MULHER 3 – Parece coisa de invento de muita distância.

MULHER 7 – Para o pobre, os lugares são mais longe.

MULHER 5 – Virundangas. Matéria de maluco.

MULHER 3 – Virundangas.

MULHER 8 – Ah, Sorôco tem tido muita paciência.

MULHER 1 – Sem tanto que diferentes elas se assemelham.

MULHER 7 – Não vai sentir falta dessas transtornadas pobrezinhas.

MULHER 4 – Elas não vão voltar.

MULHER 8 – Nunca mais.

MULHER 2 – È até um alívio.

MULHER 4 – Isso não tem cura.

MULHER 6 – Com os anos elas pioraram.

MULHER 5 – Agora vão remir com as duas, em hospícios.

MULHER 4 – Agora elas não darão trabalhos.

MULHER 3 – Ele agüentou de repassar tantas desgraças.

MULHER 6 – Eles vem.

Sorôco entra de braços com elas, uma de cada lado: a Mãe de preto, a Filha com roupas sobrepostas, muito coloridas, cheia de fitas de pano e de papel, laços, flores, enfeites, etc. Silêncio.

As gentes, se ajuntando mais, abrem espaço para eles.

MULHER 6 – Parece entrada em igreja, num casório.

MULHER 2 – Parece enterro.

Os três param no centro.

A Filha começa a cantar sem palavras, os olhos no alto como os santos e os espantados.

A Mãe olha para a moça com um amor extremoso. A Filha pára de cantar.

Todos cercam Sorôco.

Mãe e Filha ficam de parte, separam-se: uma vaga para um lado, outra para outro.

MULHER 1 – Você é um homem reportado, atalhado e humilde.

MULHER 8 – De muita paciência.

SORÔCO – Deus vos pague essa despesa.

A Filha volta a cantar. Do lado oposto, a Mãe começa a cantar também.

O povo se afasta de Sorôco para olhar, ele fica isolado

MULHER 1 – O triste do homem decretado

MULHER 7 – Ao sofrer o assim das coisas.

MULHER 8 – A gente gosta de mais de Sorôco.

MULHER 5 – No oco sem beiras. Perder o si, parar de ser.

MULHER 3 – Despedida nenhuma.

MULHER 2 – O de sempre.

MULHER 5 – Dói na gente.

MULHER 1 – O trem do sertão passa às 12h45m.

Entram dois homens carregando trouxas, cumprimentam Sorôco.

Enquanto o povo murmura de novo o mesmo texto inicial.

Um homem se encarrega da Mãe: pega o braço dela, ela o acompanha passivamente.

Outro homem se encarrega da Filha: ela vai passivamente com ele.

Saem.

Todos se voltam para Sorôco, isolado no centro.

Ele fica um tempo olhando ao longe.

Ouve-se a locomotiva maria fumaça acelerar o chugue-chugue do vapor, um apito e o trem parte, o barulho se afastando aos poucos.

Antes que o ruído do trem cesse, Sorôco começa a cantar a mesma canção da Filha.

Um a um, os membros da multidão começam a cantar junto com ele.

Sorôco sai, seguido pela multidão.

OS TEMULENTOS

O teatro se enche de vagalumes piscando no escuro.

Miguilim e Mãe numa luz.

MÃE – Lumêio de vagalume é um acenado de amor... O vagalume que apaga, desce ao fundo do mar.

MIGUILIM – Mãe, que é que é o mar, Mãe?

MÃE – Mar é longe, muito longe daqui, espécie duma lagôa enorme, um mundo d'água sem fim.

MIGUILIM – Pois, Mãe, então mar é o que a gente tem saudade? A gente nunca vai poder ver o mar, nunca?

MÃE – A gente não vai, Miguilim. Acho que nunca! A gente é no sertão.

MIGUILIM – Às vezes eu queria avistar o mar, só para não ter uma tristeza...

MÃE – Miguilim, você é muito ladino, o Dito também. E Tomezinho é um fiozinho caído do cabelo de Deus...

MIGUILIM – Mãe, o que a gente faz, se é mal, se é bem, quando é que a gente sabe?

MÃE – Ah, meu filhinho, tudo o que a gente acha muito bom mesmo fazer, se gosta demais, então já pode saber que é mal feito...

Lentamente se apaga a luz da Mãe. Miguilim corre para a caminha.

MIGUILIM – Mãe às vezes era a pessoa mais ladina de todas. (*deita-se ao lado de Dito na cama*) Dito, como é que a gente sabe certo como não deve de fazer alguma coisa, mesmo os outros não estando vendo?

DITO – A gente sabe, pronto.

MIGUILIM – Malfeito como é que a gente se sabe?

DITO – Olha, Miguilim. Tudo quanto há, antes de se fazer, às vezes é malfeito; mas depois que está feito e a gente fez, aí tudo é bem-feito...

MIGUILIM – Dito, você sabe que quando a gente reza, reza, reza, mesmo no fogo do medo, o medo vai s'embora, se a gente rezar sem esbarrar?! Então, quando você está com medo, você também reza, Dito?

DITO – Rezo baixo, e aperto a mão fechada, aperto o pé no chão, até doer...

MIGUILIM – Por que será, Dito?

DITO – Eu rezo assim. Eu acho que é por causa que Deus é corajoso.

MIGUILIM – Dito, você já teve alguma vez vontade de conversar com o anjo da guarda?

DITO – Não pode, Miguilim. Se puder, vai para o inferno...

MIGUILIM – Dito, eu às vezes tenho uma saudade de uma coisa que eu não sei o que é, nem de donde, nem afrontando...

DITO – Deve de não, Miguilim, descarece. Fica todo olhando para a tristeza não, você parece a mãe.

MIGUILIM – Hmm... (*tempo*)

DITO – Miguilim, sabe o Luisaltino que vai passar tempos morando em casa?

MIGUILIM – Sei. Vai plantar roça com Pai.

DITO – Luisaltino estava conversando com Mãe que ele conhece tio Terez.

MIGUILIM – Tio Terêz está longe, está levando gado dos Gerais da Bahia...

DITO – Luisaltino falou que judiação do mal era que os pais casam as filhas muito meninas, nem deixam elas escolherem noivo.

MIGUILIM – Hmm... *(tempo)* Você quer me ver eu crescer, Dito? Eu viver toda a vida, ficar grande?

DITO – Demais. A gente brincar muito, tempos de tempos, de em diante crescer, trabalhar, todos, comprar uma fazenda muito grande, estivada de gados e cavalos, pra nós dois!

Apaga-se a luz dos dois no catrezinho, o espaço fica tomado pelos vagalumes.

Um zumbido soa intenso.

À luz dos vagalumes, Prima Luisa entra rodando, fosforescente no escuro.

Luz.

Primo Ribeiro e Primo Argemiro sentados num côcho emborcado, cabisbaixos.

RIBEIRO – Ei, Primo, aí vem ela...

ARGEMIRO – Danada!...

RIBEIRO – Olh'ele aí... o friozinho nas costas... *(pausa)* Está custando Primo Argemiro...

ARGEMIRO – É do remédio... Um dia ele há-de dar conta da danada!...

RIBEIRO – O seu inchou mais, Primo Argemiro?

ARGEMIRO – Olha aqui como é que está... E o seu, Primo?

RIBEIRO – Hoje está mais alto.

ARGEMIRO – Inda dói muito?

RIBEIRO – Melhorou.

ARGEMIRO – Olha, Primo, se um dia a gente puder sarar, eu ainda hei de plantar uma roça...

RIBEIRO – P'ra que, Primo Argemiro?... A gente nem tem p'ra quem deixar...

ARGEMIRO – Primo Ribeiro, o senhor gosta daqui?...

RIBEIRO – Que pergunta! Tanto faz... O doutor deu prazo de um ano... Você lembra? Foi seis meses em-antes de ela ir s'embora... *(silêncio)* É isso, Primo Argemiro... Não adianta mais sojigar a idéia... Esta noite sonhei com ela, bonita como no dia do casamento...

ARGEMIRO – O senhor sofreu muito! E ainda a maldita da sezão...

RIBEIRO – A malária não é nada. Até ajudou a gente a não pensar... *(pausa)* Não sei, não... Só sei é que se ela, por um falar, desse de chegar aqui de repente, até a febre sumia...

ARGEMIRO – É... Se ela chegasse, até a febre sumia... Eu também senti muito, Primo Ribeiro.

RIBEIRO – Eu sei, Primo. Você tem bom coração...

ARGEMIRO – Ela foi uma ingrata, não foi, Primo Ribeiro?...

RIBEIRO – Só três anos de casados!... Eu não tenho raiva dela... Não tenho não. Ainda ficava mais triste, se soubesse que ela andava pensando por aí a-tôa. Agora, o tal, êsse... Mesmo doente e assim acabado, eu havia de...

ARGEMIRO – Sossega... (*pausa*) Ai, Primo Ribeiro, por que foi que o senhor não me deixou ir atrás dêles, quando êles fugiram?

RIBEIRO – P’ra que, Primo Argemiro?...

RIBEIRO – Olha o frio aí, Primo Argemiro... Me ajuda...

ARGEMIRO – Quer o remédio, Primo?

RIBEIRO – Não vou tomar mais... Não adianta. Está custando muito a chegar a morte...

ARGEMIRO (*tremendo*) – Isso é ofender a Deus... É um instantinho e passa... É só ter paciência...

RIBEIRO (*alucinando; deita no chão*) – É... passa... passa... Passam umas mulheres vestidas de cor de água, sem olhos na cara... Foi rio abaixo, com o outro... Não, no rio ninguém não anda...

ARGEMIRO (*alucinando*) – Foi o moço-bonito que apareceu, vestido com roupa de dia-de-domingo e com a viola enfeitada de fitas... E chamou a môça p’ra ir se fugir com êle...

Argemiro também deita no chão e começa a variar.

Prima Luisa, dança em círculos, sua saia ondulante provoca tremedeiras e alucinações.

ARGEMIRO – Como é mesmo que ela era?!... Tão bonita!... Esquisita, sim que ela era...

RIBEIRO – A môça que eu estou vendo agora é uma só, Primo... Olha!... É a sezão...

ARGEMIRO (*canta enquanto Ribeiro fala*) – “Eu vou rodando
rio-abaixo, Sinhá”...

RIBEIRO – O doutor, quando pegou a febre e estava variando, disse que a maleita era uma mulher de muita lindeza, que morava de-noite nesses brejos, e na hora da gente tremer era quem vinha. E ninguém não vê que é ela quem está mesmo beijando a gente...

ARGEMIRO –... “rio-abaixo, Sinhá” Hi hi! O môço-bonito é o diabo.

RIBEIRO – Mas eu não quero, nenhuma!... Quero só ela... Luísa...

ARGEMIRO – Prima Luísa... (*sai bruscamente do acesso*) P'ra que é que há de haver mulher no mundo, Meu Deus?!...

RIBEIRO (*recuperando-se*) – Hein?!... Ai, Primo Argemiro, está passando... Já estou meio melhor... Será que variei?... Falei muita bobagem?...

ARGEMIRO – Primo Ribeiro... Eu nunca tive coragem p'ra lhe contar uma coisa... Vou lhe contar uma coisa... O senhor me perdoa?!

RIBEIRO – Chega mais p'ra perto e fala mais alto, Primo, que essa zoeira nos ouvidos quase que não deixa a gente escutar...

ARGEMIRO – Não foi culpa minha... Foi um castigo de Deus, por causa de meus pecados... O senhor me perdoa, não perdoa?!...

RIBEIRO – Que foi isso, Primo? Fala de uma vez!

ARGEMIRO – Eu... Eu também gostei dela, Primo... Mas respeitei sempre... Respeitei o senhor... Sua casa... Nós somos parentes... Espera, Primo!

ARGEMIRO – Não foi minha culpa, foi má-sorte minha... Não teve nada, Primo!... Juro!... Por esta luz!... Nem ela nunca ficou sabendo... Por alma de minha mãe!

RIBEIRO – Me larga! Me larga e fala como homem!

ARGEMIRO – Já falei, Primo. Me perdoa...

RIBEIRO – Fui picado de cobra... Fui picado de cobra...Ô mundo!

ARGEMIRO – O senhor está variando... Escuta! Me escuta, pelo amor de Deus...

RIBEIRO – Não estou variando, não, mas em-antes estivesse!... Some daqui, homem! Vai p'r'as suas terras... Vai p'ra bem longe de mim!... Mais vai logo de uma vez!

ARGEMIRO – Quero morrer nesta hora, se algum dia eu pensei em fazer a sua desonra, Primo!

RIBEIRO – Anda, por caridade!... Vai embora!...

ARGEMIRO – Pensa até mais logo, Primo... até hoje de-tarde...

RIBEIRO – Este caco de fazenda ainda que é meu... É meu!... Anda! Anda!... Não quero ver você mais...

ARGEMIRO – Me dá um prazo, Primo. Até o senhor melhorar.

RIBEIRO – Vai!

ARGEMIRO – Estou pagando o que não fiz...

RIBEIRO – Vai!

ARGEMIRO – O senhor ainda pode precisar de mim, Primo, que sou o único amigo que o senhor tem.

RIBEIRO – Então vai, Primo!... Você não tem pena de mim, que não tenho nenhuma arma aqui comigo, e, nem que tivesse, não rêjo mais nem força p'ra lhe matar?! (*cai sentado no casco de côcho*)

ARGEMIRO – Pois então adeus, Primo! Me perdoa e não guarda ódio de mim, que lhe quero muito bem...

RIBEIRO – Ajunta suas coisas e vai...

ARGEMIRO – Não tenho nada... Não careço de mais nada... O que é meu vai aqui comigo... Adeus!

ARGEMIRO – Mas, meu Deus, como isto é bonito! Que lugar bonito p'ra gente deitar no chão e se acabar!... (*sai*)

Argemiro e Ribeiro saem por lados opostos, ofegantes, gemendo.

Dito na caminha, molhado de suor, ofega em febre. Miguilim ajoelhado ao lado.

DITO – Miguilim, no meio do dia o micro-estrela fugiu, correu arrepolando pelas moitas de carqueja, trepou no cajueiro, pois antes de trepar ainda caçou maldade de correr atrás da perua, queria puxar o rabo dela. Todo mundo perseguiu ligeiro para pegar, a cachorrada latindo, vovó gritava, mamãe gritava. Não se pegou: ele mesmo, sozinho por si, quis voltar para a cabacinha. Mas foi aí que eu pisei sem ver num caco de pote, cortei o pé, ó. Você não podia ver, você ficava tonto de ver tanto sangue.

MIGUILIM – Dito, depressa que sare!

DITO – Uê, pra se sarar basta se estar doente.

MIGUILIM – Dói?

DITO – O corte apostemou muito, criou matéria.

MIGUILIM – Eu fico aqui perto de você.

DITO – Espera, eu estou com a nuca tesa, não tenho cabeça pra abaixar... (*acomoda-se*)
Miguilim, vovó Izidra toda hora está xingando Mãe quando elas estão sem mais ninguém por perto?

NIGUILIM – Não sei. Nunca sei as coisas das pessoas grandes. Mãe gosta é do Luisaltino... Pai é homem jagunço de mau. Pai não presta. Entrei, não tomei a benção, Pai ia bater, aí, Pai não bateu. O que ele fez foi sair, foi pegar as gaiolas, uma por uma, abrindo, soltando embora os passarinhos, os passarinhos meus, depois pisava nas gaiolas, espedaçou...

DITO – Mãe falou: “Perdoa o teu Pai, que ele trabalha demais, Miguilim...”

MIGUILIM – Foi!...

DITO – “...para a gente sair de debaixo da pobreza.” Eu escutei, falou, não foi?

MIGUILIM – Foi.

DITO – Miguilim, vou falar uma coisa para segredo. Nem para mim você não torna a falar. Escuta, Miguilim, uma coisa você me perdoa? Eu tive inveja de você, porque o papagaio fala *Miguilim, me dá um beijim* e não aprendeu a falar meu nome...

MIGUILIM – Eu peço pra Rosa ensinar o papagaio a chamar alto o seu nome: (*grita*) Dito!!
Dito!!

DITO – Eu sempre tinha vontade de ser um fazendeiro muito bom, fazenda grande, tudo roça, tudo pastos, cheios de gado...

MIGUILIM – Mas você vai ser, Dito! Vai ter tudo...

DITO – Mas depois tudo quanto há cansa, no fim tudo cansa... Mas depois tudo cansa, Miguilim, tudo cansa...

Miguilim chora.

DITO – Chora não, Miguilim, de quem eu gosto mais, junto com Mãe, é de você...
Miguilim, Miguilim, vou ensinar o que agorinha eu sei, demais: é que a gente pode ficar sempre alegre, alegre, mesmo com toda coisa ruim que acontece acontecendo. A gente deve de poder ficar então mais alegre, mais alegre, por dentro!...

A Mãe entra na luz e pega Dito no colo.

MIGUILIM – (*chora*) Ele vai morrer, mãe?! O Dito?

MÃE – (*com o Dito morto no colo*) Miguilim...

MIGUILIM – (*chora*) Eu sei: o Ditinho morreu.

(*tempo, aproxima-se pega a mão dele*)

O Dito, morto, é a mesma coisa que quando vivo.

MÃE – Olha a mãozinha morta dele... Olha o inflamado ainda no pezinho dele... Os cabelos bonitos dele, o narizinho... como o pobre do meu filhinho era bonito...

O coro grande ocupa o espaço e canta uma congada.

Deita-se no chão ainda cantando e funde o canto ao ruído do rio:

mais uma vez, um rio cruza a cena.

Entram Brejeirinha, Pele e Ciganinha.

BREJEIRINHA – Eu sei porque é que o ovo se parece com um espeto!

PELE – Eu vou saber geografia.

CIGANINHA – Eu queria saber o amor... Sem saber o amor, a gente pode ler os romances grandes?

PELE – É, hem? Você não sabe ler nem o catecismo...

BREJEIRINHA – Pois eu li as 35 palavras no rótulo da caixa de fósforos...

CIGANINHA- A cachoeirinha é uma parede de água...

BREJEIRINHA – Aquela, ali, no rio, em frente, é a Ilhazinha dos Jacarés.

PELE – Você já viu jacaré lá?

BREJEIRINHA- Não. Mas você também nunca viu o jacaré-não-estar-lá. Você vê é a ilha, só. Então é jacaré pode estar ou não estar...

PELE – Você vai buscar um audaz navegante?

BREJEIRINHA- Ele podia ser o pirata in glório marujo, num navio muito intacto, para longe, lo-õ-ongue no mar, navegante que o nunca-mais, de todos? (*começa a estória, empolgada*) O Aldaz Navegante, que foi descobrir os outros lugares valetudinário. Ele foi num navio, também, falcatruas.

CIGANINHA- Foi de sozinho. Os lugares eram longe, e o mar. O Aldaz Navegante estava com saudade, antes, da mãe dele, dos irmãos, do pai. Ele não chorava. Ele precisava respectivo de ir. Disse: – “Vocês vão se esquecer muito de mim?”

PELE- O navio dele, chegou o dia de ir. (*sacode um lenço branco*) O navio foi saindo do perto para o longe, mas o Aldaz Navegante não dava as costas para a gente, para trás.

BREJEIRINHA- (*sacode um lenço branco*) Por fim, não tinha mais navio para se ver, só tinha o resto do mar. Então, um pensou e disse: – “Ele vai descobrir os lugares, que nós não vamos nunca descobrir...”

BREJEIRINHA – Então todos choraram, muitíssimos, e voltaram tristes para casa, para jantar...

PELE- Você é uma analfabetinha “aldaz”.

BREJEIRINHA- Falsa a beatinha é tu!

CIGANINHA- Por que você inventa essa história de de tolice, boba, boba?

BREJEIRINHA- Porque depois pode ficar bonito, uê! Antes falar bobagens, que calar besteiras...

PELE- Cuidado, para não pisar no “bovino”! (*Riem*)

BREJEIRINHA- (*animada diante do bovino*) Bochechudo! (*Recomeçando*) O Aldaz Navegante não gostava de mar!

CIGANINHA- Ele tinha mesmo de partir? Ele amava uma moça, magra.

PELE- Mas o mar veio, em vento, e levou o navio dele, com ele dentro.

CIGANINHA- O mar não tem desenho. O vento não deixa. O tamanho...

BREJEIRINHA- O Aldaz Navegante se lembrava muito da moça. O amor é original...

CIGANINHA – O amor é singular...

PELE- Nossa! O assunto ainda não parou?

CIGANINHA E BREJEIRINHA – Ah!

BREJEIRINHA- Envém a tripulação. Depois, choveu, choveu. O mar se encheu.

PELE – O Aldaz Navegante não tinha caminho para correr e fugir, perante, e o navio espedaçado. Ele, com o medo, intacto, quase que nem tinha tempo de tornar a pensar demais na moça que amava, circunspectos.

CIGANINHA- A moça estava paralela, lá, longe, sozinha, ficada, inclusive, eles dois estavam nas duas pontinhas da saudade...

BREJEIRINHA- O Aldaz Navegante, o perigo era total, titular... não tinha salvação... O Aldaz... O Aldaz...

PELE- E agora? E daí?

BREJEIRINHA- Aí? Então... Vou fazer explicação! Pronto. Então, ele acendeu a luz do mar. E pronto.

CIGANINHA- E – olha o seu ‘aldaz navegante’, ali. É aquele...

Olham o “bovino”.

PELE- Então? A estória não vai mais? Mixou?

CIGANINHA- Então, pronto. Vou tornar a começar.

PELE- Agora, acabou-se, mesmo: eu escrevi – ‘Fim’!

CIGANINHA- Contudo, e felizes. (*ao bovino*) Ele vai para o mar?

BREJEIRINHA – Vamos mandar por ele um recado?

PELE- E a estória?

BREJEIRINHA – Pois: agora eu sei! O Aldaz Navegante não foi sozinho, pronto! Mas ele embarcou com a moça que ele amavam-se, entraram no navio, estricto. E pronto. Pronto: e virou vaga-lumes...

PELE- Olha! Agora! Lá se vai o ‘Aldaz Navegante’!

TODAS– Adeus! Adeus! Adeus!

Vão acompanhando o “bovino” e saem de cena.

Cacofonia de sons naturais, dilacerada, desagradável.

O rio se encapela, sobe em altas ondas e se esvazia.

Miguilim deitado no catrezinho, iluminado por um único foco, fechado.

Retorce-se, agitado no sono, molhado de suor.

Em torno dele, na penumbra: o Dito, a Mãe, o Pai, Mãitina, o Doutor, outras pessoas.

Em cima do murmúrio das rezas, falam em rápida seqüência.

PAI – Nem Deus não pode achar isto justo direito...

MIGUILIM – Mãe, Mãe...

PAI – ...de adoecer meus filhinhos todos um depois do outro, parece que é a gente só quem tem de purgar padecer!?

DITO – Seo Brízido Boi matou a onça pintada. Você vai ver o couro dela...

MIGUILIM – Laranja... Laranja...

PAI – Tem abacaxi, lima, limão-doce: laranja não se acha em nenhuma parte no Gerais...

MIGUILIM – Mãe, os dias vão passando?

MÃE (*voltando*) – Vão, Miguilim, hoje é o seteno.

DITO – Falta pouco para você sarar.

Afastam-se todos, fica só Mãitina visível na penumbra.

MÃITINA – Sua, sua, suor é bom... A barriginha toda sarapintada de vermelhos... A nuca doída... Agüenta a dor, é serviço! Escuta! Escuta! (*os sons vão se organizando*) Cachorrinho no pátio... criada na cozinha... cló das galinha no quintal... correria de seus irmão... a fala do papagaio... o rumorzinho das árvores... Dorme... Dorme...

Miguilim adormece, Mãitina desaparece, resmungando uma oração em língua nagô.

A Mãe ocupa seu lugar.

Miguilim desperta num susto, senta-se na cama, a Mãe se aproxima.

MÃE – Miguilim, Miguilim, Deus tenha pena de nós... Enquanto você esteve doente, Pai matou Luisaltino, Miguilim, fugiu para o mato...

MIGUILIM – Não me mata! Não me mata!

MÃE – (*senta-se na cama, abraça Miguilim*) Escuta, Miguilim, sem assustar: seu Pai também está morto. Perdeu a cabeça depois do que fez, foi achado morto no meio do cerrado, se enforcou com um cipó... Mas Deus não morre. Vamos rezar, meu filho. (*tempo, rezam baixo a salve Rainha*)

MIGUILIM – Mãe, Pai já enterraram?

MÃE – Já, meu filhinho. Miguilim, não foi culpa de ninguém, não foi culpa... (*reza*)

MIGUILIM – Mãe, eu fiquei doente muito tempo?

MÃE – Muito, meu filhinho, muito...

MIGUILIM – Mãe, a senhora vai rezar também para o Dito?

A Mãe abraça e beija Miguilim, segura-o pelos ombros, olha dentro de seus olhos.

MÃE – Miguilim, seu tio Terêz voltou. Está trabalhando por demais, fez ajuste com mais um enxadeiro, vai se agenciar de garroteiro também...

MIGUILIM – Por isso vovó Izidra foi embora, para nunca mais?

MÃE – Foi. Se daqui uns meses sua mãe se casar com o Tio Terêz, Miguilim, isso é de teu gosto?

MIGUILIM – Mãe, eu vou sarar?

MÃE – Vai, filhinho, vai.

Mãitina, sete outras mulheres e homens, mais o Doutor se aproximam.

O Doutor o carrega e põe sentado em cima do pilão.

DOUTOR – Por que você aperta os olhos assim? Você não é limpo da vista? Espia daí: quantos dedos da minha mão você está enxergando? (*mostra três dedos*)

MIGUILIM – Dois??...

DOUTOR – Este nosso rapazinho tem a vista curta. Espera aí, Miguilim...

Tira os óculos e coloca em Miguilim.

Miguilim se levanta em cima do pilão, perplexo, sem ar, bate plamas espaçadas, olhando em torno, deslumbrado.

Os ruídos de fora sobem de volume, como se ele enxergasse os sons.

MIGUILIM – Ai, meu Deus, tanta coisa, tudo... tudo novo, lindo, as árvores, as pessoas, os grãos de areia, a pele da terra, as formiguinhas no chão de uma distância...

MÃITINA – (ri) Miguilim é piticégo... Cena, Corinta! (sai, dançando)

O Doutor tira os óculos de Miguilim e afasta-se, junto com os outros.

Miguilim senta-se no pilão.

MIGUILIM – Pra onde ele foi?

MÃE – Foi pra vereda onde os caçadores estão. Mas amanhã ele volta, antes de ir embora para a cidade. Disse que, você querendo, Miguilim, ele junto te leva...
Você mesmo quer ir?

MIGUILIM – (quase chorando) Não sei...

MÃE – Vai, meu filho. É a luz dos teus olhos, que só Deus teve poder para te dar. Vai.
Fim do ano, a gente puder, faz a viagem também. Um dia todos se encontram...

Miguilim abraça a Mãe.

MIGUILIM – Mãe, é o mar?

MÃE – Mais longe é, meu filhinho.

MIGUILIM – Mãe, mas porque é, então, para que é, que acontece tudo?!

MÃE – Miguilim, me abraça, meu filhinho, que te tenho tanto amor...

Repete-se a seqüência de trabalho do início do espetáculo: o fabrico do polvilho, Mãitina varre a arena, pitando seu pito de barro.

A família de fazendeiros se reúne em torno da mesma poltrona de vime do início.

Entram os ciganos fazendo festa, cantando.

FLOR-FLOR – Saúde, paz, meu gajão... Viemos visitar a Virgem.

Siantônia faz um gesto de concessão. Os ciganos vão para o altar e reverenciam as imagens.

SENHOZÓRIO – Vieram consertar as tachas de açúcar. Têm ordens de abarracar aqui em terras.

FAZENDEIRO – Receio contra eles, são denunciados ladinos, tramposos, quetrefes, tudo na fingitura.

SIOZORINHO – Os ciganos forjam com diligência.

SENHOZÓRIO – Aqui, não buliram em nada. Minha mulher, Siantônia, também os receia menos pela rapina que por estranhezas.

SIOZORINHO – Eles incutem festa da alegre tristeza.

FAZENDEIRO – Os ciganos são um colorido. Perturbam o eco de horas, fantasia, caprichice.

SINHIZA – *(à parte para a irmã)* Ciganos de roupagem e linguagem. Enfiam em cada dedo anéis.

SINHALICE – *(apontando para Flor-Flor)* Ao entardecer ele no Riachão se banhava.

SINHIZA – Conhecem a ligeireza do mundo.

Siantônia tem uma crise de tosse.

CONSTANTINA – Sina nossa, dona, é o descanso nenhum, em nenhuma parte.

DEMÉTRIA – A gente oscila, sempre, só ao sabor de oscilar.

CONSTANTINA – O rei faraó mandou...

SINHIZA – Nossa mãe sofre de hidropisias. Reprova feitorarmos hereges!

FLOR-FLOR – *(apontando para as ciganas)* Essas são as parentas das drogas.

ANÍSSIA *(entrando)* – Lilalilá!

SIOZORINHO *(encantado)* – Que pêssega!

SIANTÔNIA – *(ofegante para Aníssia)* Chegue mais perto!

Aníssia vai para Sinhalice e pega a sua mão para ler, mas ela recusa.

ANÍSSIA – Faço nada, não. Tenho que tenho só o outro ofício...

SINHALICE – E que outro ofício seria esse?

ANÍSSIA – É o que não se vê, bah, o de que a gente nem sabe. Nem a pessoa pega aviso ou sinal, de como e quando o está cumprindo...

SIANTÔNIA – Em razão de minha enfermidade deixo que vocês benzedeiras me façam.

Constantina e Demétria benzem Siantônia.

RULÚ – Cremos em espíritos e nas fadas. Religião nossa é remedada.

DEMÉTRIA – Ú, ú, ú!

CONSTANTINA – Eta! eta! eta!

DEMÉTRIA – Saúdes, estar!

TODAS – Pela ganjã castelã prometemos rezar em matrizes e ermidas.

ANÍSSIA – Afinamos por algum dom, adivinhadores.

FLOR-FLOR – Fazemos isto sem horas: doma de cavalos, forjicar chaleiras e tachos.

ANÍSSIA – Malconceito nosso, povo à toa e matroca.

FLOR-FLOR – Hoje estou honesto. Mesmo ontem, se Deus quiser...

DEMÉTRIA – Aqui todos juntos estamos... sempre se indo feito a Sagrada Família fugida.

CONSTANTINA – Loucas, a ponto de querer juntas a liberdade e a felicidade.

DEMÉTRIA – As cantigas que sabemos, são para aumentar a quantidade de amor.

RÚLU – Cigano non lava non, ganjón, para non perder o cheiro que nossas mulheres estimam, de entre os bichos da natureza.

ANÍSSIA – Sei lá de ontem. O amanhã não é meu.

CONSTANTINA – São coisas de outras coisas.

FLOR-FLOR – Não criamos apego aos lugares.

SIANTÔNIA – Quando um dia um for para morrer, hei de ter saudade de tanta coisa...

Ciganos começam a cantar fervorosos, exaltando ao “Faraó”.

Saem pela platéia, lendo mãos, festando.

INTERVALO

MONÓLOGOS

LUA NOVA

DÍDIA– Apareci em toda parte. Fantasma de mulher, mirável, formosa... Sempre visões deviam referir o horrendo, do lado dos mortos, que, com permissão, retornam. Não me vislumbrou o padre, nervoso moço, rápido, magro como se a se emboscar, metia-se dentro da igreja, matriz antiga, nela jazendo os mortos. Fitava qualquer papel: e tremeante nele projetava um-que-retrato, quase obediente impressão: Moça-mulher- eu: “Dídia Doralena Almada Salgoso. Dídia... na mocidade... dorme...” Relido lido em lápide.

O padre, orante se ajoelhou, em cruz os braços, lá onde estariam enterrados os corpos – sem figuras, só o pó, sob pedras que muito se pisavam.

Meia noite. No repente! O padre – caído – dele me afastei, gerei-me, quadrúpede, formidando, um ente... Sombração.

Porca preta! – Desdominada, massiva, peluda – Pulei o gradil, galguei os degraus do altar, estraçalhei a toalha e empinada, relanceei para cima. Virei, desci, em tropelão, a nenhum urro, desembestada. Peguei em fim para subir a escada do coro e saltei a janela.

Escondidos, o maçom e o sacristão, em esgazeio de estupor, viam o que tresviavam. Soltaram-se a gritar: chega um deles, pendurado, puxava pelo sino. Acorravam de todo sono a cidade.

Madrugada, o povo invadia a matriz, dando com os três, que patetas corriam lá dentro, beira-paredes, em direções diversas, num incessar.

Maçom e sacristão duvidavam daquilo – que sempre um pouco mais se esquece: imaginação, aparição, visão. Nada o padre explicasse, do estranhifício. Todavia, desde a data, ele se transformou – afinado, reclaro, aí se sorrindo – parecia deixado de toda matéria. Também, e tão velhinho moço, depois logo morreu, suave, leve, na sacristia ou no jardim, de costas para tudo.

ELPÍDIA – Rijino me trouxe e esposou, brejeira, quebradora de empecilhos. Do Rijino não gostei – nem os anjos-da-guarda. De Mearim, sim, querido, marcado, convivido. Amor a futura vista. Fiz que oprimido me levasse; saímos escondidos, levei-o, para parar em Paulo-Afonso. Meses que passou. Ele não agüentou: o susto, uns medos, em madrugada, desgostosa, à voz de reprova. Ele, então, se escapou, para qualquer comarca. Veio direto a Rijino, mano mais velho. Sincero com afeto. Rijino deu a ele cama e lugar em mesa, na casa. Lhe cedia revólver ou rifle. Mearim entendia. Rijino imaginava alguém ausente. A mim, Elpídia, mais nada referiu. Ia, a cada vez, exato, ficava vendo vapores. Todo mundo – rio-abaixo, rio-acima – acaba algum dia passando por estes cais. Mearim ia, também, com pena, espiava o ar aberto. Eu, vim, que decidida, desastrada. E era o que Rijino pelo jeito aprovava. Seguro o Rijino soubesse que um dia eu apareceria, com isso ele contava. Dizia, ela é a de não se desvanecer. Mearim desentendia. Rijino, que dele com afeição cuidava, como um pai, aborrecido, odioso. Atual aqui estou, o vapor entra, recebido, por meio de zoeira. Só via a ele, Mearim, receava nada, vinha com a felicidade. Rijino em chofre segurou-me por um braço – “Tu!”, “Tu não!”- eu reniti. Puxei por um punhal, revirei-o. Rijino, pafo, caído, uma toda vez, findado. Só eu e o irremediado intervalo. Mearim sua vida me pertence, em reprofundo, mediante amor.

SÁ JUSTA – Seô Tomé, homem cego, e seu guia, aqui pararam por minha causa. As mulheres são doidas por ele, feito Jesus, por ter barba. Mas ele, ao seu guia, pergunta antes, "É bonita?" Cego suplica de ver mais do que quem vê. Dele, gostamos - de um cego por completo - por nós, ele nem não poder devassar as formas nem feições?

Seô Tomé se soberba. Lava com sabão o corpo, pede roupas de esmola. O guia, bebe. Deandavam de lugar a lugar, sem prevenir que já se estava no vir para aqui. Cá chegaram, pois é. Confesso que o vi com modos de não-digas, com toda a força guardada. Mas o queria, fatal. Ajoelhei para pedir ao guia que mentisse. E ele procedeu: "Esta é bonita, a mais!" Seô Tomé amaciou a barba. Passeou mão nos meus braços, arrojo de usos. Soprou, quente como o olho da brasa. Respiramos, choramos, méis, airosos. Nos encontramos cada noite, nos amasiamos oculto. O guia arruma pra gente o redor, o amodo e o acomodo, e fica de longe, tomando conta. Meu marido??? Desgosta de mim. Homem druxo, de estrambolias, imoral. Nem vai em casa. Alguém me maldou? Pro guia dou cachaça, comida. Peço a ele que diga ao meu seô Tomé minhas porvindas belezas. Que os meus olhos permitem brilhos, um quilate dos dentes, minhas chispas, a suma cor das faces. E o seô Tomé, as balbas de truz, sorve também o deleite de descrever o que o amor, ele não desapaixona. Anda variando, fala que começou a tomar a enxergar! Delírios, de paixão, cobiçação, por querer, demais, me avistar - meus traços - essa formosura que... nós três, no desafeio, a gente tanto inventou. Ultimamente estou estremecida, de pavores de amor. Às vezes em que ele me apalpa com fortes ânsias, manuseia minha cara, oitivo, dedudo. Ar que acontece... Estou quase grávida.

ÁLVARA - Lioliandro não sabia dançar. Fazia era nadar no rio, o quanto pudesse. Veio, nesse tempo, foi uma canoa, sem dono, varada na praia. Ele ocultou-a... Era o único a olhar por cima do rio, como para um segredo. Queria era, um dia, que fosse, atravessar o rio, como quem abre enfim os olhos. Desta banda de cá, dos conhecidos, o desestimavam, dele faziam pouco... Fez os remos. Não se casaria até que a sorte das irmãs estivesse encaminhada. No em que se casaram, junto, as duas primeiras irmãs, se deu festa. Eu dançava sorridente, nem me destacando de entre as mais. Lhe dei a mão: - “Você tem o barquinho, pega a gente para passear?”. Ele me desentendeu. O rio é que indica o erro da gente, importantes defeitos, a sina... Quando a Lica, irmã caçula, ficou noiva, fui passar mês na casa deles, para auxiliar nos preparos. Eu cantava, dançava, mas, mesmo não se curava Lioliandro de frouxo desassossego. Na festa, para ele atentei as dadas vezes. Ele desencerrava-se. Da feita, também eu fiquei de parte: “Não danço...” – a todos respondia. Não podia gostar dele! Decerto de algum outro, dos que me enxergam. Lioliandro estudava a solidão. Não entendia em amor as pessoas. Entretanto, provou, para sustos e escândalo, a façanha: na manhã, desapareceu, em as rápidas águas atrapalhadas, de adeus e adiante, nadava, renadava, talvez ele não sendo o de se ver capaz. Reviu as ilhas, daí o remate e praia – de a-porto. – “Não posso é com o tal deste rio!” – sacudiu dos dois lados os cabelos e somente riu, escorrido cuspindo. A mãe chorava, desdizendo as próprias antigas pragas: - “Que é que lá tu queria?!”. Detrás dela, aparecia eu, Alvara, gritando por ele, corada ou pálida. Súbito então se voltou, a minha voz: virou e veio. Mais eu o encarei: - “Tudo é o mesmo como aqui...” – Lioliandro quis ouvir, se bem que leve, nem crendo. Mas eu continuei, sem pejo, corajosa: - “De lá vim, lá nasci... Sou também da outra banda...”

MEMA – Ele queria conversar com uma mulher. Ainda moço, tão bem vestido quanto comedido, nem alegre nem triste. Empresário e dono do circo Carré, se afamara como o clown Ritripas, o tal Ruysconcellos – palhaço; deixado então do mister circense. Ele nunca teve graça, o que divertia era seu excesso de lógica. Eu, na ocasião, mulher pública, negava-me a falar de outra – Ona Pomona, casada e remota no mundo. Tinha sido minha amiga. Ele pedia a máxima seriedade nesses assuntos, buscava toda cópia de informação sobre ela, esperava, insistia. Eu desatendia recados. Se quiser venha, como os outros - somente pelo passatempo. Nada nos aproximava, aventura nem namoro. Ele tinha um retrato dela. Eu queria entender o avesso do passado entre ambos: Ruysconcellos e Ona Pomona. Inútil... Ele dobrou com distraído cuidado a foto – onde eu também me encontrava – partiu-a, minucioso, destruindo daí a outra e errada metade. O que ele imaginava, de amor a Ona Pomona, mero engano, influência, veneta. Ele não queria ser ele mesmo. Vê? - o retrato - a parte que guardou, era o meu. E, então, fora o de Ona o rasgado. Ele fez a careta involuntária: a mais densa blasfêmia. Estava sem óculos. E, de pé, implorava, falando em aparte: Nona, Nopona, Nema. Eu estava desatinada, escrevi-lhe insultos. Eu estava ali, com muita verdade. Que venha... para o que quiser... Precisava de dinheiro, de ajuda?! Meus pensamentos viravam e mexiam... Tiveram de romper a porta, havido alvoroço. Falso e exagerado quase tudo o que a respeito se propalou: ele satisfeito sucumbiu, natural, de doença de Deus. Eu, Mema Verguedo por própria vontade. A morte é uma louca?

JIMIRULINO - Se o assunto é meu e seu, lhe digo, lhe conto; que vale enterrar minhocas? De como aqui me vi, por tantas cargas d'água. Ah, que saudades que eu não tinha... Eu trabalhava para um senhor Doutor Mimoso. Sururjão, não; é solorgião. Inteiro na fama, de calibre de quilate de caráter. Vindo a gente a par, nas ocasiões, ou eu atrás, com a maleta dos remédios e petrechos.

“Jimirulino, a gente deve ser: bom, inteligente e justo... para não fincar o pé em lamas moles...”

Ele, a cachola; eu a cachimônia. Assim a gente vinha e ia, por doentes e adoecidos. Eu mais meu revólver e o fino punhal. Dos inimigos dele: os que a gente não quer, mas faz. Os três: Chico Rebuque, tão botocudo; um Chochó, que por dinheiro dava a vida alheia, e o que mandava, seo Sá Andrades Paiva, espírito sem bicarbonato.

“O que esses são: são é os meliantes... Jimirulino, deixa. Um dia eles topam algum fiel homem valente...”

Respirei respiração. A abreviar com aqueles três juntos. Atirei num: rente alvejável. Desfechei noutro. Acertei o terceiro. Quem entra no pilão, vira paçoca! Nenhum viveu. Me prenderam – ainda com fôlegos restantes. Se o assunto é seu e nosso, lhe repito lhe digo: Fui a júri e condenado. O patrão ajudou a baixar a pena; ainda tenho uns três anos invisíveis. Acho que achei o erro, que tive: de querer aprender demais depressa. Inda hei porém de ser inteligente, bom e justo. Hei de trabalhar para o Doutor Mimoso!

NHOTA – Noite nova de antiguidade; eu topo é a tristeza. Falta de continuação...
Natal é animação para surpresas, tintins, tilintos! Eu devia de distrair saudades!
Rir do que não sinto, rir e não cuspir.
Tudo cabendo no possível, quero ver visões. Caduca de maluca não estou. Rir do que não sentir.
Numa solidão sem sala, estava ali a não imaginar o mundo, pois esse perdeu seu tique taque, tombou no quiquiri de um cochilo...
Rir. Não sentir!
Mecê não mije na cama!
Por que é que a gente necessita da importunação dos outros, se deles convém mesmo é a gente se livrar?
Rir. Não sentir. Não cuspir.
Algum desarranjo de juízo! Por que é que a gente necessita da importunação dos outros?!

No tremeclarear a estrela D'Alva se pingou para dentro. Eu não tinha morrido, devia de viver essa vida aos átimos...

(cantarola, saindo)

Bendito,
Louvado seja,
O santíssimo sacramento...

Amém Jesus! *(sai)*

LUA CRESCENTE

INÁCIA – Roxão, meu marido, tinha sido perseguido criminoso. Às tortas, entregou garrucha a Sarafim. Disse: “Juntos, vamos resistir, aos que vêm! Sarafim a par de nenhum rixar, nem de armas, a garrucha soltada caiu e disparou. Aí, o Roxão morto! Largava nossos filhos e a mim, por eterno.

Que modo Sarafim podia ter matado meu marido? Atirou sem querer ou aproveitou para obrar assassinato? Na cruz da ocasião, todos insistiam e apertavam Sarafim, para que costeasse a mim e meus filhos. E eu havia de me conceder? Mulher de ninguém.

Pensaram que fosse por vingança. Ora Sarafim era estimado do falecido. Campeiro companheiro, feito os dedos das mãos, desirmãos. Mal por mal, contratou-se comigo. A gente tem de surto viver aos trechos – a alegria não é sem seus próprios perigos, a tristeza produz à toas cansaços.

De mim, sua esposa adotiva, lembrava constante. Estávamos vivendo mais quente, gostava de mim todas as vezes e eu pondo o tempo havia de igual querer a ele, janeiro afofa o que dezembro endurece.

A cada ida e volta dessas retardadas boiadas, melhor Sarafim me tratava, conforme facho de flores. Eu, pondo o tempo, havia de igual querer a ele – saliente guieiro algum dia à testa de boiadas.

Quando voltava o recebia quase com enfeite, por um dia ou dois o deixava gostar de mim para gastar o pouquinho de saudade que o vôo do tempo juntara. No restante embezerrava, negava.

Devagar e manso se desata qualquer enlço, esperar vale mais do que entender. E hoje, digo: as pessoas se encaixam nos veros lugares.

DRIZILDA – Eu queria a saudade. Minha saudade sem memória. Com nem quinze anos, no povoadozinho palustre, em feio o mau sertão cheguei. Meu marido na cova e o irmão preso condenado, estranhos culpando-me, soante o costume. Era o Arroio-das-Antas, onde só restavam as sobejas secas velhinhas, tristilendas. Rodearam-me solertes, duvidando, diversas. Uma, avó Edmunda, sob mínima voz abençoou-me. Outra por ela puniu afetando-se áspera. Lá não deviam de estender notícias, no limbo, no olvido, no não abolido. Fiz tenção de trabalhar, pagava o mourejo, fado, sumida em mim, vendo o chão, mentindo para a alma. Vigiam-me as velhas, tramavam já com Deus, todas juntas, a fé de mortificadas orações para o forçoso milagre! Falava-se de uma ternura perfeita, ainda nem existente, o bem-querer sem descrença... e o tempo, como sempre, fingia que passava. As velhinhas, pactuavam a alegria de penar, a fito de que neste sertão vingassem ao menos uma vez a graça e o encanto. Custódias, as vovózinhas...vinham, circulavam-me. Alguma proferiu que todo dia é véspera... Rezavam, jejuavam, exigiam trêmulas, poderosas, conspiravam. A avó Edmunda, de repente, morreu, morreu de penitências, tão anciãs as outras jubilavam. Saiu o enterro, eu adiante. Vinha de lá um cavalo grande, entrante à estrada. Em galope curto, o moço. Senhorizou-se: olhos de dar, de lado a mão feito a fazer carícia- sorria, dono. Nada. Senão que me queria e amava, percebi-o puramente, refflor: Sim. Em volta as velhinhas agradeciam. Nós dois, entreamor, paixão para toda a vida. Não esperar inclui misteriosas certezas.

LIVÍRIA – Jó Joaquim era quieto, respeitado, bom como o cheiro de cerveja. Conosco quem pode, porém? Foi Adão dormir, e Eva nascer. Me chamo Livíria. Sorrimos, nos vimos. Era infinitamente maio e Jó Joaquim pegou o amor. Enfim, nos entendemos. Mas muito tendo tudo de ser secreto. Porque meu marido se fazia notório, na valentia com ciúme; e as aldeias são a alheia vigilância. Até que – deu-se o desmastreio. O trágico não vem a conta-gotas. Apanhou-me o marido: com outro, um terceiro... Sem mais cá nem mais lá, mediante revólver, me assustou e o matou. E, também, de leve me feriu, leviano modo. Jó Joaquim, no absurdo desistia de crer. Me imaginara jamais a ter o pé em três estribos. Reteve-se de me ver. A mim, Rivília. Mas. O tempo é engenhoso. E então, meu marido faleceu. Logo Jó Joaquim o soube... Vai, pois, comigo se encontrou. Daí, de repente, casamos. Alegres, sim, para feliz escândalo popular. Mais. Sempre vem imprevisível o abominoso? Da vez, Jó Joaquim foi quem me deparou, em péssima hora: traído e traidora. De amor não me matou. Me expulsou apenas, e eu, Irvília, viajei fugida, a desconhecido destino. Tudo aplaudiu e reprovou o povo, repartido. Pelo fato, Jó Joaquim sentiu-se triste, pois que tão calado. Suas lágrimas corriam atrás de mim, como formiguinhas brancas. Era o seu um amor meditado, a prova de remorsos. Crível? Desejava ele a felicidade. Entregou-se a remir, a me redimir, à conta inteira. Incrível? De sofrer e amar, a gente não se desfaz. Nunca tivera eu amantes! Não um. Não dois. Dizia isso Jó Joaquim. Cumpria-lhe me descaluniar, se obrigava por tudo. Sem malícia, com paciência, sem insistência, principalmente, ele, genial, operava o passado. Criava nova, transformada realidade. Pois, produziu efeito. Surtiu bem. O tempo secou o assunto. Todos já acreditavam. Ele primeiro que todos. Mesmo eu, até, por fim. Chegou-me lá a notícia, onde me achava. Soube-me nua e pura. Fui sem culpa. Voltei, com dengos e fofos de bandeira ao vento. Três vezes passa perto da gente a felicidade. Jó Joaquim e eu, Vilíria, nos retomamos, e convivemos, o verdadeiro e melhor de nossa útil vida.

SÁ MARIA ANDREZA – Nesse dias, nada vezes nada. De enfastiado e sem graça, meu marido, Joaquim, comeu demais. Do almoço, empós, se remitiu, em rede, em quarto. Questão de idade, digestões e saúde: fígado. Eu, santa e meio passada mulher, ia ferver um chá, já, para o seu empacho. Chegou um certo sujeito, um positivo, com carta: “Para um moço e uma moça, lhe pelo forte resguardo.” Doidices de amor! Ai, ai, a longe mocidade. Saímos dos suspensos para os preparos. Eu, correta mulher, arrumei dois quartos, meu marido limpou a parabélím. Então veio o anoitecer, as estrelas. Em meia noite chegaram. Noivos, amor muito. Ela, era das lindas, suspendendo as atenções. Só meio assombra-dazinha, sorrisos desabagados. O moço, rapaz – tinha um rifle longo. Tinha o garbo guapo. A linda moça, dentro, no oratório rezava, sinceros carinhos lhe dei. Acordou-se antes dos galos. Com gosto, em cozinha me esmerei. Moço e moça impavam. Airosos, braço pelo braço. Essas delícias de amor! Eu, bem vestida, figura também que até corada, sadia, eu Sá Maria Andreza – contemplada. Aí, foi o simples banquete, que com tudo e leitão e peru, farofas. Homem comendo em pé, prato na mão; alerta o ouvido. O noivo, de armas na cinta. Recebi mais natureza – fonte seca brota de novo. Estava bela, remoçada. Mirei Joaquim com amor. Madrugada. Eu, fogo de amor, verbigrácia. Joaquim, feliz, me olhava, mão na mão, na outra o rigle empunhado. Vamos dormir abraçados. As coisas que estão para a aurora são antes à noite confiadas. Adormecemos. Nem guerra, nem mais lua-de-méis. Olhei Joaquim, que me olhava. Aquelas luas-de-mel, tão poucas... As passageiras consolações: fazer-de-conta-de-amor.

VIVIANA – Um fenômeno luminoso se projetou no espaço, seguido de estrondos, terremoto, e a terra se abalou. Caiu medonho temporal, muita criatura e criação pereceu, soterradas ou afogadas. Outros vagavam a Deus dar.

Foi avistado, de muito manhã, um moço, de distintas formas, mas em lástimas de condições. Tão branco, mas não branquicelo, senão que de um branco leve, semidourado de luz: figurando ter por dentro da pele uma segunda claridade.

Meu pai, homem de gênio forte, além de maligno e injusto, do moço, só não se engraçou, antes já de abnício o mal quis.

Ele apareceu, acompanhado do preto José Kakende, escravo alforriado, e me viu. Percebeu que eu não me divertia igual as outras, mas me achou muito bonita. Chegou-se muito a mim, gentil e espantoso, pôs a palma da mão no meu seio, delicadamente. Meu pai prorrompeu em pleiteantes brados de “tem que casar! A gora tem de casar!” E só teve termo quando o padre, e outros mais velhos, lhe rejeitaram tão descabidas fúrias e insensatez. Eu, com radiosos sorrisos, o serenava. E a partir dessa hora, despertou em mim um sem fim de alegria, para todo restante de minha vida, donde um Dom.

Após um tempo, passou também meu pai a estimá-lo, e suplicava que deixassem levar o moço para sua casa, mas o moço, claro como olho do sol, o pegou da mão, e o conduziu pelos campos de sua própria terra, e lá indicou que mandasse cavar. Se achou ali uma gruparia de diamantes, meu pai pensou que iria virar riquíssimo, e mudado, de fato esteve, em homem sucinto, virtuoso e bondoso.

Mas, do moço de novo se soube. Disse que saíra pelos altos, num de seus desapareceres; era um tempo de trovoadas secas. O escravo José Kakende contou que o ajudara a acender, de secreto, nove fogueiras, e repetiu suas divagadas visões - de nuvem, chamas, ruídos, redondos, rodas, gerinças e entes. Com a primeira luz do sol, o moço se fora, tidas asas. Em todos, deixou uma saudade e meia morte. Ele cintilava ausente, aconteceu. Eu conservei minha alegria! Pois. E mais nada.

OTACÍLIA – Era maio... Vieram chegando de tardinha, noitinha já era, noite fechada. Pousaram aqui dois dias, com a graça de meu pai sôr Amadeu, na Fazenda Santa Catarina, nos Buritis altos, cabeceira de Vereda. Riobaldo... Foi Riobaldo que primeiro me encaminhou os olhos... Eu não estava noiva de ninguém. Foi me contando que era filho de São Selorico Mendes, dono de três possosas fazendas. E que não tinha nas suas costas crime nenhum, nem estropelias, mas que somente por cálculos de razoável política era que ele vinha conduzindo aqueles jagunços. Ele era diferente deles. Riobaldo caçou melhor coragem, e pediu seu destino a mim. Como Riobaldo e eu ficamos gostando um do outro, conversamos, combinamos noivável, e na sobremanhã ele se despediu, e de cá partiu, com Diadorim e os outros.

Desse Diadorim eu não gostei. Por que era que ele precisava ir por adiante, com Diadorim e os companheiros, atrás de sorte e morte, nestes Gerais? Por que ele não podia ficar de vez? Eu só havia de gostar dele, o tempo que carecesse eu o esperava, até que, para o trato de nosso casamento, ele pudesse vir com jús. Mas desse dia desde, sempre uma parte dele ficou aqui, comigo. Destino. O que cada um sonhava, quem é que sabia? Abrandei minha lembrança em Riobaldo, sincera o aguardava. Eu rezava. O existir da alma é a reza... Aqui, a gente não vê o virar das horas. A marca dos tempos, na folhinha de parede... Eu parava sempre naquela meia-incerteza. Queria só mesmo Riobaldo, minha vontade de amor. Guardada protegida, neste lugar, mais longe neste mundo. Eu queria viver ou morrer com ele - que a gente se casasse... Foram meses, foram anos... Eu vivendo o razoável de cada dia, no estar.

LUA CHEIA

MÃE QUITÉRIA – Dei'stá: debaixo do angu tem molho, e atrás de morro tem morro. Isso sim... cada um tem a sua hora e sua vez. Tristeza é aboio de chamar o demônio, e o Reino do Céu, que é o que vale, ninguém tira de sua algibeira, deis que mecê esteja com a graça de Deus.

Mecê é couro ainda por curtir, Nhô Augusto. Vida entortada no verde. Vira o demônio de costas, Nosso Senhor se esqueceu de mecê! Os capangas pulavam de cada beirada, pauladas na cabeça, nos ombros, mecê desdeu o corpo e caiu. Urrava e berrava, estrebuchou tanto, que o corpo pareceu querer se partir em dois. Arrastaram, pelo atalho que ficou sendo um caminho de pragas e judiação. Meio nu, picado de faca, enlameado grosso, poeira com sangue. Alcançou o barranco, pulou. O corpo rolou nas moitas.

Meu preto calculou que os outros já teriam ido embora, saiu do esconso, e subiu barranco. Encontrou vida fundo no corpo maltratado de homem branco, carregamos para o casebre. Nessa espera deu que pôs sua pessoa nos olhos, e gemeu. O corpo todo lhe doía... Mecê lembrou da mulher e da filha sem raiva, só com uma falta de ar, chorou muito, sem vergonha nenhuma, choro de menino ao abandono. Entregou para Deus Nosso Senhor, e fez penitência... Dai, por diante, cada dia de Deus trabalhou por três, e ajudou os outros. Só esperava era a salvação da alma. Jurou ir p'ra o céu, por bem ou por mal, nem que fosse a porrete!... (ri) Mas, como tudo é mesmo muito pequeno, e o sertão ainda é menor, passou por cá um conhecido velho... Foi logo dando as notícias que ninguém pediu, a mulher, continuava amigada... a filha, foi uma tristeza: cresceu e se encorpou uma mocinha muito linda, mas caiu na vida... Confessa aos seus pretos, Nhô Augusto: Deus está tirando o saco das costas de mecê, só agora mecê entende que história de navegar com religião, de querer tirar a sua alma da boca do demônio, é mesma coisa que entrar num brejão; para a frente, para trás e para os lados, é sempre dificultoso e atola sempre mais. Nada adianta mais, para reter mecê, nem os rogos reunidos da Mãe Preta e do Pai Preto. Quando coração está mandando, todo tempo é tempo!... Vamos sentir muito a sua partida. Mas mecê está madurinho de não ficar mais...

DONA JOAQUINA - Puseram-lhe atenção. De engano em distância, aparecia-lhes exótico, exclusivo. Era Mechéu. Trabalhava, vivia, moscamurro e raivancudo. Melhor consigo mesmo se entendia, a meio de rangidos e resmungos. Sempre via o mal em carne e osso. Dava-se de não responsável de todo malfeito seu, desordem, descuido. Superstição sua única era de que não varressem ou lhe jogassem água nos pés, o que o impediria de casar. Ele faz demais questão de continuar sendo sempre ele mesmo... Mechéu, o firme. De fora viera a menina, menininha de inéditos gestos, disse: - Você é bobo não, você é bom... Michéu, Bambéu... Michéu, Bambéu... Ele se regalou se arredando dali. Mechéu assim, a vida vira assim... Tardiamente apenas se soube o que a seu respeito valesse; depois, anos. Abaixo dele, bem meio idiota, papudo, era o outro, o Gango, que por Mechéu era tratado de menor, sem estimação. No que houve que o Gango morreu, chifrado de vaca. Mechéu, se cuspiando, se sumia, o boi em transtorno. Está andando meio exercitado por aí, não se vê o que ele quer. Vinham dizer. Só de mim se aproximou, de vira vez perguntou: - A menininha não morre, não, nunca? De dó confirmei: - Nunca! De saudade ou falta do Gango ele houve pingos nos olhos, inquiriu: - Nem eu?! Mechéu estava bem diferente, esperando um tudo diferente. Não falemos mais dele.

DORALDA – Aos muitos, Bem. Tu agora está com ciúme?

Absoluto que não, Bem. Este nunca eu nem vi, lá, na casa da Quêlma...

Só estive três meses na Lena, e dois na Maria Canja, e depois nem bem um tempo na da Quêlma. Aí você apareceu...

Mas tantos, Bem. Como é que posso contar?...

Amigada nunca estive, sempre não quis... Tu foi o primeiro homem que eu prezei de gostar com amor...

Tinha os certos, e os rareados, e os que vinham em avulso, e depois a gente nunca via mais. Mas uma coisa posso te dizer Bem: quem ia comigo uma vez, sempre que podia voltava...

Pelo nome, assim, não me alembro, Bem. Se visse outra vez, sabia... E tantos davam nome trocado, p'ra enganar. Como é que eu posso saber?

Não, com esse não.

Mas, Bem...Tantos...

Bom, tu conhece, por exemplo, o João Adimar?

Pois ele me vinha muito... Se apaixonou...

Demais.

Bem, eu gostava por serem homens, só. Rabicho nunca tomei por nenhum...

Era. Pois, eu ali, não era p'ra ser? Tu está com ciúme em ódio?

Gostava, uai. Não gostasse, não estava lá...

Hoje em dia gosto é de você... Quero você, Bem, tu p'ra mim, a vida toda. Não posso que você um dia canse de mim!

Nenhuma, Bem. Mas tu sabe que sou sua mulher, direita, correta...

Iládio...Iládio... Nunca vi branco nem preto nenhum com esse nome...

Mas, Bem, preto é gente como os outros, também não são filhos de Deus?

Não sou.

Gosto que tu ache isso de mim, Bem. Agora deixa eu te beijar, tu esbarra de falar tanta coisa...

MARIA MUTEA – Peço perdão! Perdão forte, perdão de fogo, que da dura bondade de Deus baixe em mim, antes de qualquer hora de nossa morte! Me confesso, aqui, a fim de perdão de todos! Meu marido morreu, sofri sem muito dizer, guardei a dor sem demonstração. Nos dias antes estava ele em saúde apreciável, só de acesso de coração era que podia ter querido morrer.

E desde a sua morte peguei a ir a igreja todo santo dia, de três em três me confessava.

Padre Ponte, de todos bem estimado, cumpridor e caridoso, visível já tirava desgosto de prestar a mim pai-ouvido. Ralhava comigo, terrível, no ter de ir me escutar: confissão clamada não se nega. Foi o padre ficando adoecido, de doença pra morrer. Emagrecia, amofinava o modo, tinha dores, e em fim encaveirou, duma cor amarela de palha de milho velho. Morreu triste. E desde por diante nunca mais voltei na igreja.

Agora confesso: eu, onça monstra, cobra, bicho imundo, sobrado do podre de todos os esterco, eu matei meu marido sem motivo nenhum, sem malfeito dele nenhum, causa nenhuma – ; por que, nem sei. Matei dormindo – despejei no buraquinho do ouvido dele, por um funil, um terrível escorrer de chumbo derretido. E, depois, por enjoar do Padre Ponte, também sem queixa nem razão, amargável menti, no confessional: disse que tinha matado meu marido por causa dele, Padre Ponte – porque dele gostava em fogo de amores, e queria ser concubina amásia... Tudo era mentira, eu não queria nem gostava. Mas, com ver o padre em justa zanga, eu disse tomei gosto e era um prazer de cão, que aumentava de cada vez, ele não estava em poder de se defender. Padre Ponte de desgosto adoeceu, e morreu em desespero calado... Tudo crime, eu fiz! Agora imploro o perdão de Deus! Venham todos cuspir em minha cara e dar bordoadas. Eu tudo isso mereço!

MÃE DO MACACO - Os homens tramavam zuretados de fome – caça não achavam – até que tombaram à bala um macaco vultoso, destrincharam, quartearam, comeram. Enquanto estavam ainda mais assando e maducando, se soube, o corpudo não era bugio não, não achavam o rabo. Era homem humano, morador, um chamado José dos Alves! Mãe dele, vim de aviso. Era criaturo de Deus, que nú por falta de roupa... Meu filho escapulia assim pelos matos, por da cabeça prejudicado. Foi assombro.

Algum disse: “Agora que está bem falecido, se come o que alma não é, modo de não morrermos todos.” Não se achou graça. Não, mais não comeram, não puderam. Um lançou, outros também vomitavam. Eu roguei. Perrengueavam. Conseguiram de mim a informação: que tinha, obra de quarto-de-légua de lá, um mandiocal sobrado. “arre que não!” Ouvi gritarem: que de certo, por vingança, eu ensinasse aquilo de ser mandioca-brava! Esses me olhavam com terrível raiva.

Um passou mal, outros tinham dores, pensaram que carne de gente envenenava. Muitos estavam doentes, sangrando nas gengivas, e com manchas vermelhas no corpo, e danado doer nas pernas, inchadas.

Melhor engulir capins e folhas.

O tempo todo eu temia de que faltasse outro de comer, e eu servisse.

MIRA – Eu, Mira, viúva recém e Joãoquerque, meu hoje mais que ex amante, conversávamos pequenidades e certezas na cozinha, quando o demoníaco esmurrou a porta. Era o Ipanemão, o cruel matador de homens, violador de mulheres, dono das variedades da vida. Sua voz varou num “Ô de casa” até a cozinha, onde eu frigia bolinhos para o jantar. Vi o instante e o adiante desenhos de horror. O destino pulou para outra estrada. Trememos e nos fitamos. Eu, Mira salvei Joãoquerque. Não podia deixar de querer ainda mais os históricos carinhos. Eu mesma mandei-o ir-se. Pelo escuro do quintal correu para onde houvesse depois um valezinho de um riacho. Como um bicho frechado, teimou em se esconder mais que minhocas. Ninguém se livrava de Ipanemão. Joãoquerque errou o pensar. Era o dia do valente não ser. Deitado de costas, conforme num buraco analfabeto para as estrelinhas, embuçou a idéia. Eu vim a sua mente. Viu, que quem vivia era o Ipanemão o perseguindo. Assim, ele se representou sem ser do jeito de vítima e o medo depressa se gastou. Levantou e virou volta. Virou volta!!! Remontou o quintal de cauteloso modo. Por modo de não hábito, exilou-se de si e pronto no ânimo pegou o machado. Passou-lhe o nada pela cabeça. Caminhou, catou adiante. Ele voltou, relatado em sua razão. Ipanemão, lá dentro não se achava. Ele bebia e assava carne defronte a casa com mais dois. Talvez, sem nem real idéia de bulir comigo. Joãoquerque rodeou o cruel, que estava agachado de movente cócoras. Ergueu com as duas mãos o machado e “braz”, rachou em duas partes os miolos de sua cabeça. Até aquele dia Ipanemão tinha sido imortal. Meu Joãoqueque, com os olhos desempoeirados, pés no chão, a mão na massa, o nariz no que era de sua conta e a cabeça em seu lugar. O padre e eu, dali a dois meses o casamos. Vezes a gente em si faz feitiços fortes, sem saber por dentro da mente.

CILDA – Meu marido era moço, restou sem pai e mãe, quando varejou em sua terra a bexiga-preta, acabando com as pessoas e as palavras. Distribuíram dele vir até aqui. E foi então que me avistou, eu, moça, Cilda chamada. Ele me contemplou: não a formosura, nem caridade, mas um agrado singular, o de que eu não causava prejudicar a ninguém. Depois figurou que eu era bonita, mais tarde. Como estava doente o levaram para a casa-dos-pobres, quem veio pra cuidar foi o meu pai. E eu fui acompanhar no particular de suas aflições. Meu pai falou que um homem havia, que ajudava geral, amparo e concerto, um tal Rebimba, o bom. A alegria lhe conciliou, os olhos dele brilhavam: tudo que ele quisesse, o tal Rebimba, o bom, proveria. Ele saiu do frio para o quente, levantado sarado. Só que de supetão, um tio seu apareceu. Isso trouxe pro seu lado muita mudança. Pode amornar lugar, viver a saber. Esqueceu de tudo, até do tal Rebimba, o bom. Nos anos, cá mal veio, quase nem me viu. Não queria pôr lembrança no meu pai, disse que meu pai esmolara desgraça inventando aquilo do Rebimba, o bom, que o tinha enganado.

Mas seu tio morreu, e o deixou sócio de fortuna. Tudo o que era, eram dívidas e perdas por trás, ele ia quebrar falência. A verdade o adoeceu. Mas, o tal, o bom, Rebimba!, havia de lhe valer. Então, já valente se levantou.

Aqui, eu, sempre dele gostava, calada, toda outrora. E ele voltou. A gente se casou, pelo meu pai abençoados, de tão velhinho já caduco, do tal Rebimba, o bom, tudo esquecera.

Meu marido fazia tenção de um dia ir lá, ao ele, o tal. Mas nem isso prosseguiu; porque nessa época estava afartado, prosperioso. Em tanto, pois, que, pela primeira vez eu lhe iludi, ele ficou viúvo, eu morri. Esse, foi seu sofrimento. Para o que assim, nem o tal Rebimba, o bom, tinha socorro.

Ele acabou, de certo modo. Temia ficar louco, medo da bexiga-preta. No entanto, viajou, a um arraial onde procissão de gente caminhando. Indagou, escutou: se enterrava Rebimba, o bom, pessoa qualificada! Meu marido acompanhou, por tudo soluçou e ria, por aquele homem ter havido e existido, protetor, da melhor sagacidade. Ele hoje, não tem medo de morrer. Envelheceu, a vida não lhe puxa mais a orelha. O mundo hoje está em paz. Repenso em Rebimba, o bom, valedor. “Louvado seja o que há!”

LUA MINGUANTE

SILIVANA— (lendo uma carta) “Ouvi vozes e espiei por uma fisga da porta; te vi em pleno adultério... vocês não me pressentiram... o outro era Cassiano Gomes... No outro dia, fui tocaiar a casa dele e baleei o outro bem na nuca. Mas... Eliminei não o Cassiano Gomes, e sim o Levindo Gomes, irmão daquele, e que, por sinal, detestava mexida com mulher dos outros. Contratempo de última hora, que veio pôr dois bons sujeitos, pacatíssimos e pacíficos, eu e ele, num jogo dos demônios, numa comprida complicação. Mas, eu estava com a razão... Eu tenho muita saúde, graças a Deus... Mas, o tal... Correndo assim por essas brenhas, quero ver! Ele barganha de cavalo, troca, troca, que nem cigano, mas não pode bater baldroca com o coração, lá dele, que não regula direito! É só esperar um pouco e sacudir vermelho nas ventas do touro... Estou sem cachorro, mas estou caçando de espera.” (baixa a carta)

Duelo. Comecei a sentir-me mal, com um frio por dentro. Cassiano, conheceu cedo a intenção de Turíbio, que lhe transmiti e regressou ao arraial: “Negócio de vingança não paga a pena. Não quero saber mais! Melhor entregar p’ra Deus.” Lhe mostrei as cartas, cheias de saudades, dizendo que Turíbio foi p’ra o São Paulo.

Mas... Cassiano vendeu tudo o que tinha e afundou por aí abaixo e eu, carinhosa, invoquei Turíbio para o lar. Ele tinha de fazer ainda um dia a cavalo e estava com pressa, porque eu tenho os olhos bonitos, sempre grandes de cabra tonta. De repente, Turíbio ouviu o tropel de um galope destemperado, o cavaleiro, meio-quilo de gente, Timpim Vinte-e-Um, freou quase encostado. Tirou a faca e o fumo, desejoso de puxar conversa, emparelharam os animais. Subiram um morro, desceram o morro; o caminho entrou no mato fechado, tudo silêncio e sombra. De repente, Turíbio ouviu, firme e crescida, outra voz, que ainda não tinha escutado: “Se apeie e reza, que agora eu vou lhe matar, porque eu prometi ao meu compadre Cassiano, na horinha mesma d’le fechar os olhos! Peço perdão a Deus e ao senhor.” Turíbio curvou de banda e puxou o revólver, mas a garrucha negou fogo. Timpim fez o emnome-do-padre e fugiu pelo estradão. Turíbio Todo, meu marido... estava com a razão.

NHORINHÁ - Eu era moça, meretriz, por lindo nome Nhorinhá, filha de Ana Duzuza. Um dia mandei a Riobaldo uma carta: carta simples, pedindo notícias e dando lembranças, escrita por outra alheia mão. Nhorinhá me chamo. Escrevi, mandei a carta. Carta gastou uns oito anos para chegar; Riobaldo recebeu, já estava casado. Carta que se zanzou, para um lado longe e para o outro, nesses sertões, nesses gerais, por tantos bons préstimos, em tantas algibeiras e capangas. Tinha botado por fora só: Riobaldo que está com Medeiro Vaz. E foi, levada por tropeiros e viajores, recruzou tudo. Quase não podia mais se ler, de tão suja, dobrada, se rasgando.

Enquanto fala, vai desenrolando o longo fio de linha preta muito fina, abre o canudo de papel pardo, tira de dentro um envelope muito sujo, amassado, meio rasgado.

Uns não sabiam mais de quem tinham recebido aquilo. Último, que foi com ela, quase por engano de acaso, era homem que, por medo da doença do toque, ia levando seu gado de volta dos gerais para a caatinga. Riobaldo, já estava casado. Gosta da mulher, Otacília, sempre gostou. Hoje mais. Quando me conheceu, de olhos e mãos, esta Nhorinhá, eu, gostou de mim só o trivial do momento. Quando escrevi a carta, estava gostando dele, de certo; e aí já estivesse morando mais longe, magoal. Quando recebeu a carta, viu que estava gostando dela, de grande amor em lavaredas; mas gostando de todo tempo, até daquele tempo pequeno em que comigo esteve, na Aroeirinha, e conheci, concernente amor. Riobaldo, gosto bom ficando em meus olhos e minha boca. De lá para lá, os oito anos se baldaram. A verdade que, em minha memória, mesmo, ele tinha aumentado de ser. De certo, agora não gostasse mais de mim, quem sabe até tivesse morrido... Eu queria decifrar as coisas que são importantes. Queria entender do medo e da coragem, e da gã que empurra a gente para fazer tantos atos, dar corpo ao suceder. O que induz a gente para más ações estranhas, é que a gente está pertinho do que é nosso, por direito, e não sabe, não sabe, não sabe!

DOMENHA – Eu? Domenha, da pensão. Aqui é Barra da Vaca, arraial de nem quinhentas almas. Um porto de canoas sobre o Urucúia. Lugar quase alegre... Sucedeu então que aqui chegou o grande sujeito. Seus bigodes ou a rustiquez, causavam riso e susto. Desusado forasteiro tinha vergonha de frente e de perfil, todo o mundo viu. Se discerniu por nome Jeremoavo. Alquebreirado tonteava, decerto pela cólica dos viajantes. Nós o acudimos. Tratamos dele por caridade. Dei-lhe num caneco tisanas de chá. Doeu e dormiu. Era febre malignada. Por seguintes dias ficou numa candura de delírio. Eu segurava a lamparina para ver-lhe os olhos raiados de vermelho. Melhorou, perguntando por seu cavalo raposo. Sem donde se saber, tivemos sobre ele a notícia. Era brabo jagunço! um famoso, perigoso. Alguém disse. Se estarreceu a Barra da Vaca: - Que fazer?! - nessas novas ocasiões. Se assentou que, por ora, mais o honrassemos. Se'o Vanvães o levou a conhecer a Barra da Vaca. Seo Astórgio o convidava. Jeremoavo parecia até às vezes homem bom, com integridades. Mas de não se fiar, que no repente podia correr às armas, doidarro. Rondava o povoado, por esse enquanto. Parece que tinha de ir ficando no lugar. Permanecia e ameaçava. Sendo que já para uns era por igual o velho da galhofa. Os meninos tinham medo e vontade de bulir com ele. E a aldeiazinha produziu uma idéia. Da pescaria, à rede, fufupa, a festa, assaz cachaças, com honra o chamaram, enganaram-lhe o juízo. Jeremoavo, vai, foi. O rio era um sol de paraíso. Tão bêbado, depois, logo do outro lado o deixaram, debaixo de sombra. Tinham passado também o cavalo raposo. Aqui na Barra, os homens todos, armados até ao de dentro, três dias vigiaram. Voltasse e ele não seria mais o confuso hóspede, mas um diabo esperado, o matavam. Veio não. Dispersou-se o povo, pacífico. Se riam, uns dos outros, do medo geral. Tinham graça e saudades dele. Deu seca na minha vida e os amores me deixaram tão solta no cativoiro. Felicidade se acha é só em horrinhas de descuido...

DRÁ-

Vou falar da vida de um homem; de cuja morte. Romão. Esposo de Nhemaria, eu, Drá. Dita também a Pintaxa. O escolhi, no Cunhãberá, lugar onde o mal universal cochila e dá o céu um azul do qual emergir a Virgem.

De namoro, noivado; casamento. Padrinhos Iô Evo e Iá Ó. Cunhãberá nos via sem pensar em poder entender; ímpar o par, uma e outro de extraordem. Sapateiro não o deixava trabalhar nem lazer; o afugentei de suas amizades. Romão amava-me; punha-me devoção com pelejos de poeta, um gostar sentido e aprendido, preciso, sincero como alecrim. Meus filhos não quiseram nascer. Romão imutava-se. Como égua aluada de formigas no umbigo, me perdi por outro homem, vidiço, mais moço. O povo condenava.

O moço de fora não quis mais. Desrazoável, mesmo assim, de casa sumi. Sem prazo, Romão esperava. Se esforçava, nesse eixar, trincafiava, batia sola. Seguro, por meio de Iá Ó, pediu que voltasse. Me respeitava sem ralar e mazelar. Me fazia muita fidelidade. Escapei de grande doença com os carinhos de Romão. Depois, ele se enfermou, à toa, de mal de não matar. Cunhãberá me jurou por castigada. Romão queria me ver chupar laranjas, trivial. Ele envelhecia também. À tarde, nós dois passeávamos. Quem espera está vivendo.

Chorava, adolorada. Pedia socorro. O povo e o padre no quarto, ele se prostrava chocho, em afogo, na cama. Buscava-me com os olhos. Iá Ó passava um lenço, limpava-lhe a cara; a boca. Iô Evo o mandou ter coragem somente. Por derradeiro, se soergueu, olhou e viu, num estalar de claridade, em mim se assumir toda a luminosidade, alva, belíssima, futuramente... o rosto de Nhemaria, e sorriu, o sorriso mais verossímil; dormido caiu. Esperançada abracei o quente cadáver, chorava pela vida inteira. Ele era a morte rodeada de ilhas por todos os lados. Todo fim é exato. Só ficaram as flores.

RITA ROLA - Tivesse tido um filho... De que banda é que aquela terra será? O rumo do Quim chim, Yao o ausente. Ali vivem de arroz e sabem salamaleques. Nele não falo; muito demais. Um joãovagante, no pé – rapar, fulano-da-china - vindo, vivido, ido - automaticamente lembrado. Cozinhava, e mais, na casa do Dr. Dayrell. Sem cabaia, sem rabicho, combinava virtudes com mínima mímica. Nome muito embaraçado: Yao Tsing –Lao - facilitado para Joaquim. Quim, pois... Dele eu gostava... Dr. Dayrell partiu e deixou-o a zelar o sítio da Estrada. Tsing –Lao prosperou, teve e fez sua chácara pessoal. Virara o Seo Quim, no redor rural... Eu, a amada, xacoca, lavadeira respondedora, por apelido Rita Rola - Lola ou Lita, conforme ele silabava... O primeiro efeito fui eu, Rita Rola, semelhar mesmo Lola – a – Lita... Desenhada por seus olhares... Quim olhava os meus pés, não humilde, mas melódico... Nos cheiramos e gostamos. Ora, casamos. Com festa, a comedida comédia: noivo e noiva e bolo. Ele, gravata no pescoço, aos pimpolins de gato, feliz como um assovio. Eu, pomposa, ovan-te feito galinha que pôs... Depois, nesse rio-acima, eu, Lolalita dona –de –casa, de panelas, leque e badulaques, num oco. Quim, o novo –casado, de medidas sem cura, com esquisitâncias e coisinhuezas, ainda mais feliz quim. Deu-me um quimão de baeta, lenço bordado, peça de seda, os chinelinhos de pano, mimo macio... Ensinou-me liqueliques, refinices. Mas eu, Rola –a –Rita achava que o que há de mais humano é a gente se sentar numa cadeira... De vez, nos desdemos, o caso não sucedeu bem. O silencio pode mais que a gente. Ou a sovínice da vida, as inexactidões do concreto imediato, o mau-hálito da realidade. Eu me assustei. Tirei de Quim, pazpalhaço, o dragão desengendrado. Discutíamos, antes - ambos de cócoras; aquela conversação tão fabulosa. E nunca havia fim, de patacoada e hipótese... Chamei - o de pagão... Não sou escrava! Não sou nenhuma mulher –da –vida, Não sou santa de se por em altar. Vai e vem que, Quim, se pronunciou: - “Sim, sim, sei...”. Mais o: -“T’s, t’s, t’s” parecia brincar de piscar, para uma boa compreensão de nada. Falar, qualquer palavra que seja, é uma brutalidade? Sínico, sutilzinho, deixou-me a chácara, por polidez. Desapareceu suficientemente - aonde vão as moscas enxotadas e as músicas ouvidas. Em tanto em quanto, apesar de mim, mudei. Aprendi a parar calada levemente, no sóbrio e ciente, e só rir. Ando agora a Lola Lita com passo enfeitadinho, emendado, reto, proprinhos pé e pé. Tivesse tido um filho! O amor é breve ou longo, como a arte e a vida.

DLENA - Teresinho inquietou-se. Via espaçarem-se, e menos meigas, as cartas da nôiva, Zidica, ficada em São Luís. Tremefez-se de perdê-la. Amava-a com toda a fraqueza de seu coração. Lembrou-se: novena, heróica. Devia, cada manhã, em igreja, acender vela e de joelhos ardê-la, a algum, o mesmo, santo – que não podia saber nem ver qual, para o bom efeito. Sem pejo ou vacilar, começou rezando errado o padre-nosso. Na hora, pensava em Zidica, vezes, pensava um risquinho em mim. No terceiro dia, retombou, entretanto, coração em farpa de seta. São Luís não lhe mandara carta. Quem sabe, vela e ajoelhar-se, só, não dessem. Deus é curvo e lento. E ocorreu-lhe, eu.

Dizia que eu era inteligente, amiga, esvoaçadora, e que tinha olhos de gata. Eu o acolhi, ouvi e instrui: mulheres, desprezo... Mostrou-me as cartas de Zidica. Simplórias simples cartinhas, reles ternas. Eu, aliás, nelas notava as gentis faltas de gramática. Nós dois sentados, ombro com ombro. Ternura sem tentativa – fraternura. Teresinho se embriagando miudinho, feliz feito caranguejo na umidade. Seu coração e cabeça pensavam em coisas diversas. Teresinho reparado. Zidica bordando o enxoval... Zidica, a doçura insípida da boa água... A novena completara-se, a derradeira vela, ele genuflexo. Idéia tonta posou nele. Tornou à igreja, espiou enfim o Santo. Veio a mim, com o coração na mão, algemada; caiu-lhe a alma aos meus pés. O santo não lhe valera. Fui eu quem abriu o envelope. (abre o envelope, rasga a carta, e ri de modo desusado) Viva, esta! Teresinho recuou, de surpresa, susto. Seu coração se empacotou. Decidiu-se. Ali algo se apagava. Nada disse. Saiu-se, voou para Zidica, a São Luís, em mês se casaram. Foram infelizes e felizes, misturadamente.

ANTA – Moro com meu filhote no beira-córrego, em capão do mato. Faço um fuxico, ali, uns ramos; nesse enredado, nós dormimos. Saio dos brejos antes do sol, para arrancar folhar novas de palmeiras, catar frutinhas caídas, roer cascas de ipê, angico, peroba. (tensa) Ando escondida nos matos, ressabiando os descampados. Sem longe, sem triz, ao grado de um Iô Isnar, em sórdido folguedo: condenada viva. Iô Isnar... Duro e mau como uma quina de mesa, a fim de assassinato. É o velho desgraçado. Mata por distração, para esquecer-se do espírito. (mais relaxada) Ao meio dia busco outros pântanos, lagoas, como brotos de taquaril e rilho o coco do buriti, deixo nua a semente. Ensino meu filhote a nadar: coço-o leve com os dentes, alongando o trombigio. Zebrado riscado branco como em novos nós somos. Ali fuço araticuns e mangabas do chão, muricis, a vagem da faveira. (olha para os lados, preocupada, e se muda de lugar) De tocaia, no recheço, a peitavento, comodamente me guardando, rês, para tiro detrás da orelha, o melhor, de morte. Merecia maldição mansamente lançada. Iô Isnar, carrasco, jeito abjeto, apurado, ladino no passatempo, temente ao diabo. (Falando baixo) Diz que nosso couro é cabedal bom, rijo, grosso. Dá para rédeas, chicotes, coisas de arreios. E que a carne é igual à da vaca: lombo, coração, fígado. (Mais alto) Doer-se de bicho é graça. Marcam meu bruto rastro: aos quatro e três dedos, dos cascos, calcados no sulco fundo do carreiro, no barro bem amarelo. (fica em postura de alerta) Deu a soltada dos cachorros... Diz que qualquer cachorrinho prático segura uma anta! Acossada, prendo-os com pé e os mordo. (o barulho se intensifica, olha para trás) Doer-se de um bicho, é graça.

ATO II

Terminados os monólogos no saguão, as atrizes se juntam no centro, Fernanda vai cantando Melim Meloso com o coro das mulheres, conduzindo o público de volta à sala de espetáculos. Ao entrarem, o teatro está tomado por ruído de trânsito de estrada rodoviária, todos os atores que não participaram dos mológoso visíveis atrás das carrocerias de caminhas, como uma boiada apertada, mugindo.

As mulheres entram e vão se juntar a eles.

A luz da platéia cai aos poucos.

Ainda com ruído de trânsito, o Narrador fala:

NARRADOR – Ah, tempo de jagunço tinha mesmo de acabar, cidade acaba com o sertão.
Acaba?

O ruído de trânsito cessa, substituído pelo vento. Forte.

Aparece Riobaldo numa pequena luz azul noturna: apronta-se para dormir, sentado, enrola no corpo o cobertor.

NARRADOR – Vinham por nós. Estavam chegando. Todo o tempo eu vinha sabendo que nosso fim era esse, mas mesmo assim foi feito surpresa. Eu não podia imaginar que ia entrar em fogo. Íamos ter de brigar em pequenas quantidades. Atinei mal, no começo, com quem era que mandava em nós todos. O Hermógenes.

Aparece o Hermógenes numa luz, e passa lento de um lado a outro, a luz se expande.

Riobaldo olha Hermógenes passar e sair.

Diadorim entra com um pelego de carneiro, estende no chão, deita-se para dormir.

RIOBALDO – Diadorim? Por que é que Joca Ramiro, sendo chefe tão subido, de nobres costumes, consente em ter como seu alferes um sujeito feito esse Hermógenes, remarcado no mal, homem sem anjo-da-guarda, fel dormido, que gosta de matar por seu muito regozijo?

DIADORIM – Riobaldo, onde é que você está vivendo com a cabeça? O Hermógenes é duro, mas leal de toda confiança. Isto é povo de jagunços. Você quer bondade neles?

Homens bem-comportados bonzinhos, para com eles a gente dar combate aos cachorros do governo?!

RIOBALDO – Eu fico vendo o Hermógenes. Eu não quero olhar para ele, encarar aquele carangonço; me perturba. Então, olho o pé dele – um pé enorme, descalço, cheio de coceiras, frieiras de remeiro do rio, pé-pubo. Olho as mãos, olho para elas, mais com asco. Com aquela mão ele come, aquela mão ele dá à gente.

DIADORIM – Riobaldo, você acha que a gente corta carne é com colher de pau?

RIOBALDO – O Hermógenes é ruim, ruim. Eu não quero ter medo dele, mas o Hermógenes tem pauta...

DIADORIM – Ahn?!

RIOBALDO – Ele se quis com o Capiroto. Eu ouvi isso demais. O pacto! Se diz – ao que a pessoa vai, em meia noite, a uma encruzilhada, e chama fortemente o Cujo – e espera. Se sendo, há-de que vem um pé de vento, sem razão e arre se comparece uma porca com ninhada de pintos, se não for uma galinha puxando barrigada de leitões. Tudo errado, remedante, sem completção... O cresp então dá um cheiro de breu queimado. E o dito – o Coxo – toma espécie, se forma! Carece de se conservar coragem. Se assina o pacto. Se assina com sangue de pessoa.

DIADORIM – Ara! (*sai*)

RIOBALDO – (*sozinho*) O pagar é a alma. Muito mais depois. O Hermógenes – demônio. Sim só isto.

Entra o Hermógenes. Riobaldo se põe de pé.

HERMÓGENES – Riobaldo, Tatarana, tu vem. Lugar nosso vai ser o mais perigoso. Tem-se de chegar, já com o escuro, no durado da noite, na arte vagarosa. Só abrimos fogo, de surpresa, no clarearzinho da madrugada. O primeiro tiro eu dou. Careço de três homens bons, no próximo do meu cochicho.

Hermógenes sai.

Sozinho, Riobaldo caminha de um lado para outro, tonto, pensando.

NARRADOR – Natureza da gente bebe de águas pretas. Quem sabe?

RIOBALDO – Eu gostei.

NARRADOR – Mesmo com a aversão, que forte era. Mas, aí, eu fiquei inteiriço. Com a dureza de querer, fui sendo outro – eu mesmo senti:

RIOBALDO – Eu Riobaldo, jagunço...

NARRADOR – Homem de matar e morrer com a minha valentia.

RIOBALDO – Eu, Riobaldo, homem, eu, sem pai, sem mãe, sem apego nenhum, sem pertencências.

NARRADOR – A pessoa daquele monstro Hermógenes não encostava amizade em mim.

RIOBALDO – Por cima de mim e dele, está Joca Ramiro.

NARRADOR – Eu era feito um soldado, obedecia a uma regra alta, não obedecia àquele Hermógenes.

Atira-se deitado sobre o pelego de Diadorim, afunda o rosto onde ele estava deitado, aspira forte, excitado, sentindo o cheiro de Diadorim, louco de amor.

RIOBALDO – Diadorim.

NARRADOR – Mel se sente é todo lambente.

RIOBALDO – Diadorim, meu amor. *(levanta)* Como é que eu posso dizer isso? Não!

NARRADOR – O pensamento dele que em mim escorreu figurava diferente, um Diadorim assim meio singular. Por fantasma.

RIOBALDO – Fantasma...

NARRADOR – Apartado completo do viver comum.

RIOBALDO – Completo...

NARRADOR – Desmisturado de todos, de todas as outras pessoas...

RIOBALDO – *(deita-se de bruços no pelego)* Como quando a chuva entre onde os campos. Diadorim só para mim. Diadorim, meu amor...

NARRADOR – Tudo tem seus mistérios. Eu não sabia.

RIOBALDO – Diadorim, meu amor... *(rola na pele)* Esta hora, eu pudesse morrer, não me importava. *(levanta-se, circula, tonto, gira)*

Eu, Riobaldo, eu! *(gira)* Joca Ramiro! Joca Ramiro! Joca Ramiro!

Entra Diadorim, olha para Riobaldo que se detém e disfarça.

DIADORIM – Você vai conhecer em breve Joca Ramiro, Riobaldo... Vai ver que ele é o homem que existe mais valente! Não sabe que quem é mesmo inteirado valente, no coração, esse também não pode deixar de ser bom?!

Arruma o pelego, deita-se para dormir.

Riobaldo senta-se ao lado, enrola-se no cobertor.

Durante um momento, ouve-se apenas o chirilim dos grilos.

Um trovão rola muito longe.

RIOBALDO – Diadorim?... (*Diadorim se vira e olha*) Você não tem, não terá alguma irmã, Diadorim?

DIADORIM – Só tenho Deus, Joca Ramiro... e você, Riobaldo...

Vira-se de costas para dormir.

DIADORIM – Pois dorme, Riobaldo, que tudo há de resultar bem.

NARRADOR – O amor? Pássaro que põe ovos de ferro. Não fosse um, como eu, disse a Deus que esse ente eu abraçava e beijava. Gostava de Diadorim, dum jeito condenado; nem pensava que gostava, mas aí sabia que já gostava em sempre. Meu corpo gostava de Diadorim.

RIOBALDO – (*sussurra*) Vamos embora daqui, juntos, Diadorim? Vamos para longe, para o porto do de-Janeiro, para o sertão do baixío, para o Curralim, São Gregório, ou para aquele lugar nos gerais, chamado Os Porcos, onde seu tio morava...

Ribombo de trovão ao longe.

Riobaldo olha o céu, levanta-se, pega uma lona e estende nos varais acima de Diadorim.

NARRADOR – Acho que é por isso que a gente morre. Acertasse eu com o que depois sabendo fiquei, para de lá de tantos assombros... Um está sempre no escuro, só no último derradeiro é que clareiam a sala.

Oito homens entram devagar.

Ajudam a estender a lona e vão se aprontando para dormir, espalhados pelo chão, em torno de Riobaldo e Diadorim, sob a lona.

Conversam baixo enquanto arrumam a lona, as esteiras, os cobertores, as mantas, os pelegos. De quando em quando, soa o trovão, cada vez mais próximo, o vento ficando mais forte.

TRIOL – O diabo vige dentro do homem, os crespos do homem – ou é o homem arruinado, ou o homem dos avessos. Solto, por si, cidadão, é que não tem diabo nenhum.

VOVE – Nenhum! Tem diabo nenhum. Nem espírito. Nunca vi. Alguém devia de ver, então era eu mesmo.

ADMETO – O diabo regula seu estado preto, nas criaturas, nas mulheres, nos homens. Até: nas crianças – eu digo. E nos usos, nas palavras, nas águas, na terra, no vento...

JESUALDO – O diabo na rua, no meio do redemunho...

LIDUVINO – Existe fio de verdade nessa parlanda, de com o demônio se poder tratar pacto? Vender sua própria alma...

ADMETO – Invencionice falsa!

LIDUVINO – E, alma, o que é? Alma tem de ser coisa interna supremada, muito mais do de dentro, e é só, do que um se pensa: ah, alma absoluta!

VOVE – Decisão de vender alma é afoitez vadia, fantasiado de momento, não tem obediência legal.

JESUALDO – Pois.

VOVE – Se tem alma, e tem, ela é de Deus estabelecida, nem que a pessoa queira ou não queira. Não é vendível.

TRIOL – E o Tal não existe. O Arrenegado, o Cão,

ADMETO – o Cramulhão,

JESUALDO – o Indivíduo,

LUDUVINO – o Galhardo, o Pé-de-Pato,

TRIOL – o Sujo,

VOVE – o Tisnado, o Coxo,

TRIOL – o Temba,

VOVE – o Azarape,

ADMETO – o Coisa-Ruim,

JESUALDO – Mafarro, Pé-Preto, Canho, Duba-Dubá,

LUDUVINO – o Tristonho, Não-sei-que-diga...

VOVE – Pois, não existe! E, se não existe, como é que se pode se contratar pacto com ele?

FANCHO – A gente viemos do inferno – nós todos. *(ri)*

RIOBALDO – Prazer trivial de balar, esfaquear, estripar, furar os olhos, cortar as línguas e orelhas, não economizando as crianças pequenas, atirando na inocência do gado, queimando pessoas ainda meio vivas, na beira de estrago de sangues...
Esses não vieram do inferno?

FULORÊNCIO – Saudações. *(ri, alguns riem com ele, outros adormecem)*

TRIOL – Se vê que subiram de lá antes dos prazos, figuro que por empreitada de punir os outros, exemplação de nunca se esquecer do que está reinando por debaixo.

FULORÊNCIO – Em tanto, que muitos retombam para lá, constantes que morrem...

RIOBALDO – Viver é perigoso.

Estala um raio, rola um trovão, o vento zune.

Durante um momento, ouve-se apenas o chirilim dos grilos e a ameaça de tempestade.

Os jagunços todos adormecem, a noite azul aos poucos se apaga.

NARRADOR – Quando a gente dorme, vira de tudo: vira pedra, vira flor. Se dorme, nos ventos. O que é de paz, cresce por si e tudo é só o passado do futuro.

No escuro, um galo canta ao longe. Trovão distante.

Uma fogueirinha se acende.

Amanhece.

Os homens aprontam as cuias de farinha, um deles entra com bule de café e canecas..

Riobaldo sopra as brasas, a fumaça vai para cima de Diadorim, ele afasta o corpo, esfrega os olhos, Riobaldo e Diadorim riem.

FANCHO – Fumacinha é do lado – do delicado...

Levanta-se, faz trejeitos efeminados, debochando. Diadorim vira de costas, vai saindo.

FANCHO – Tão galante moço, as feições finas caprichadas...

FULORÊNCIO – É. Não acho nele jeito de macheza, não.

FANCHO – É novato.

FULORÊNCIO – (*canta*) Pra gaudêr, Gaudêncio
E aqui para o Fulorêncio?...

Diadorim volta-se, de repente, faca na mão, avança em cima de Fancho.

Riobaldo se põe de pé, revólver na mão.

Diadorim derruba Fancho antes que ele possa reagir, monta em cima dele, encosta a ponta do punhal em seu pescoço.

FANCHO – Oxente! Homem tu é, mano-velho, patrício!

Diadorim sai de cima dele, Riobaldo guarda o revólver.

FULORÊNCIO – Ninguém aqui não é medroso. Só não se tem interesses de morrer tão cedo.

FANCHO – Homem é rosto a rosto; jagunço também: é no quem-com-quem.

O vento zune. Estala um raio próximo, seguido de trovão forte.

Acalmados, estão sentados em roda para comer.

ADMETO – Saudade minha maior é de uma comidinha guisada: um frango com quiabo e abóbora-d'água e caldo, um refogado de carurú com ófa de angú.

TRIOL – Mesa grande com canjica temperada com leite, queijo, coco-da-bahia, amendoim, açúcar, canela e manteiga-de-vaca.

VOVE – Fumaça de alecrim, cheiro bom de carne no espeto, torrada se assando, e batatas e mandiocas.

JESUALDO – Requeijão é com café bem quente que é mais gostoso.

LIDUVINO – A vida tem de mudar um dia para melhor.

JESUALDO – (*aponta para fora de cena*) Ah, olha lá ele, o vaqueiro Bernabé apontando na beira da estrada. (*riem*)

ADMETO – O cavalinho castanho dá toda pressa de vinda, nem cabeceia.

LIDUVINO – Aí, não é ele. É um brabo dos nossos.

TRIOL – É Gavião-Cujo.

Entra correndo Gavião Cujo, ofegante, coberto de lama. Abre a boca e não consegue falar.

O chefe Titão Passos entra depressa atrás dele.

ADMETO – O que é?

Gavião Cujo abre a boca, mas a palavra não sai.

LIDUVINO – Ar’uê, então?!

TRIOL – Te rogaram alguma praga?

Gavião Cujo levanta o braço, pedindo tempo, respira com dificuldade.

De repente, quase grita:

GAVIÃO – Mataram Joca Ramiro!...

Todos se levantam num fragor de esporas e armas.

No meio de tudo, um uivo doído de Diadorim que cai, meio amparado a tempo por Liduvino.

Riobaldo corre até ele.

Estala um raio, ribomba um trovão. A chuva cai muito forte.

Diadorim se recupera, num alerta, repele Riobaldo, muito feroz.

TITÃO PASSOS – Repete, Gavião!

GAVIÃO – Ai, chefe, ai, chefe: que mataram Joca Ramiro...

TITÃO – Quem? Adonde? Conta!

GAVIÃO – Matou foi o Hermógenes...

É a vez de Riobaldo soltar um urro, que se mistura aos xingos dos homens:

TRIOL – Arraso, cão!

VOVE – Caracães!

ADMETO – O cabrobó de cão!

JESUADLO – Demônio!

LIDUVINO – Traição!

FANCHO – Que me paga!

GAVIÃO – O Hermógenes... Os homens do Ricardão... Muitos...

TITÃO – Mas adonde onde!?

GAVIÃO – A desgraça foi num lugar... lá onde o córrego da Jerara desce do morro... Riachão... Riachão da Lapa... Diz-se que foi sido de repente, não se esperava. Aquilo foi à traição toda. Morreram os muitos.

TITÃO – Hem diá! Mas quem é que está pronto em armas, para rachar Ricardão e Hermógenes e ajudar a gente na vingança agora?

Todos gritam, levantando as armas.

TRIOL – Viva a fama de nosso Chefe Joca Ramiro!

TODOS – Viva!

GAVIÃO – Ah, chefe. Os todos os outros: João Goanhá pára com porcanheira de homens na Serra dos Quatis. Foi ele quem me mandou trazer este aviso... Sô Candelário ainda está para o Norte. Já foi portador para lá. Sendo que se despachou um positivo também para dar parte a Medeiro Vaz. Sei que o sertão pega em armas, mas Deus é grande!

TITÃO – Louvado. Ah, então: graças a Deus! Teremos de ir... Teremos de ir...

Titão Passos sai. Os outros se reúnem em torno de Gavião Cujo.

Diadorim mantém distância, Riobaldo a meio caminho do grupo e dele.

GAVIÃO – Hermógenes e Ricardão de muito haviam ajustado entre si esse crime. Hermógenes distanciou Joca Ramiro de Sô Candelário, conduziu no meio de quase só gente dele, Hermógenes, mais o pessoal do Ricardão. Aí, atiraram em Joca Ramiro, pelas costas, carga de balas de três revólveres... Joca Ramiro morreu sem sofrer.

DIADORIM – E enterraram o corpo?

GAVIÃO – Isso não sei. Mas decerto que teriam, conforme cristão, lá mesmo, por certo.

DIADORIM – Um homem de tão alta bondade tinha mesmo de correr perigo de morte, mais cedo mais tarde, vivendo no meio de gente tão ruim...

TRIOL – Vocês todos, valentes cabras... Agora é que vai ser a grande briga!

Saem todos. Ficam Riobaldo e Diadorim.

DIADORIM – Não posso ter alegria nenhuma, nem minha mera vida mesma, enquanto aqueles dois monstros não forem bem acabados (*dá um suspiro, de ódio, como se fosse por amor*)

NARRADOR – Enquanto os dois monstros, o Hermógenes e o Ricardão, vivessem, simples Diadorim tanto não vivia, só falava nos extremos do assunto. Matar, matar, sangue manda sangue.

Ah, viver... é etcétera.

Raio, trovão.

Brusca mudança de luz.

Lalinha e Glorinha de combinação, e Behu reunidas em torno da cadeira de vime.

Glorinha escova os cabelos, Behu ajuda Lalinha a se lavar com uma bacia e jarrão de louça.

BEHU – (*se benze por causa do raio*) Santa Bárbara, São Jerônimo!

GLORINHA – Lála, ele gosta de mim, o Miguel? Você acha, você pensa?

LALINHA – Sim e sim. Quem num instante não se enamoraria de você?

GLORINHA – Mas; sério, pelo certo, Lála? Você acha?

LALINHA – Você mesma não sentiu? Meu bem, ele está de joelhos; esse moço não te esquece...

GLORINHA – Lala, quem dera eu fosse bonita como você: eu não havia de ter dúvida nenhuma...

BEHÚ – (*à parte*) Esse luxo constante de Lalinha chama atenção demais, não assenta bem com o sertão do lugar.

GLORINHA – Lala, eu gostava de poder aparecer nua, nua, para que todo mundo me espiasse... Mas ninguém pudesse ficar sabendo quem eu era... Eu punha máscara...

LALINHA – Delícia, meu bem. Havia de ser lindo... Homens... Quem? Miguel?...

GLORINHA – Não! Não, Lala! Miguel não...

LALINHA – Quem, então? Nhô Gualberto Gaspar?

GLORINHA – É. O Gual. Homens... Homens estranhos. Da cidade...

BEHÚ – Nhô Gual não é de respeito: gosta de olhar as suas pernas...

GLORINHA – Sabe, minha irmã Maria Behú tem birra de nhô Gual.

LALINHA – Ele tem bom gosto...

GLORINHA – Você me acha bonita, Lala? Sirvo?

LALINHA – Mil! Meu bem... (*riem*)

GLORINHA – Mas... como uma mocinha... ou como mu-lher?

LALINHA – Isto. Uma mulherzinha endiabrada...

BEHÚ – Essas duas, sempre muito juntas, soantes risos e sussurros.

GLORINHA – Lala... Você acha que é certo uma moça solteira, como eu, pensar em, assim: gostar dessas coisas? Porque, Lala, é... Sabe, eu sei que é pecado, eu sei. Mas você acha que é certo, de ser: que as outras moças são assim também?

BEHÚ – Você faz de conta que não nota, mas gosta quando um homem olha muito muito para suas pernas...

LALINHA – Nhô Gual?

BEHÙ – Esse homem não é para sentir paixões, ceder-se. Nele escasseia, por certo, a impura substância, que arde porque necessita de gastar-se, a chameja arroxeadada, na paixão – que é o mal, a loucura da terra. A terra do Buriti Bom tem muita água.

GLORINHA – Lala, você acha que é assim mesmo? Que eu regulo bem?

LALINHA – Sim, meu bem. Você, uma moça, ensopadinha de saúde. Cada uma precisa de se sentir desejada...

GLORINHA – Muita vez, de noite, quando fico desinquieta, levanto, ajoelho na beira da cama e rezo... (*Ri*) Sabe?: eu rezo bastante, só não tanto como Behú... Esbarro de rezar, quando minha alegria volta. Eu gosto de rezar é para chamar a alegria...

BEHÙ – Era preciso rezar o tempo todo, para que nada não sucedesse. É muito terrível, quando alguém reza para a gente se converter de algum defeito.

GLORINHA – Casamento não é sorte? Não penso nisso, não. Não me importo de ficar para tia... Prefiro morar sempre aqui, com Papai e Behú, gosto do Buriti Bom... Sou como Papai... Puxei ao Papai...

LALINHA – Você é como o Buriti... Você é o Buriti Bom...

GLORINHA – Mas você não sabe, Lala, que o Pai gosta de você. Ele cuida... Pai gosta mais de você, porque você não deixou de usar a aliança...

BEHÙ – É por causa do Irvino, meu irmão, porque, você, não tem jeito de você falar mal dele, nunca deu palavra de queixa em acusação...

LALINHA – Eu sou apenas o que não sou mais: a mulher de um marido que não tenho...

GLORINHA – Lala, me conta: há algum jeito de eu poder saber se... se casando com Miguel vai dar certo?

LALINHA – Certo, sobre cem, não tem, não, meu bem, infelizmente... Só depois, você compreende. Corpo com corpo...

GLORINHA – É horrível, então! Mas, Lala, é horrível... Posso querer saber uma coisa, Lala? Posso, uma coisinha, só? Se você com meu irmão Irvino, se foi por isso que não combinaram; foi?

LALINHA – Acho que porque eu é que sou má, meu bem... O defeito foi meu... Não sei bem como explicar... O defeito foi nosso...

GLORINHA – Lala, Irvino vai voltar! Lala, Miguel também vai vir! Você vai ver...

LALINHA – Claro, meu bem, ele vem... Não pode ter esquecido você...

GLORINHA – Quem sabe, eles não vão vir até juntos?

Behu se afasta levando a bacia e a jarra, Lala e Glorinha acompanham com o olhar.

GLORINHA – Não deixa a Behú notar nada, não, ela não está passando bem. Behú quer fingir de forte, mas sofre falta-de-ar, um cansaço... Amanhã o médico vai vir...

A luz delas se apaga. Saem.

Behu passa pelas duas Flausinas. E sai.

MOZELI – Esses Lopes!

MARCELA – Esses Lopes!

MOZELI – Quero falar alto!

MARCELA – Esses Lopes,

MOZELI – Raça!

MARCELA – Lopes nenhum presta!

MOZELI – Má gente!

MARCELA – De má paz! Deles quero distantes léguas.

MOZELI/MARCELA – Pra trás!

MOZELI – O que passei foi arremendando

MARCELA – e esquecendo.

MOZELI – Me vale ter pai e mãe; sendo órfã de dinheiro?

MARCELA – de dinheiro? Eu era menina,

MOZELI – menina, me via vestida de flores.

MARCELA – de flores.

MOZELI– Sorria debruçada na janela.

MARCELA – A cavalo ele passava, frente de casa.

MOZELI– chapéu grandão.

MARCELA – aba desabada.

MOZELI– Meu pai e minha mãe saudavam.

MARCELA – meu pai e minha mãe.

MOZELI– Ele me olhava; eu estremezia.

MARCELA – me olhava, estremezia.

MARCELA – Eu já sabia que ele era um Lopes.

MOZELI– Lopes nenhum presta; mas esse, Zé, era o pior, rompente sedutor.

MARCELA – pior.

MOZELI/MARCELA – Esses Lopes...

MOZELI/MARCELA – Tudo adquiria ou tomava.

MOZELI– Eu queria enxoval, ao menos, feito as outras.

MARCELA – queria enxoval.

MARCELA – Tive nem cortesias nem igreja.

MOZELI– O homem me pegou. Com quentes mãos, me levou pra uma casa,

MARCELA – me pegou. curtos braços, pra uma casa, para a cama dele.

MOZELI– Lição. Agüentei. Fiz que quis:

MOZELI– E enfim que o filho dele nasceu.

MARCELA – agora já tinha em mim a confiança toda,

MOZELI– quase. Sem cautelar ele me enriquecia.

MARCELA – me enriquecia.

MOZELI– E dinheiro ele me deu:

MARCELA – me deu: afetando ser bondoso.

MOZELI/MARCELA – Esses Lopes...

MARCELA – Mas virei cria de cobra.

MOZELI– cria de cobra. Na cachaça, botava sementes da cabaceira-preta, dozesinhas;

MARCELA – dozesinhas; no café, cipó timbó e saia-branca. Só pra arrefecer aquela desatada vontade,

MOZELI– desatada vontade, nem confirmo que seja crime.

MARCELA – Ele tava já amarelinho,

MOZELI– feito ovo que ema acabou de pôr.

MARCELA – Sem muito custo,

MOZELI – morreu.

MARCELA – Minha vida

MOZELI – foi muito fatal. E os Lopes me davam sossego?

MARCELA – me davam sossego?

MOZELI/MARCELA – Esses Lopes...

MARCELA – Dois deles, me requerendo,

MOZELI – o primo Nicão e o irmão do falecido Sertório.

MARCELA – Nicão, mau me aprazou:

MOZELI – “Depois da missa de mês, me espera...”

MARCELA – me espera.

MOZELI – Mas o Sertório, o outro,

MARCELA – ouro e punhal em mão,

MOZELI – inda antes do sétimo dia já entrava por mim,

MARCELA – já entrava por mim a dentro em casa. Padecei com jeito.

MOZELI – Anos que me foram... e os dois tendo ciúmes.

MARCELA – tendo ciúmes. Tinham de ter,

MOZELI – autorizei.

MOZELI – Nicão, a casa rodeava.

MARCELA – a casa rodeava. E a Sertório dei mesmo dois filhos?

MOZELI – dois filhos? O quanto que era dele, cobreí,

MARCELA – cobreí, passando ligeiro já para minhas posses;

MOZELI – até honra.

MARCELA – Tomei ar de mais donzela.

MOZELI – Mas eu já sabia que ele era Lopes...

MOZELI/MARCELA – Esses Lopes...

MARCELA – Vi foi ele sair,

MOZELI – com os bolsos cheios de calúnias.

MARCELA – Se enfrentaram,

MOZELI – bom contra bom.

MARCELA – bom contra bom.

MOZELI – Nicão morreu sem demora.

MARCELA – O Sertório durou, uns dias.

MARCELA – Chorei,

MOZELI – Chorei, conforme os costumes certos.

MOZELI – Pobre, duas e meio três vezes viúva.

MARCELA – três vezes viúva.

MOZELI – Mas um, porém, ainda me sobrou. Sorocabano Lopes.

MARCELA – Sorocabano Lopes.

MOZELI – Velhoco, de boas propriedades.

MARCELA – Me viu e me botou na cabeça. Eu impondo:

MOZELI – “De hoje em diante só muito bem casada.”

MOZELI – Ele, por fervor,

MARCELA – concordou. E, este,

MOZELI – bem demais e melhor tratei.

MARCELA – Dava a ele gordas, temperadas comidas,

MOZELI – e sem descanso agradadas horas – o sujeito chupado de amores.

MARCELA – chupado de amores.

MOZELI/MARCELA – Esses Lopes...

MOZELI – Mas tudo que é bom,

MARCELA – faz mal e bem. Quem morreu mais foi ele.

MOZELI – Daí tudo tanto herdei.

MARCELA – Até que com nenhum enjôo.

MOZELI – O povo ruim terminou. Aqueles Lopes.

MARCELA – Aqueles Lopes. Meu gosto agora é ser feliz!

MOZELI – é ser feliz!

MOZELI – Meus filhos, Lopes,

MARCELA – também provi de dinheiro para longe viajarem.

MOZELI – Eu, um dia, fui já muito menininha...

MARCELA – Eu, um dia, fui já muito menininha...

MOZELI – Eu posso ser mãe,

MARCELA – Eu posso!

MOZELI – Discordo de quem não goste.

MARCELA – Discordo!

MOZELI – Meus filhos, amo mesmo.

MARCELA – Meus filhos, amo mesmo.

MOZELI/MARCELA – Esses Lopes! Esses Lopes!

Enquanto elas falam, anoitece, cham os grilos. As Flausinas saem de cena.

Lalinha passa segurando um pequeno lampião. Se depara com Iô Liodoro na poltrona.

IÔ LIODORO – Boa noite, minha filha!

LALINHA – O senhor quer café?

IÔ LIODORO – Não, minha filha. Vou tomar um restilo...

LALINHA – Faz ano e meio que estou aqui, e nunca houve de me encontrar assim com o senhor, meu sogro.

IÔ LIODORO – Não tem sono, minha filha? Senta, um pouco...

LALINHA – Irvino vai voltar. Eu sei...

IÔ LIODORO – Ele vem, minha filha, não tenha dúvida... (*tempo*) Você tão delicadazinha, minha filha... Carece de tomar cautela com essa saúde... (*Lalinha sorri*) Pois, assim tão linda, a gente mesmo acha, faz gosto...

LALINHA – O senhor acha? De verdade?

IÔ LIODORO – Linda!

LALINHA – O senhor acha? Gosta? De cara ou de corpo? (*Sorri, meiga*)

IÔ LIODORO – Tudo!

LALINHA – A boca?

IÔ LIODORO – A boca... Todos os dentes bons, tão brancos, tão brilhando... (*Lalinha sorri, exhibe os dentes, a pontinha da língua. Os dois riem juntos*) Os olhos...

LALINHA – E o corpo, o senhor gosta? A cintura?

IÔ LIODORO – Sim, a cintura, o busto, os seios, as mãos, os pés... (*Riem muito, demonstrando sentir prazer no jogo*) A boca, o colo, os pés, as pernas, a cintura...

LALINHA – E a roupa?

IÔ LIODORO – Sim. E seus cabelos, os ombros, os braços...

Um deles se move na cadeira, o outro também. Levantam. Saem.

Brusca luz de dia muito quente.

Entram as Mulas Marmelas seguidas dos cegos Retrupés.

MULA UM – Malandraja...

MULA DOIS – Malacafar...

MULA TRÊS – Suja de si..

MULA UM – No crime não arrependida (*ri*) – e guia de um cego.

MULA DOIS – Soubessem ao menos meu nome:

MULA TRÊS – “Mula-Marmela”...

MULA UM – Abominada.

MULA DOIS – Nem desconfiaram, hem, de que podiam estar enganados?

MULA TRÊS – Não diziam que eu ocultava dinheiro, rapinicando as esmolas do cego?

MULA UM – Meu antigo crime? (*ri*)

MULA DOIS – Sempre escutei que o assassinado era um hediondo, o cão de homem, perigo, castigo para este lugar.

MULA TRÊS – Do que ouvi, todos estariam em grande dívida... e nem essa gratidão externam.

MULA UM – Por que, invocar, contra as mãos de alguém, as sombras de outroras coisas?

MULA DOIS – O cego, jamais se viu que eu desatendesse, censurasse, ralhasse.

MULA TRÊS – Piedade?

MULA UM – Escrúpulo?

MULA DOIS – “O Retrupé”.

RETRUPÉ – Hã?!

MULA TRÊS – É um tranca! Retrupé.

RETRUPÉ – Êi!

MULA UM – Maligno, cara de matador de gente. Me teme, a mim, a mulher que o guia. Filho do meu finado marido, o “Mumbungo”. Que eu assassinei.

RETRUPÉ – Mumbungo.

MULA DOIS – Célebre-cruel, muito criminoso, homem de gostar do sabor de sangue, monstro de perversias.

MULA TRÊS – Emprestava ao diabo a alma dos outros.

MULA UM – Matava, afligia, matava. Esfaqueava rasgado, só pelo ancho de ver a vítima caretear.

MULA DOIS – Será verdade? (*ri*) Todos estremeciam.

MULA TRÊS – O punir de Deus, o avultado demo – o cão.

MULA UM – Queria-me, e temia – de um temor igual ao que agora sente o cego Retrupé.

RETRUPÉ – Hã!

MULA UM – Se eu precisava dele, como os pobres precisam uns dos outros, por que, então, o matei?

MULA DOIS – Vocês nunca pensaram nisso, e me culpam. Quando eu matei o marido, todos aqui respiraram, bendisseram a Deus.

MULA TRÊS – Agora, podiam viver o sossego, o mal se vazara.

MULA TRÊS – Eu tinha de matar, tinha de cumprir por minhas mãos o necessário bem de todos, só eu mesma podia ser a executora – da obra altíssima.

MULA UM – Só eu mesma, que vim ao mundo com a sina presa de amar aquele homem, e de ser amada dele.

MULA DOIS – Em volta de nós, o que há, é a sombra mais fechada.

MULA UM – Vocês não podem gostar de mim: uma sina forçosa demais me apartou de todos, me soltou.

MULA DOIS – Me dizem maldita:

MULA TRÊS – Será?

MULA UM – Sou?

MULA DOIS – Ninguém sabe o que entre nós dois verdadeiramente se compassa.

MULA TRÊS – Vocês se divertem, tiram graças, chocarra.

MULA UM – Desde que morreu o homem-marido, o Mumbungo, tomei conta deste.

MULA DOIS – Não tinha filhos.

MULA TRÊS – Nunca pari.

MULA UM – Vocês, creio, gostariam de que eu também me fosse, desaparecesse no não, depois de ter assassinado o marido.

MULA DOIS – Me deixem.

MULA TRÊS – Me deixem.

MULA UM – Me deixem.

MULA DOIS – Cada qual com sua baixeza; cada um com sua altura.

MULA TRÊS – Diziam que, em outro tempo, entre nós... concubinação.

MULA UM – Concubinação.

MULA DOIS – Cambonda?

MULA TRÊS – Vocês sabem que isso é falso.

MULA UM – Sabem que o cego Retrupé, canhim e discordioso, eu mesma conduzo às mulheres, e espero fora, zelo para que não o maltratem.

MULA DOIS – A cada dia com ele mais me abrando, apiedada de seu desvalor. Mas ele não crê, não pode saber, não confia em mim.

Ágil, nervoso, frenético, o Cego ataca com a faca um inimigo invisível.

Esgotado, derruba o facão, cai sentado no chão.

A Mula recoloca o chapéu em sua cabeça, guarda o facão na bainha da cintura dele.

Senta-se a seu lado, acomoda-o no colo.

RETRUPÉ – Mãe... Mamãe...Minha mãe!

MULA TRÊS – Meu filho...

Suavemente, a Mula Marmela acaricia o rosto e o pescoço dele.

E aperta, aperta, aperta, até ele morrer mansamente com um pequeno estremecimento.

POVO UM – Feia.

POVO DOIS – Furtiva.

POVO TRÊS – Lupina.

POVO QUATRO – Tão magra.

POVO CINCO – Furibunda.

POVO SEIS – Esticado esqueleto.

POVO SETE – Fugidos olhos.

POVO OITO – Lobunos cabelos.

POVO NOVE – Malandraja...

POVO DEZ – Malacafar...

POVO ONZE – Suja de si...

POVO DOZE – No crime não arrependida.

POVO TREZE – E guia de um cego.

A luz vai se apagando até ficar apenas um foco isolando a Mula com Retrupé morto no colo.

Do lado oposto, acende-se outro foco: Lalinha sentada na cama, Behú deitada em seu colo.

Iô Liodoro e Glorinha em pé ao lado.

BEHÚ – Pai, quando eu ficar boa a gente há de ir nos Gerais, trazer a Vovó?

IÔ LIODORO – A gente vai, minha filhinha, nós vamos...

BEHÚ – Quem vem dos Gerais, é alegria adiante, tristeza atrás... (*Suspira. Começa murmurar umas rezas. Iô Liodoro acaricia a cabeça da filha.*) Deus, está mais adiante de tudo. Devia de ser mais fácil pedir perdão: conhecer outros cansaços e consolos, e repouso, que os outros possam amenamente invejar, oh, às vezes.

LALINHA – (*se dirigindo aos outros*) O médico devia vir outra vez...

BEHÚ – Pudesse, queria o padre. Para confessar, comungar.

LALINHA – Você há de ficar boa, depressa, sarar, fazer passeios!

BEHÚ – Você me sara, Lalinha... Você tem essas mãos. Você é linda como uma santa.

LALINHA – *(Levanta, saindo)* Amanhã vem o médico.

BEHÚ – O buriti relembra é o Céu...

LALINHA – *(Voltando)* Que é que se vê no Céu?

Behú não responde. Está morta.

GLORINHA – Será possível!

LALINHA – Deus nos dá pessoas e coisas, para aprendermos a alegria... depois retoma coisas e pessoas para ver se já somos capazes da alegria sozinha... Essa – a alegria que Ele quer...

Brusca mudança de luz.

Um apito de trem geme ao longe, burburinho de estação ferroviária.

SINHÁ – Vieram tomar o menino de mim. Meu filho, abaixo de ano. Não deviam cumprir essa ação, para meu marido, homem forçoso. Procedi mal, ele estava do lado da honra. Chegaram pelo mandado inconcebíveis pessoas diversas, pegaram em braços o inocente. Depois andaram a fora, dita nenhuma desculpa ou palavra.

Vinham me dar água e conselhos; eu nem ouvia. A chupeta seca, no ventre o frio das palmas das mãos.

De lá, de manhã, desapareci. Obediente me movi, a variável rumo, ao que não se entende. Deixei de pensar. O menino sempre ausente rodeia-me de infinidade e falta. De mim não se informaram; deram-me esquecimento.

QUIBIA – “Sinhá...” Sem erguer, nem arriar rosto. A sã clara coisa extraordinária — o contrário da loucura.

SINHÁ – Com respeito me viu

QUIBIA – Ofereci-lhe meio copo de cerveja e um pastel de tabuleiro

SINHÁ – A Quibia, do Curvelo, às vezes adivinhadora.

QUIBIA – Estava indo ver minha filha.

SINHÁ – Comprou-nos passagens para aquele intato lugar.

QUIBIA – Empreguei-lhe também na fábrica de Marzagão.

SINHÁ – Moramos numa daquelas miúdas casas pintadas, pegada uma a outra.

QUIBIA – Operária exemplar, comparável às máquinas. Não falava, a não ser o preciso diário. A ninguém ela nada recusava.

SINHÁ – Quero nada: não esperar, adiar de ser.

QUIBIA – A bem dizer, quase nem comia, rejeitava o gosto das coisas; dormia como as aves desempoleiradas.

SINHÁ – Nem um ingrato minuto da arrancada separação podem restituir-me!

QUIBIA – Que é que o tempo taceia?

SINHÁ – Os dias, os meses, por dentro, se afastam iguais.

QUIBIA – Quando, em que apontada ocasião, cometeu culpa?

SINHÁ – Só se procedi mal, a cada instante, a vida inteira...

QUIBIA – Um moço chegou a quentes passos. Caça, sem sossego, o paradeiro de sua mãe, da qual malvadamente separado desde meninozinho. Seria ela?!

SINHÁ – Não – era não.

QUIBIA – O moço era de outro lugar, outra sumida mãe, outra idade. Só o amor dando-se o mesmo.

SINHÁ – Calada, caminhei para aquele, abençoando-o, peguei a mão do tristonho moço, agora assim mesmo um tanto conformado.

QUIBIA – Sorria, a Sinhá, como nunca a tinham avistado até ali. Seja que por encurtado prazo. Até ao amanhecer sem dia. A mim ela muito contou...

SINHÁ – E fechei, final, os novos olhos.

QUIBIA – O caixão saiu, em prestes cova se depositou, com flores. Retornei ao Curvelo, fui enfim àquele arraial, onde tudo, tão remoto, principiou. O menino? Morreu. Anjinho, nem chegou a andar nem falar, adoeceu logo no depois do desalmoso dia, dos esforços arrebatados. Sinhá secada! (*curva-se, beijando ali mesmo o chão, e reconhecendo*) "Sinhá Sarada..."

Anoitece.

Lalinha entra com o lampião, Io Liodoro à espera.

Ao longo da cena, a luz incendeia o palco.

O ruído de queimada na mata vai se infiltrando aos poucos.

LALINHA – E hoje? Me acha bonita?

IÔ LIODORO – As mãos... Os braços... Os tornozelos, tão finos... Tudo você tem lindo. As coxas, as ancas, o ventre esquivo.

LALINHA – *(acende um cigarro)* O senhor me acha bonita fumando?

IÔ LIODORO – Acho, Lala...

LALINHA – *(Sussurra)* Acha bonito os meus seios, vestida assim?

IÔ LIODORO – Os seios, tão produzidos, tão firmes.

LALINHA – O senhor acha...

IÔ LIODORO – Você é tão mimosa, tão levesinha, Lala. Você dormisse e eu num braço podia te carregar para seu quarto...

LALINHA – Preciso ir...

Os dois saem para lados opostos.

Na luz e no ruído do fogo, entram Felícia e Liduína.

LIDUÍNA – Ninguém conheceu uma vez um homem, de mais excelência que presença, que podia ter sido o velho rei ou o príncipe mais moço, nas futuras estórias de fadas. Meu marido, Man`Antonio.

FELÍCIA – Ele consigo mesmo muito se calava. Meu pai, Man`Antonio. A respeito dele, muita real coisa ninguém sabia. Nossa fazenda dobrava-se na montanha, em muito erguido ponto.

LIDUÍNA – Nossa casa, assobradada, alicerçada fundo, de tetos altos, longa e com quantos sem uso corredores e quartos...

FELÍCIA – ...cheirando a fruta, flor, couro, madeiras, fubá fresco e excremento de vaca.

LIDUÍNA – Fazia face para o norte entre o quintal de limoeiros e os currais. Em um espaço da varanda, pendia a corda do sino de outrora comandar os escravos assenzalados.

FELÍCIA – Esperava-o lá, Liduína, minha mãe, certa para o nunca e sempre. Morreu, no entrecorte de um suspiro sem ai e uma ave-maria interrompida.

LIDUÍNA – Morri, quase de repente. Meu marido, sem titubeio, mandou abrir, par em par, portas e janelas, a longa, longa casa. Eu entre minhas filhas, orfanadas, abraçada e revestida, amada morta.

FELÍCIA – Meu pai, murmurava coisas graves, grandes, tão dentro em si, sem som nem sentido. Pai; a vida é feita só de traiçoeiros altos e baixos? Não haverá, para a gente, algum tempo de felicidade, de verdadeira segurança?

LIDUÍNA – Ele sempre: “Faz de conta, minha filha... faz de conta...”. Em surdo plano desmanchou todos os aspectos do nosso lugar, a fisionomia daquelas rampas de serra, que eu tanto quis e gostei.

FELÍCIA – Minha mãe, que em tantos anos de amor, vimos rindo sobre sofrer... Não seria aquilo meu pai pecar contra a saudade?

LIDUÍNA – Nem tanto, filha... Nem tanto...

FELÍCIA – Eu e minhas irmãs noivamos, e nos casamos.

LUDÍNA – Fosse eu viva e presente...

FELÍCIA – Fomos de lá, para longe. Meu pai permaneceu ali em sua velha e erma casa. Sozinho, sim, não triste.

LIDUÍNA – Ele algum dia resolveu; doou e distribuiu nossas terras, entre nossos muitos, descalços servos. Pelos anos adiante não seria dono de mais nada. Mas ainda, de seu, conservara nossa antiga, forme e enorme casa. Nada. Fazia de conta nada ter; fazia-se, a si mesmo, de conta.

FELÍCIA – Morreu; fez de conta. Acenderam em quadro as grandes velas, ele colocado longo na mesa, na maior sala da casa.

LIDUÍNA – Chorou-se, também, na nossa varanda. Tocou-se o sino.

FELÍCIA – À noitinha incendiou-se de repente nossa casa, que desapareceu. Até ele, defunto, consumir-se a cinzas.

LUDUÍNA – Que como que no Destinado se convertera...

FELÍCIA – Man`Antonio meu pai.

LIDUÍNA – ...meu marido.

As duas se afastam e saem.

Atrás delas, de guarda-sol aberto, seguem de braços dados, Glorinha e Lalinha, passeando.

GLORINHA – Você sabe, Lala, uma mocinha daí do Caá-Ao, uma que dizem que se chama Dondola, a mãe dela?

LALINHA – Não sei. E sim, meu bem?

GLORINHA – Apareceu grávida... (*tempo*) O Gual é que não tem filhos, ele não pode ter... Com o Gual não tem perigo...

LALINHA – Que é que você está pensando, sonsinha, Glória?

GLORINHA – Eu? Oh, Lala.

LALINHA – Sim, meu bem!?

GLORINHA – Por que?

LALINHA – Sim. Que é?

GLORINHA – Oh, Lala, você... Está parecendo até exame, no Colégio...

LALINHA – Que é que você está pensando de... a respeito do Gual, Glorinha?

GLORINHA – Tolice, Lala...

LALINHA – O Gual, tão rejeitoso... Ele é mais feio do que o vaqueiro Leobéu... *(tempo)*
Não minta!: Você esteve no quarto de nhô Gual!?

GLORINHA – Não, Lala, não! Não fui, não estive... Juro! Juro!... Que idéia... Oh, Lala, seja boazinha para mim... Não estive no quarto... Foi no corredor... Ele me abraçou, estava me beijando... Mas, depois, me apertou, parecia doido... Oh, Lala, não judia comigo... Não aconteceu nada, juro, só ele me sujou... Só...

LALINHA – Diga, meu bem, Glorinha, diga: ele te sujou... Onde? Onde?!

GLORINHA – Lala, imagine: ele estava de ceroulas... Escuta, Lala: o Gual se autorizou de mim.

LALINHA – Glória! Glória! Não é verdade! Deus do Céu!

GLORINHA – Não fala alto, Lala... É verdade, juro. Ele conseguiu tudo comigo... Ah... Agora, meu bem, não sou virgem mais: sou mulher, como você. Sabe, depois que conseguimos, ele já esteve comigo mais três vezes...

LALINHA – É mentira, por tudo, por Deus, é uma mentira!

GLORINHA – Mas é verdade, Lala. Verdade, muito. O Gual...

LALINHA – Aquele sujeito! Um alarve, um parvo... Você, tão linda, e aquele homem se atreveu...

GLORINHA – Não, Lala. Fui eu que mandei! Quase o obriguei a fazer tudo, a perder o respeito, que ele tinha demais...

LALINHA – Mas, por que, assim, Glorinha, meu bem, por que?!

GLORINHA – Que me importa?! Eu não quero casar. Sei que Miguel não vai vir mais... Antes, então, o Gual, pronto à mão, e que é amigo nosso, quase pessoa de casa...

As duas cruzam com Nominedômine, se assustam com ele, correm para fora de cena, rindo.

O Coletor entra por onde elas saíram.

NOMINEDÔMINE – Bendito! Que evém em nome em d'homem... Bendito, quem envém em nomindome!

COLETOR – É logro?

NOMINEDÔMINE – É logro? É virtude? Em nome do Pai, do Filho, do Espírito Santo – quem está vos perguntando sou eu, me declarem: vocês são criaturas ou são figurados do inimigo?! Então, me sigam no sinal sagrado! Se vós sois anjos, mandados pelo divino para refrigerar minha fé no duro da penitência, dizeis! Vos rogo, porque, se forem, então me levanto do estrume dos grandes bichos do campo, limpo minha cara e meus cabelos, e vos recebo ajoelhado, loas e salmos entoamos...

COLETOR – Ser eu sou é o Coletor que dizem. Escrevo em papel, risco no chão, entalho em casca de árvore, em qualquer parte. Mas onde tenho mais gosto de cifrar minhas quantias – sete nove um dois – é nas paredes, porque assim todo mundo pode invejar minha imensa fortuna. De qualidade que, por azo, prefiro mesmo é a matriz, por ter as maiores paredes brancas do arraial – sete seis um dois ...

NOMINEDÔMINE – Faz mal não. Bendito o que vem em nômine dômine!... Todo serviço pode ser de Deus, meus filhos. Se corrijam! Ainda não completei meus nove dias de jejum e reforço, que vim preencher aqui neste deserto, entre penhas e fragas brabas... Mas estou em acabamento...

COLETOR – Nove oito seis e um sete – meus ouros, minhas casas, minhas terras, minhas boiadas de invemar, minha cavalaria de ótimas eguadas, meus contos de réis em numerário, cada lançamento é feito uma correição de formiguinhas pretas enfileiradas e eu tenho uma felicidade enorme – nove oito sete oito – certo.

NOMINEDÔMINE – Depois d’amanhã tenho de tomar a sair pregando, pois o fim do mundo está apressado, não dou por mais três meses, se tanto. A humanidade vê? Não vê! Não sabe. Cada um agarrado com seus muitos pecados... Mas hei de gritar fogo e chorar sangue, até converter ao menos uma boa parte! Vão rezando, vão rezando: vão se convertendo logo, por si, pra me poupar trabalho... Mas, olhem o Arcanjo! Silêncio, ajoelhem aí em ponto, rezem um rosário.

COLETOR – Ocê é da procissão? Vai dançar no Rosário? A nhum? Mundo vai se acabar? Ocê disse... Ocê sabe?

NOMINEDÔMINE – Silêncio, mais silêncio! Me deixa, a hora é de Deus. Não embargando, você é um pobre filho dele, se vê que tem o espírito simplório... Quer ver o fim do mundo? Que vem vindo redondando aí, rodando feito pé d’água, de temporal e raios: os querubins já estão com as brasas bentas, amontoados em seus trapes cavalos! Tu, treme...

COLETOR – Uê... Como é que ocê sabe? Ocê é padre algum?

NOMINEDÔMINE – Enche tua boca de bosta, pra não carecer de blasfemar! Como que sei? Tu também vai saber... Arrepênde, treme e reza e te prostra, cara no chão, infieis publicano! Olha a trombeta! De profundas, eu escuto: olha a morte, atenção! (*sai*)

COLETOR – Nominedômine... Santos Óleos... Jubileu... o que seja. Ninguém sabe donde ele assiste, não tem pouso nenhum. Vara por este mundo todo: some daqui, vai se apresentar jajão em longes beiradas, e pronunciando brados do fim do mundo – estreito o prazo de três meses... (*escreve, resmungando*) Oito sete oito – Bom, desse jeito, assim, não é vantagem: algum dia ele acerta...

NOMINEDÔMINE – (*entra, possesso*) É a Voz e o Verbo... Arreúnam todos, e me escutem, que o fim do mundo está pendurando! Siso, que minha prédica é curta, tenho que muito ir e converter... Bendito o que vem em nômine dômene!...

COLETOR – Você é Cristo, mesmo, ou é só João Batista?

NOMINEDÔMINE – Eu sou o zerinho zero: eu nem sou a Voz... Vinde, povo: senvergonhas, pecadores, homens e mulheres, todos. Todos eu amo, vim por vosso serviço! O mundo já começou a se acabar, e vós semprando na safadeza, na goiosa! Contraforma! Contraforma! Olha o enquanto-é-tempo... Vamos, vamos: pra igreja! Todos me acompanhem. Aqui-del-papa! Aqui-del-presidente!

Sai correndo de cena. O Coletor vai olhar. Longe, um sino começa tocar loucamente.

COLETOR – (*para alguém da platéia*) Dá nele! Senta a mão nesse desordeiro... (*para outro*) Isso é puro herege! (*para outro*) Agarra, seguro, braços e pernas do desgraçado! (*grita para fora*) Arretira do santo assoalho da igreja, e socar paz e sossego, a bem dos usos da razão. Faz favor... Estou podre de rico, podre de rico... noves oitos setes – Frioleiras! Baboseiras! Fim do mundo... Já se viu?! (*para alguém da platéia*) Porque o senhor não pegou aquele, à força, não derrubou p la porta afora, da igreja, zero zezero!?! Fim do mundo... Fim do mundo... o cão! Agora que eu estou tão rico... pois ainda nem acabei de pôr em competente firma todas as riquezas minhas, pra depois poder só descansar e gozar... E aquele vem prenunciar o fim do mundo! Uma tana! Uma tana! Mistifo do homem... Por meu seguro... Onde é que já se viu? Acaba nunca! Isso de mundo se acabar, de noite ou de dia, é invenção de gente pobre... Arrengo! Uma tana! Cristãos sem o que fazer... Quero ver meu ouro... Um danado de extraordinário...

Sai.

Anoitece. Liodoro espera Lalinha, ela vem.

LIODORO – Minha filha...

LALINHA – *(Entre dentes)* Que eu tenha coragem!

IÔ LIODORO – Minha filha... *(Se retardando)* Que é que você acha da moagem, minha filha?

LALINHA – Nada. Nada. Nada.

IÔ LIODORO – *(Muda completamente a fisionomia)* Leandra, minha filha... Minha filha, quem sabe você não está cansada daqui da roça, destes sertões? Não estará querendo voltar para o conforto da vida de cidade?

LALINHA – Cansada, não, não é bem, pois gosto daqui, onde sou tão bem tratada... Mas preciso rever os parentes, os amigos, olhar por minha casa, fazer roupas, tanta coisa... Se vim foi porque me pediram, me foram buscar... O tempo foi passando, adiei demais. Mas, agora, tenho mesmo de ir... Se possível eu gostaria de viajar nesses três dias...

IÔ LIODORO – Leandra...

LALINHA – *(Para disfarçar)* Você me acha bonita assim? Gosta de meus braços?

Se olham por um tempo. Iô Liodoro abaixa a cabeça, não responde.

IÔ LIODORO – *(tremendo)* Lala, Leandra...

O palco se incendeia.

Ruído de fogo na mata.

Um bando de jagunços invade o espaço.

Foge de um lado, encontra outro grupo, batem os bastões uma vez.

Foge de outro, encontra outro grupo, batem os bastões uma vez.

Foge de outro lado, sai de cena.

Fica apenas Medeiro Vaz, imóvel na luz.

O ruído de incêndio permanece.

NARRADOR – Medeiro Vaz... Homem sobre o sisudo, não gastava palavras, dono do dia e da noite – quase não dormia. Só guardava a memória de um amigo: Joca Ramiro.

MEDEIRO VAZ – Quando moço, de antepassados de posses, recebi grande fazenda. Vieram as guerras, os desmandos de jagunços – tudo morte, roubo, desrespeito carnal de mulheres, impossível sossego. Dever meu? Largo tudo! Não tinha boca de pessoa, não sustinha herdeiros forçados. Por estas mãos pus fogo na distinta casa, sido do pai, avô, bisavô. Espiei até o voêjo das cinzas. Relimpo de tudo, escorrido dono de mim, montei, com cachos d’armas, juntei chusma de gente corajada, sai por esse rumo em roda, impor justiça. Quando conheci Joca Ramiro, achei outra esperança maior, par-de-frança.

NARRADOR – Medeiro Vaz era duma raça de homem que mais não se vê. A gente era os medeiro-vazes. Munição não faltava. Sessenta homens, todos cabras dos melhores.

Ruídos noturnos: grilos, pios de pássaros, sussurro do vento.

No quase escuro, por todo o espaço se vê o bando de homens, no chão em torno dele.

Medeiro Vaz sai do foco, que se apaga. O bando abre alas para ele passar.

Os homens rastejam silenciosamente, perigo nos olhos.

Sussurram.

UM – Há-que se acostumar com o escuro.

DOIS – O caminhar se mede em silêncios.

TRÊS – Não se diz palavra.

QUATRO – Quem vai morrer e matar, pode ter conversa?

CINCO – Não roçar forte nas ramagens.

SEIS – Não partir galhos.

SETE – O que preza o chão – o pé adivinha.

OITO – A noite é da morte?

NARRADOR – Aquelas mortes, para daí a pouco, já estavam na cabeça dos homens. Eu não tinha nada com aquilo, estava só obedecendo. Eu nem conhecia aqueles inimigos, tinha raiva nenhuma deles. Quantos iam morrer por minha mão? Chumbo e bala... Bala e chumbo....

TODOS (*desencontrados, em ecos e ressonâncias*) – Chumbo... e bala... Chumbo... Bala...
Chumbo... Bala

Estronda o combate, tiros pipocando no escuro total.

O bando grita num louco alarido pelo palco.

Súbito silêncio.

No escuro, relumeia a brasa de um cigarro.

Sobe devagar um foco sobre Diadorim, fumando.

No escuro, vislumbra-se pelo chão a multidão de corpos dos mortos em combate.

DIADORIM – Mulher é gente tão infeliz...

Diadorim sai do foco, que é ocupado por Nhorinhá.

NHORINHÁ – Ô moço da barba feita... Entra, toma um café coado por mão de mulher, toma refresco, limonada de pêra-do-campo. Eu me chamo Nhorinhá. *(os dois se abraçam, fogosos)*

Música. A luz se apaga lentamente sobre o amor dos dois.

Luz: Riobaldo e Nhorinhá estão deitados no catre, semi-nus.

Entra a velha Ana Duzuza. Riobaldo olha, sobressaltado.

NHORINHÁ – É Ana Duzuza, minha mãe. *(Riobaldo quer se levantar, ela o detém.)* Ela sabe que a filha é meretriz. Contanto que seja para os homens de fora, jagunço, tropeiro...

Ana Duzuza se aproxima, olha firme para Riobaldo.

Senta-se no chão, ao lado do catre, come rapadura que raspa com uma colher.

DUZUZA – Venho chegando do arranchado de Medeiro Vaz, por ele mandada buscar, querendo minhas profecias. Lhe vendo forte segredo, hum?! *(ri)* Seu chefe, Medeiro Vaz, vai experimentar de passar de banda a banda o liso do Sussuarão.

RIOBALDO – O Liso do Sussuarão não concede passagem de gente viva, é o raso pior havente, um escampo dos infernos.

DUZUZA – Se é, se? Nada, nada vezes, e o demo. Pra lá, pra lá, nos ermos. Se emenda com si mesmo. Água, não tem. Se espia só o começo, só. Não tem excrementos. Não tem pássaros.

Riobaldo levanta-se, com raiva. Agarra a velha pelo xale. Ela agüenta o olhar dele.

DUZUZA – Seu chefe Medeiro Vaz... pois foi ele mesmo próprio quem me contou...

Riobaldo dá um empurrão na velha, agarra a camisa e o jaleco do chão e sai depressa.

Nhorinhá se põe de pé no catre, enrola-se no lençol, sai atrás dele.

DUZUZA (*saindo atrás dos dois*) – Não pergunta alguma passagem de sua sina por vir? Alguma coisa sua, fechada, devia de perguntar. (*ri, baixo, vai saindo*) Devia. E se a Duduza adivinhar mesmo, conhecer por detrás o pano do destino? Ele não perguntou, não pediu o resumo à Ana Duzuza. (*sai*)

Breve black-out.

Luz.

Diadorim está estendendo no varal a roupa lavada empilhada na bacia.

Riobaldo entra na luz, ofegante, agitado.

RIOBALDO – Diadorim! Projeto de Medeiro Vaz é de conduzir a gente para o Liso do Sussuarão, a dentro, adiante, até ao fim.

DIADORIM – E certo é. É certo.

RIOBALDO – Tu já sabia e a mim não antecipou nem miúda palavra.

DIADORIM (*volta a estender a roupa, enquanto fala*) – Pra por lá do Sussuarão, já em terrenos da Bahia, o Hermógenes, possui sua maior fazenda, Riobaldo, com os muitos gados, lavouras. Lá mora com sua família dele – mulher e filhos. A gente suprimindo de varar o Liso, o lado mais impossível, se chega lá sem ser esperados, se arrasta aquele pessoal por dura surpresa – acabou-se com aquilo! Quem há de deduzir que o Liso do Sussuarão se preste para nele caminho se impor? (*olha duro*) Essa velha Ana Duzuza é que inferna e não se serve... Das perguntas que Medeiro Vaz fez, ela tirou por tino a tenção dele, e não devia de ter falado... (*sacode com força uma camisa no ar*) Essa carece de morrer, para não ser leleira...

RIOBALDO – Disso que você disse, desconvenho! Bulir com a vida dessa mulher, para a gente dá atraso...

DIADORIM – *(num chio, quase de cobra)* Já sei que você esteve com a filha dela...

RIOBALDO *(furioso)* – Aí é a intimação? Pois, fizeram, eu saio do meio de vós, pra todo o nunca. Mais tu há de não me ver!...

Diadorim pousa a mão no braço dele. Ele estremece. Diadorim segura a mão dele.

DIADORIM – Você já paga tão escasso então por Joca Ramiro? Por conta duma bruxa feiti-ceira, e a má-vida da filha dela, aqui neste confim de gerais?!

RIOBALDO – Dou! Todo mundo, então, todos, têm de viver honrando a figura desse, de Joca Ramiro, feito fosse Cristo Nosso Senhor, o exato?!

Diadorim faz um movimento brusco.

Controla-se, olha firme para Riobaldo um momento. Respira fundo, criando coragem.

DIADORIM – Riobaldo, escuta, pois então? *(tempo)* Joca Ramiro era o meu pai...

Riobaldo fica perplexo.

Música.

Sem saber o que fazer, caminha para lá e para cá. Diadorim espera, sempre olhando para ele.

Por fim, Riobaldo para e olha para Diadorim, como se quisesse ver Joca Ramiro nele.

DIADORIM – Tem discórdia não, Riobaldo amigo, se acalme. Não é preciso se haver caute-la de morte com essa Ana Duzuza. Mas, se você algum dia deixar de vir junto, como juro o seguinte: hei de ter a tristeza mortal...

Riobaldo, num impulso desajeitado, dá um abraço de macho em Diadorim.

Confuso, senta-se no chão. Diadorim senta-se ao lado dele, cada um olhando para um lado.

Tempo.

DIADORIM – Riobaldo, se lembra certo da senhora sua mãe? Me conta o jeito de bondade que era a dela...

RIOBALDO – Minha mãe... era a minha mãe.
Essas coisas.

Na mesma moldura em que apareceu Otacília, aparece agora Bigrí, a mãe de Riobaldo.

RIOBALDO – A bondade especial de minha mãe foi a de amor constando com a justiça, que eu menino precisava. E a de, mesmo no punir meus demaseios, querem bem às minhas alegrias. A lembrança dela... é feito entre madrugar e manhecer.

DIADORIM – Pois a minha eu não conheci...

RIOBALDO – O que não tive foi pai; quer dizer isso, pois nem eu nunca soube autorizado o nome dele. Não me envergonho, por ser de escuro nascimento. Órfão de co-nhecença e de papéis legais...

Música.

Ao longo da fala, a luz de Bigri vai se apagando.

RIOBALDO – Minha mãe... – Bigrí, era como ela se chamava. Morreu, num dezembro chovedor, aí foi grande a minha tristeza, como a minha vida mudou para uma segunda parte. Amanheci mais. Um vizinho caridoso cumpriu de me levar, para a Fazenda São Gregório, de meu padrinho Selorico Mendes. Ele me aceitou com grandes bondades. Era rico e somítico, possuía três fazendas-de-gado.

Aparece Selorico Mendes.

SELORICO – De não ter conhecido você, estes anos todos, purgo meus arrependimentos.

Desaparece Selorico Mendes.

RIOBALDO – Meu padrinho Selorico Mendes era muito medroso. Queria que eu aprendesse a atirar bem, e manejar porrête e faca. Me deu logo um punhal, me deu uma garrucha, uma granadeira. Me deu até um facão enterçado, que tinha mandado forjar.

Eu não sabia ler. Então meu padrinho teve uma decisão: me enviou para o Curralinho, para ter escola, Mestre Lucas, *(aparece num foco Mestre Lucas)*

MESTRE LUCAS – Baldo, você carece mesmo de estudar e tirar carta-de-doutor, porque para cuidar do trivial você jeito não tem. Você não é habilidoso. Mas o mais certo de tudo é que um professor de mão-cheia você dava...

Desaparece Mestre Lucas

Música de festa rural.

RIOBALDO – Curralinho era um lugar muito bom, de vida contentada. Com os rapazinhos de minha idade, arranjei companheirice. Aí, namorei falso, asnaz, ah essas meninas por nomes de flores. E Rosa'uarda (*aparece Rosa'uarda num foco*) moça feita, mais velha do que eu, filha de negociante forte, seo Assis Wababa – ela era estranja, turca, eles todos turcos, armazen grande, seo Assis de tudo comerciava. Rosa'uarda gostou de mim:

ROSA – Ensinei as primeiras bandalheiras, e as completas, juntos fizemos, no fundo do quintal, num esconso, com muito anseio e deleite. Sempre dizia uns carinhos turcos: (*pesquisar duas ou três frases carinhosas em turco ou em árabe*). Riobaldo eu chamava de “Meus olhos.” Mas era os meus, ele dizia...

RIOBALDO – que brilhavam exaltados, extraordinários de pretos, duma formosura mesmo singular...

ROSA – Ele dizia. Lindas pernas as lindas grossas, meu vestido de nanzuque... (*ri, coquete*) Nunca que havia de ser para o regalo dele. (*canta*)

Meu pai fosse rico,
tivesse negócio,
tu casava comigo
e o prazer era nosso...

Desaparece Rosa'uarda.

Aparece Selorico Mendes.

RIOBALDO – Um dia me disseram que não era à-toa que minhas feições copiavam retrato de Selorico Mendes. Que ele tinha sido meu pai! No escutar, em roda de mim o tonto houve. Pareceu até que, de algum encoberto jeito, eu daquilo já sabia. Assim já tinha ouvido de outros, ditos e indiretas, que eu desouvia. Perguntar a ele, fosse? Ah, eu não podia, não. Perguntar a mais pessoa nenhuma; chegava. Ajuntei meus trens, minhas armas, meu cavalo era bom, eu tinha dinheiro na algibeira, eu estava bem armado. Meu rumo mesmo era o do mais incerto.

RIOBALDO DOIS – Viajei, vim, acho que eu não tinha vontade de chegar em nenhuma parte.

RIOBALDO – Encostei para o Rio das Velhas. (*A Mulher da Fogueira entra no foco de Riobaldo Dois*) Dormi com uma mulher, que muito me agradou, o marido dela estava fora, na redondeza. De manhã cedo, a mulher me disse:

MULHER DA FOGUEIRA – Meu pai, Manoel Inácio, Malinácio dito, existe daqui a quarto-de-légua. Vai, lá tu almoça e janta. De noite, se meu marido não tiver voltado, eu te chamo, dando avisos.

A Mulher da Fogueira sai do foco e desaparece.

Riobaldo Dois se desloca no espaço.

RIOBALDO – O pai dessa mulher era um homem finório de esperto. No falar me encarava e no ouvir piscava os olhos; e, quem encara no falar, mas pisca os olhos para ouvir, não gosta muito de soldados. Aos poucos, então, contei:

Aparecem o Malinácio, Titão Passos.

RIOBALDO DOIS – Meu seguimento é por Joca Ramiro, em coração de devoção. Joca Ramiro pernitoou em nossa fazenda do São Gregório, de meu padrinho Selorico Mendes.

TITÃO – Para onde vai, além?

RIOBALDO – Não sei.

TITÃO – Se vosmecê pune por Joca Ramiro e está em armas, por que então não caçou jeito de trotar para o norte, a fito de com o pessoal ramiros se juntar?

RIOBALDO DOIS – Até aqui cheguei por dar volta cautelosa. E mesmo para sobre ter a calma de resolver os projetos em meu espírito.

Entra Diadorim Dois.

Riobaldo Dois tem um forte sobressalto, põe-se de pé, perplexo.

Os dois se olham, Diadorim Dois estende a mão, Riobaldo Dois aperta sua mão.

DIADORIM DOIS – Reinaldo.

DIADORIM – Era eu.

RIOBALDO – E se chamava o Reinaldo. O Menino era!

DIADORIM – O Menino do Porto.

Olham para seus duplos na luz.

TITÃO – De fato, tropeiros não somos...

RIOBALDO DOIS – Eu soube.

TITÃO – ... mas pessoal brigal de Joca Ramiro.

RIOBALDO DOIS – E a tropa?

TITÃO – Está para seguir para o norte, com três lotes de bons animais.

DIADORIM DOIS – É para levar munição. Não tem mais prevenimento de esconder isso dele.

MALINÁCIO – Sou o guardador: com as munições bem encobertas.

RIOBALDO DOIS – Vou com vocês.

TITÃO – Pois vamos.

A luz se apaga sobre o grupo, por último em Diadorim Dois e Riobaldo Dois que ainda têm tempo de se olhar e sorrir.

Antes que a luz se apague totalmente, Riobaldo retoma:

RIOBALDO – Nem tive pesar nenhum de não esperar o aviso da mulher casada, filha do Malinácio. Se eu não tivesse passado pelo lugar, eu nunca mais, nesta vida, tinha topado com você?

DIADORIM – Sorte?

RIOBALDO – O que Deus sabe, Deus sabe. Tudo, naquele tempo, eram pessoas matando e morrendo, vivendo numa fúria firme.

Música.

Os jagunços entram em cena um a um, cada um dizendo sua fala, até formar um grande grupo, igual ao do início do espetáculo.

A sensação de perigo aumenta junto com a luz que vai subindo, insuportavelmente branca.

Um Cruzar o Liso do Sussuarão, cutucar de guerrear nos fundões da Bahia.

Dois O que ninguém ainda não tinha feito, a gente se sentia no poder fazer.

- DIADORIM – Olha, Riobaldo, nossa destinação é de glória. Em hora de desânimo, você lembra de sua mãe; eu lembro de meu pai...
- RIOBALDO – Não fale nesses, Diadorim. Ficar calado é que é falar nos mortos...
- Três Afundamos num cerrado de mangabal, indo sem volvência.
- Quatro As árvores iam se abaixando, menorzinhas. Os urubus em vasto espa-
ceiam.
- Cinco Se acabou o capinzal de capim-redondo. O mundo se envelhecendo, no
descampante. Acabou o sapé brabo do chapadão.
- Seis É uma terra diferente, louca, lago de areia. O sol verte no chão, com sal,
enfaiscando.
- Sete De longe vez, capins mortos; e uns tufos de seca planta – feito cabeleira
sem cabeça.
- Oito E fogo começa a entrar, com o ar, nos pobres peitos da gente.
- Nove E o miolo mal do sertão reside ali, um sol em vazios.
- Dez Areia que escapole, sem firmeza, puxando os cascos dos cavalos para
trás.
- Onze Daí, trasla um duro chão rosado ou cinzento, gretoso e escabro.
- Doze Hê, valentes somos, que vamos padecer e morrer por aqui. Os medeiro-
vazes...
- Treze O Liso do Sussuarão concebe silêncio.
- Quatorze A calamidade de quente! E o esbraseado, a dor do calor em todos os
corpos que a gente tem.
- Quinze Os cavalos venteando, só se ouve o resfol deles.
- Dezesseis Nem menos sinal de sombra.
- Dezessete Água não há. Capim não há.
- Dezoito E nós estamos perdidos.
- Dezenove Nenhum poço não se acha.
- Vinte A gente toda sapirando de olhos vermelhos, arroxando as caras.
- Vinte e um A luz assassina demais.
- Vinte e dois E a gente dá voltas, os rastreadores farejando, procurando.
- Vinte e três Já tem quem beije os bentinhos, se rezado.
- Vinte e quatro Voltar para trás, para as boas serras! Ver, antes de dar à casca, um pás-
saro voando sem movimento, o chão fresco remexido pela fossura du-
ma anta, o cabecear das árvores, o riso do ar e o fogo feito duma arara.

	O supixo manso dum córrego nas lajes – o bom sumiço dum riacho ma- to a fundo.
Vinte e cinco	Alguém já declarado de morto.
Vinte e seis	Estou cego!
Vinte e sete	Orelhas cinzentas.
Vinte e oito	Outro todo empretecido, sangrando das capelas e papos dos olhos.
Vinte e nove	Ouçõ minhas veias.
Trinta	Daqui, deste mesmo de lugar, mais não vou! Só desarrastado vencido...
Trinta e um	Pois vamos retornar...
Trinta e dois	Nada campou viável. Nós temos de voltar, chefe?
Trinta e três	E foi. Saímos dali, no pintar de aurora.
Trinta e quatro	Os homens zuretados de fome.
Trinta e cinco	Caça não achamos.
Trinta e seis	Tombaram a bala um macaco vultoso!
Trinta e sete	Destrinchamos,
Trinta e oito	quarteamos,
Trinta e nove	comemos.

Aparece a Mãe do Macaco.

MÃE DO MACACO – Os homens tramavam zuretados de fome – caça não achavam – até que tombaram à bala um macaco vultoso, destrincharam, quartearam, comeram. Enquanto estavam ainda mais assando e maducando, se soube, o corpudo não era bugio não, não achavam o rabo. Era homem humano, morador, um chamado José dos Alves! Mãe dele, vim de aviso. Era criaturo de Deus, que nú por falta de roupa... Meu filho escapulia assim pelos matos, por da cabeça prejudicado. Foi assombro. Algum disse: “Agora que está bem falecido, se come o que alma não é, modo de não morrermos todos.” Não se achou graça. Não, mais não comeram, não puderam. Um lançou, outros também vomitavam. Eu roguei. Perrengueavam. Conseguiram de mim a informação: que tinha, obra de quarto-de-léngua de lá, um mandiocal sobrado. “arre que não!” Ouvi gritarem: que de certo, por vingança, eu ensinasse aquilo de ser mandioca-brava! Esses me olhavam com terrível raiva. Um passou mal, outros tinham dores, pensaram que carne de gente envenenava.

Muitos estavam doentes, sangrando nas gengivas, e com manchas vermelhas no corpo, e danado doer nas pernas, inchadas. O tempo todo eu temia de que faltasse outro de comer, e eu servisse.

Desaparece a Mãe do Macaco.

Quarenta Esbandalhados nós estávamos, escatimados naquele esfregada.
 Quarenta e um Esmorecidos é que não. Nenhum se lastimava, filhos do dia.
 DIADORIM – Jagunço é isso.
 Quarenta e dois Jagunço não se escabreia com perda e derrota quase que tudo para ele é o igual.
 Quarenta e três A vida já está assentada.
 Quarenta e quatro Deus come escondido e o diabo sai por toda parte lambendo o prato.
 RIOBALDO – Viver é muito perigoso.

Escurece.

No escuro acende-se o fogão de lenha: a cozinha, onde estão Joana Xaviel e quatro mulheres com seus instrumentos culinários.

Ao lado, o quarto de Manuelzão, que está deitado no catre.

JOANA XAVIEL – Que todos me oiçam!

MANUELZÃO – Joana Xaviel!...

MULHER 1 – Essa mora desperdida, por aí, ora numa ora noutra chapada...

MULHER 2 – Capioa barranqueira, grossa roxa, mulher praceada nos quarenta às todas unhas, sem trato.

MULHER 3 – Suas lábias...

MULHER 4 – Joana Xaviel sabe mil estórias...

JOANA XAVIEL – Que todos me oiçam!

MANUELZÃO – Amarugem e doce. A gente escuta, se esquece de coisas que não sabia...

JOANA XAVIEL – Um Príncipe que tinha ido guerrear gente ruim, três longes da porta de sua casa, e foi ficando gostando de outro guerreiro, Dom Varão, que era uma moça vestida disfarçada de homem. Mas Dom Varão tinha olhos pretos, com pestanas muito completas, o coração do príncipe não se errava, ele nem podia mais prestar atenção em outra nenhuma coisa.

MANUELZÃO – A gente recebe um desavisado de ilusão...

JOANA XAVIEL – Vai daí, foi perguntar ao Pai e à Mãe dele, suplicar conselhos: Pai, ô minha Mãe, ô! Estou passado de amor... Os olhos de Dom Varão é de mulher, de homem não! A Rainha ensinava ao filho seguidos três estratégias, astúcias por fazer Dom Varão esclarecer o sexo pertencido.

MANUELZÃO – Joana Xaviel...

JOANA XAVIEL – Quando sucedia esse final, o Príncipe e a Moça se casavam, nessas glórias, tudo dava acerto.

MANUELZÃO – Mel, mas mel de marimbondo! Seduz...

JOANA XAVIEL – O rei velho rei segurava a barba, as mãos cheias de brilhantes em ouro de anéis. O príncipe amava a moça, recitava carinhos, bramava e suspirava; a rainha fiava na roca ou rezava o rosário; o trape-zape das Espadas dos guerreiros se danava no ar...

MANUELZÃO – Quando garra a falar as estórias, Joana Xaviel vira outra, se remoçando de beleza, um endemônio no jeito por formosura. Tem hora que está vestida de ricos trajes, a cara demuda, desata os traços, antecipa belezas, fica semblante. Essa mulher, mulher, morando de ninguém não querer, por aí, sem dono, em cafuas.

MULHER 4 – A mãe de Manuelzão achou que ela tivesse a boca abençoada.

MULHER 3 – Não é querida nas casas...

MULHER 2 – Mesmo porque vive de esmolas... e que, o que pode, furta!

MULHER – Nem nunca foi casada mesmo com ninguém.

MULHER 4 – E o caso dum veredeiro, que queria vergonha com ela?...

MULHER 3 – Saiu por meia redondeza a difamá-la a mal. Morreu, sobre o depois, sua alma veio assombrar...

JOANA XAVIEL – (*interrompendo*) Ele me fez muito falso. Aquele homem, quando vivo, sabia rezas pesadas. Três dias depois de morto apareceu. Onça comeu porca, leitãozinho morreu de fome... Era a alma dele.

MANUELZÃO – Pega a contar estórias – gera torto encanto.

JOANA XAVIEL – Eu não tive medo nenhum, tive foi mais raiva... A cachorrinha é que ficou uinvando. Ficou assombrada.

MANUELZÃO – A gente chega se arreta, concebe calor de se ir com ela, de se abraçar...

JOANA XAVIEL – A mesmo depois que a visonha daquilo tornou a desaparecer, a cachorrinha não teve paz. Ela não podia olhar a luz da candeia, não queria de

jeito nenhum virar a cara para a banda do fogo na fornalha... Enquanto eu tiver raiva, eu não perdô! Eu? Não perdô!

MANUELZÃO – Coisas que um figura, quando se está deitado em catre. No meio dos outros, em pé, sobejam até vergonha! (*senta na cama*) De dia, com sol, sem ela contando estória nenhuma, quem vê que alguém possui perseveranças de olhar para Joana Xaviel como mulher assaz?

MULHER 2 – (*aponta na direção de Manuelzão*) Por mesmos, ele Manuelzão não tinha se casado.

MANUELZÃO – Peguei o agrado de mulheres acontecidas, para o consumo do corpo... Gado sem marca, como as gariobas, sem dono, do cerrado.

MULHER 1 – E ele nunca se descuidou de não gostar demais delas.

MANUELZÃO – Às vezes gostei. Até chorei, lágrimas, dessas que violão toca.

MULHER 3 – Ele não gasta lazer com bobagens.

MULHER 2 – É homem de ponto.

MULHER 4 – Deus emprestasse a ele de chegar aos cem anos, com resistida saúde e ele completava comprando para si até a fazenda em pompa do senhor do Vilamão...

MULHER 1 – Carecia de um filho, prosseguinte. Um que levasse tudo levantado, sem deixar o mato rebrotar.

MANUELZÃO – (*levanta-se*) Mas a roda da vida empuxa. (*coloca o chapéu e vai saindo*). Careço de estreitar os desejos, continuar meus caminhos. O destino calça esporas. (*sai*)

JOANA XAVIEL – (*aponta na direção de Manuelzão*)

Ele subiu p'lo céu arriba

Numa linha de pescar:

Preguntar Nossa Senhora

Se é pecado namorar! (*gargalha*)

As mulheres também riem.

No escuro, zune o vento, chove forte.

A luz mortiça se acende

O bando faz o rodeio da boiada: mugidos, um aboio cantado por duas vozes.

NARRADOR – Veredas. Nem mortalma. Dias inteiros, nada, tudo o nada – nem caça, nem pássaro, nem codorniz. Navegar sertão num rumo sem termo, amanhecendo cada manhã num pouso diferente, sem juízo de raiz... Desde o raiar da auro-ra, o sertão tonteia. Os tamanhos.

O aboio prossegue. Triste.

O rodeio vai se abrindo, no centro do palco, Medeiro Vaz num catre, coberto por um pano que dois jagunços seguram pelas pontas, como uma tenda.

Todos param solenes ao redor do chefe.

Riobaldo e Diadorim bem na frente dele.

Ruído de chuva forte.

Num gesto lento e grande, Medeiro Vaz estende a mão para Riobaldo.

MEDEIRO VAZ – Quem vai ficar em meu lugar? Quem capitaneia?

Morre.

Um raio estala, o trovão rola lento, grave, longo.

Todos tiram os chapéus.

Alguém entoia um aboio fúnebre.

Alguns entram com palhas de buriti, cobrem o corpo, os que seguravam o pano baixam o pano sobre as palhas e depois levantam muito alto.

Outros retiram as palhas, todos se afastam num grande círculo, Medeiro Vaz desapareceu, misturou-se aos jagunços, sem que o público perceba.

No centro, ficam só Riobaldo e Diadorim.

Mudança de luz, o ruído da chuva cessou aos poucos.

DIADORIM – Riobaldo, tu comanda. Medeiro Vaz te sinalou com as derradeiras ordens.

RIOBALDO – Não posso...Não sirvo...

ALARIPE – Mano velho, Riobaldo, tu pode!

DIADORIM – Mano velho, Riobaldo: tu crê que não merece, mas nós sabemos a tua valia...

TODOS – Riobaldo Tatarana! Tatarana!

RIOBALDO – Não posso, não quero! Digo definitivo! Sou ser e executar, não me ajusto de produzir ordens...

RIOBALDO – Vejo, Marcelino Pampa é quem tem de comandar. Mediante que é o mais velho, e, demais de mais velho, valente, e consabido ajuizado!

DIADORIM – Melhor do que Marcelino Pampa não tem nenhum.

ALARIPE – Tredito que é a vez de se estar contornados, unidos sem porfiar...

TODOS – Amém!

MARCELINO PAMPA – Aceito, por precisão nossa, o que obrigação minha é. Até enquanto não vem algum, dos certos, de realce maior: João Goanhá, Alípio Mota, Titào Passos... A tanto, careço do bom conselho de todos que tiverem, segura fiança. Assentes que vamos...

O círculo de homens se fecha um pouco em torno de Marcelino, sentam-se no chão.

Riobaldo e Diadorim se mantêm um pouco à parte, em pé.

MARCELINO PAMPA – Os Judas estão aqui mesmo, de nós a umas quinze léguas, e sabem da gente. Deveras atacar, não atacam, com este tempo de todas chuvas e ribeirões cheios. Mas vão fechando modo de rodear a gente, de menos longe...

SESFREDO – A quantidade deles é a farta...

MARCELINO PAMPA – Recurso, que eu acho, é dois: ou se fugir para o chapadão, enquanto tempo...

ALARIPE – Mas aí é perder toda a esperança e diminuir da vergonha...

MARCELINO PAMPA – Ou, então, forçar tudo e experimentar um caminho por entremeio deles: se vai para a outra banda do rio...

UM – Caçar João Goanhá e os outros companheiros...

MARCELINO PAMPA – Mais ainda não sei, quero toda razoável opinião. Mas, se souberem a notícia que Medeiro Vaz morreu, hoje mesmo é capaz que sejam de vir em riba de nós...

O grupo todo se dispersa, falando baixo, a cena fica vazia.

DIADORIM – Riobaldo você está vendo que não temos remédio.

RIOBALDO – Você está mal satisfeito?

DIADORIM – Foi você, mesmo, Riobaldo, quem governou tudo. Você escolheu Marcelino Pampa, você decidiu e fez. Mas sei o meu. Cá por mim, isso tudo pouco adianta.

RIOBALDO – Ele, por bem de seu dispor, não dá altura. Súcia de homens carece de uma completa cabeça.

DIADORIM – Comandante é preciso, para aliviar os aflitos, para salvar a idéia da gente de perturbações desconformes. Não sabia, hoje será que sei, a regra de nenhum meio-termo.

Entram dois jagunços trazendo um menino carregado no alto, arrastando as alpercatas.

Uma parte do bando entra atrás e escuta, interessada.

UM – Artes, que este tal passou, às fugas, meio arupa. Pegamos. Aí ele tem grande coisa pra contar.. (*sacode o menino*)

MENINO (*ofegante e apavorado*) – É um homem... Só sei... É um homem... É briga enorme... Desceu o rio Paracatu, numa balsa de buriti... Deu fogo... O homem, com mais cinco homens... Avançaram do mato, deram fogo contra os outros. Os outros eram montão, mais duns trinta. Mas fugiram. Largaram três mortos, uns feridos. Ei! Estavam a cavalo... O homem e os cinco dele estão a pé. Homem terrível... Falou que vai reformar isto tudo!

DOIS – Qual é que é o nome dele? Fala! Como é que os outros dizem? Aí e que jeito, que semelhança de figura é que ele tem?

MENINO – Ele? O jeito que é o dele, que ele tem? Em é mais baixo do que alto, não é velho, não é moço... Homem branco... Veio de Goiás... O que os outros falam e tratam: “Deputado”. Gritavam, de onça e de uivado... Disse: vai remexer o mundo! Desceu o Rio Paracatu numa balsa de buriti... Desceram... Nem cavalo eles não têm...

Alvoroço.

TRÊS – É ele! Mas é ele! Só pode ser...

QUATRO – E é. E, então, está do nosso lado!

CINCO – Temos de mandar por ele...

SEIS – Alguém tem de ir lá

TRÊS – É ele!

QUATRO – E é homem danado, zuretado...

CINCO – Está a favor da gente...

SEIS – E ele sabe guerrear...
 TODOS – Zé Bebelo!!! Zé Bebelo! Zé Bebelo!

Entra, de um lado, Zé Bebelo, acompanhado de quatro homens.

De outro Marcelino Pampa, que se coloca ao lado de Riobaldo e Diadorim.

Os outros seis, mais o Menino se afastam.

MARCELINO PAMPA – Paz e saúde, chefe! Como passou?

ZÉ BEBELO – Como passou, mano? Vim de vez!

MARCELINO PAMPA – Em boa veio, chefe! É o que todos aqui representamos...

ZÉ BEBELO – A pois. Salve Medeiro Vaz!...

MARCELINO PAMPA – Deus com ele, amigo. Medeiro Vaz ganhou repouso...

ZÉ BEBELO – Aqui soube. *Lux eterna... (tira o chapéu, pára um instante sério.)*

Vim cobrar pela vida de meu amigo Joca Ramiro, que a vida em outro tempo me salvou de morte... E liquidar com esses dois bandidos, que desonram o nome da Pátria e este sertão nacional! Filhos da égua...

MARCELINO PAMPA – Pois, então, estamos irmãos... E esses homens?

ZÉ BEBELO – Vim por ordem e por desordem. Este cá é meus exércitos!

MARCELINO PAMPA – Pois assim, amigo, por que é que não combinamos nosso destino? Juntos estamos, juntos vamos.

ZÉ BEBELO – Amizade e combinação, aceito, mano velho. Já ajuntar, não. Só obro o que muito mando; nasci assim. Só sei ser chefe.

Marcelino Pampa corre os olhos sobre o bando.

MARCELINO PAMPA – E chefe será. Baixamos nossas armas, esperamos vossas ordens...

ZÉ BEBELO – De todo poder? Todo mundo lealda?

RIOBALDO – De acordo!

DIADORIM – De acordo!

TODOS – De acordo! De acordo! De acordo!

ZÉ BEBELO – Ao redor de mim, meus filhos. Tomo posse!

TODOS – Salve!

ZÉ BEBELO – Pois estamos. É o duro diverso, meu povo. Mas os assassinos de Joca Ramiro vão pagar, com seiscentos-setecentos! Assassinos – eles são os Judas.

Desse nome, agora, que é o deles. Arre, vote: Hermógenes e Ricardão, dois Judas, podemos romper as aleluias! Alelúia! Alelúia! Carne no prato, farinha na cúia!

TODOS – Alelúia! Alelúia! Carne no prato, farinha na cúia!

ZÉ BEBELO (*anda entre os homens*) – Quero aprender os nomes, de um em um, e em que lugar nasceram, resumo da vida, quantos combates, e que gostos têm, qualquer ofício de habilidade... Precisamos de quatro buzinas de caçador, para os avisos. (*alguém toca um berrante*) Ferraduras, ferraduras! Isto é que é importante... Os homens...

ALARIPE (*põe-se de pé, se apresenta*) – Alaripe. Esquadrão de adeparte, eu que tomo conta dos burros cargueiros, com petrechos e mantimentos.

UM (*levantando*) – Quim Queiroz. Eu zelo os volumes de balas.

DOIS (*levantando*) – Jacaré. Cozinheiro...

ZÉ BEBELO (*ri*) – Você, todo tempo, deve de dizer o de comer que precisar ou faltar.

TRÊS (*levantando*) – Doristino. Ferrador dos animais, tratador deles.

QUATRO – Raymundo Lê. Eu guardo sempre o surrão com remédios.

ZÉ BEBELO (*levantando o braços para interromper*) – A pois! Trabucar duro, para dormir bem! Morrendo eu, depois vocês descansam...
Mas eu não morro!

Saem todos, rindo, animados.

NARRADOR – Vingar é lamber, frio, o que o outro cozinhou quente demais! Qual é o caminho certo da gente? Nem pra frente nem, para trás: só para cima.

Entra um bando de jagunços em duro treinamento: deslizam pelo chão, levantam-se a um só tempo, se imobilizam.

Pelo meio deles, imóveis, como se fossem uma floresta, passeiam o Primo e a Prima

PRIMO – É ou não é, Maria Irma? Não mude de assunto...

MARIA IRMA – Não. Não sei. E depois?

PRIMO – Está mesmo? É sim? De quem?

MARIA IRMA – E depois? E depois? E depois? Queria perguntar uma coisa...

PRIMO – Pergunte, Maria Irma.

MARIA IRMA – Não. Não sou curiosa.

PRIMO – Então, eu sei o que é...

MARIA IRMA – Então?

PRIMO – É a respeito... Bem, é sobre... Você quer saber se eu deixei algum amor, a esperar por mim?

MARIA IRMA – Se deixou, ou não, não me interessa...

PRIMO – Então, porque você quis perguntar, prima?

MARIA IRMA – E por que foi que você adivinhou a pergunta, primo?

PRIMO – Diga, Maria Irma, você pensou em mim?

MARIA IRMA – Não tenho feito outra coisa.

PRIMO – Então...

MARIA IRMA – Vamos tomar leite de novo?

PRIMO – E agora?

MARIA IRMA – Vamos tomar café quente?

PRIMO – Vamos e venhamos...

MARIA IRMA – Vamos ver se a chuva estragou a horta?

PRIMO – Mas...

Saem.

Os jagunços imóveis, saltam e lutam entre eles, treinando.

Subitamente, se imobilizam, como um bosque.

Entram o Primo e Prima.

PRIMO – Esse rapaz é que é o seu noivo?

MARIA IRMA – Não, não é... E, também, noiva eu não sou, você bem sabe!

PRIMO – Não fique zangada comigo, prima...

MARIA IRMA – Não estou... Mas você não deve me olhar assim... Parece que quer me fotografar...

PRIMO – Mas, quem é então aquele rapaz, Maria Irma?

MARIA IRMA – O Ramiro? É o noivo de Armanda, amiga minha...

PRIMO – E quem é Armanda, Maria Irma?

MARIA IRMA – É muito bonita, foi educada com parentes no Rio, já estive na Europa, é filha de fazendeira – porque o pai já morreu –, mora no Cedro...

PRIMO – E que vem fazer aqui o noivo, com uma noiva assim?

MARIA IRMA – Vem visitar-nos, quando tem de passar por aqui...Há algum mal na nossa amizade?

PRIMO – E a outra sabe? Consente?

MARIA IRMA – Ela tem confiança em Ramiro, e em mim, que sou sua amiga...

PRIMO – Não sou bem dessa teoria...Quando é o casamento?

MARIA IRMA – Armanda ainda não quis marcar a data...

PRIMO – Ela domina o teu amigo, pelo que vejo...

MARIA IRMA – Não diga isso, primo, é absurdo!

PRIMO – Maria Irma, sabe de uma coisa? Você gosta do Ramiro e o Ramiro gosta é de você. Apenas...

MARIA IRMA – Há outra coisa também, que você não sabe...

PRIMO – Que é, prima?

MARIA IRMA – É que você é um imbecil, primo!

Saem.

Os jagunços treinam lutas de corpo a corpo.

Subitamente se imobilizam.

Entram Primo e Prima.

PRIMO – Que tal você e eu, Maria Irma?

MARIA IRMA – Um pouco tolos... Um pouco primos.

PRIMO – Falo a sério, Maria Irma!

MARIA IRMA – Vou servir café a você...

PRIMO – Só depois.

MARIA IRMA – Então senta e fuma...

PRIMO – Escuta, Maria Irma: eu gosto de você... Eu te amo!

MARIA IRMA – Você pensa que gosta...

PRIMO – Acredita que seja verdade, por um momento, só...

MARIA IRMA – Fiz de conta. E depois?

PRIMO – Então...

MARIA IRMA – Solta a minha mão!... Você já deve me conhecer bem, para saber que eu não gosto disso.

PRIMO – Uma palavra, apenas, Maria Irma... Posso esperar?

MARIA IRMA – Não.

PRIMO – Diga, Maria Irma, por favor!

MARIA IRMA – Não.

PRIMO – Pelo menos, fica sabendo que eu adoro você, que...

MARIA IRMA – Não sei...

PRIMO – Então, devo ir-me embora?

MARIA IRMA – Sim... Vai...

PRIMO – Vou, Maria Irma!

MARIA IRMA – Espera... Não vá ainda... Fica mais uns dias...

PRIMO – Por quê, Maria Irma? Para que?

MARIA IRMA – É que... É que eu convidei Armanda para vir passar uns dias aqui...

PRIMO – A noiva do teu Ramiro?

MARIA IRMA – Você é ridículo.

PRIMO – Ele gosta de você. Você pensa que eu sou tolo?

MARIA IRMA – Eu, e só eu, sei quem gosta ou não de mim!

PRIMO – Também pode ser que ele goste de vocês duas... Como é ela? É alta?

MARIA IRMA – Não. Da minha altura. Mais cheia de corpo...É bonita...

PRIMO – Monta a cavalo?

MARIA IRMA – E guia automóvel, muito bem...É muito desembaraçada... Independente...
Moderna...

PRIMO – Você é má, Maria Irma.

MARIA IRMA – Não sou. Fica... Você vai gostar...

PRIMO – Que astúcia você tem na cabecinha, prima?

MARIA IRMA – Bem, é melhor que você vá. Você era capaz de pensar que é por minha causa que eu estou pedindo...

PRIMO – Adeus, Maria Irma...Irma Maria...

Entra Armanda.

MARIA IRMA – Meu primo... Armanda... Com cada um de vocês já falei muito do outro...

MARIA IRMA – Vou ver, papai chamou... Me esperem... (*sai*)

ARMANDA – Prefiro caminhar. Quer?

PRIMO – Armanda?

ARMANDA – Nada. Vamos! (*canta*) De madrugada,
quando a lua se escondia...

o sol raiava
na janela de Maria...
Você gosta de Maria Irma?

PRIMO – Não...

ARMANDA – De quem?

PRIMO – De você... Sempre gostei. Sempre! Antes de saber que você existia...

ARMANDA – É engraçado...

PRIMO – É verdade.

ARMANDA – Não... Não é isso... É com você que eu vou me casar.

PRIMO – Comigo?

ARMANDA – Então, por que você não me beija? Porque aqui na roça não é uso?

Entra outro grupo de jagunços: entram em combate duro e rápido.

Os jagunços sangram pétalas de rosas. Quando saem, o chão está forrado de rosas.

Silêncio.

Nenha na caixinha. A Moça e o Moço se aproximam. O Moço se afasta, assustado.

MOÇA – Uma velha, uma velhinha! Velhíssima! Nenha. Alguém, antes de morrer, ainda se lembrava de que não se lembrava – ela seria apenas a mãe de uma outra, de uma outra, de uma outra, para trás. *(busca-o, pega-o pela mão e o conduz até Nenha)* A velhinha não é a morte, não. Nem está morta.

MOÇO – *(aproxima-se da caixa; observa com curiosidade)* Ela beladormeceu?

MOÇA – *(beija-o na testa)* Você ainda não sabe sofrer. *(volta a limpar as babas de Nenha.)* Antes de vir para a fazenda, ela morava em cidade ou vila, numa certa casa, num largo, cuidada por umas irmãs solteironas. *(cobre a velha com um xale antigo. Nenha começa a tossir, balbucia algo; a Moça sai)*

MOÇO – As lembranças são outras distâncias. Coisas que param já à beira de um grande sono. *(vê as rosas no chão, escolhe a mais bonita e limpa seu talo com uma faquinha trazida na cintura. A Moça volta com um copo cheio d'água, até a boca, sem transbordar. O Moço a interrompe e coloca a rosa em seu cabelo.)*

MOÇA – Encolheu, encurtou, pequenina como uma criança, toda enrugadinha, desbotada – não caminha, nem fica em pé, e quase não dá acordo de coisa nenhuma, perdida a claridade do juízo. *(dá água a Nenha.)*

MOÇO – Agora está cheia de juízo? *(pega na mão da Moça; os dois se olham.)*

MOÇA – Deu-se que quase todas as mulheres da família, sucessivamente morreram do mal-de-semama, febre de parto; daí, os homens se mudando, andou confiada a estranhos a Nenha, velhinha, que durava além de todas as raias do viver comum e da velhez.

O Moço ajeita a flor em seu cabelo. A Moça tira a mão e ajeita o xale de Nenha. Ela volta a limpar a baba de Nenha. O Moço insiste e volta a pegar na mão da Moça. Os dois se olham.

MOÇO – nenhuns olhos têm fundo.

MOÇA – A vida também não.

MOÇO – Você poderia ser a princesa no castelo, na torre.

MOÇA – Ela é a vida.

MOÇO – Essa mulher ainda existir, parece um desatino de que ela mesmo nem tenha culpa.

MOÇA – Antes, é a vida. Aí, num só ser, a vida vibra em silêncio, dentro de si, só o coração, o espírito da vida, que espera.

MOÇO – *(a parte)* O passado é que veio a mim, como uma nuvem, vem para ser reconhecido – apenas, não estou sabendo decifrá-lo.

MOÇA – Espera...

MOÇO – *(à parte)* Como vivi e mudei, o passado mudou também. Se eu conseguir retomá-lo. *(a Moça tenta tirar a rosa, o Moço não deixa.)* Esperar até a hora da morte... a nossa morte...

MOÇA – Se eu, se você gostar de mim... Como saber se é o amor certo, o único? Tanto é o poder errar, nos enganos da vida... Será que você seria capaz de se esquecer de mim, e, assim mesmo, depois e depois, sem saber, sem querer, continuar gostando? Como é que a gente sabe?

MOÇO – *(lívido, ríspido)* Sou um simples homem, são em juízo, para não tentar a Deus, mas para seguir o viver comum, por seus meios, pelos planos caminhos!

Dá as costas à Moça, que tira a flor do seu cabelo, coloca no de Nenha e chora.

MOÇO – *(à parte)* Será que posso viver sem dela me esquecer, até à grande hora? Será que em meu coração ela tenha razão?...

MOÇA – Também! *(à parte)* Tem horas em que, de repente, o mundo vira pequenininho *(olha a Nenha)*, mas noutro de-repente ele já torna a ser demais de grande, outra vez *(olha para o Moço indo embora)*.

MOÇA EMOÇO – A gente deve de esperar o terceiro pensamento. Vocês não se lembram de nada, de nada, ouviram?! Vocês já se esqueceram de tudo o que, algum dia, sabiam!... *(se olham e apontam para si mesmos ou um para o outro)* Eu?

NARRADOR – Viver – não é? – é muito perigoso. Porque ainda não se sabe. Porque aprender-a-viver é que é o viver, mesmo. O sertão me produz, depois me enguliu, depois me cuspiu do quente da boca...

Na escura penumbra, três Riobaldos se movimentam.

RIOBALDO LEANDRO – De Diadorim não me aparto.

RIOBALDO MATHEUS – Cobiço de comer e beber os sobejos dele...

RIOBALDO LUIZ – Quero pôr a mão onde ele pegou.

RIOBALDO MATHEUS – Noite houve, em que eu, deitado, confesso, não dormia...

RIOBALDO LEANDRO – Com dura mão sofri meus ímpetos, minha força desperdiçada...

RIOBALDO LUIZ – De tudo me prostrei. Ao que me veio uma ânsia.

RIOBALDO MATHEUS – Quero lavar meu corpo debaixo da cachoeira branca dum riacho

RIOBALDO LEANDRO – Vestir terno novo...

RIOBALDO LUIZ – Sair de tudo o que eu sou, para entrar num destino melhor.

NARRADOR – Saí no grande orvalho.

A luz, aos poucos, amanhece.

Os Riobaldos andam em círculos pela cena, num manso tormento, rodando, rodando, rodando em pensamentos.

RIOBALDO LUIZ – Zé Bebelo podia pautear explicação de tudo:

RIOBALDO LEANDRO – De como a gente vai alcançar os herógenes e dar neles grave derrota.

RIOBALDO MATHEUS – Pode referir tudo que seja de bem se guerrear.

RIOBALDO LEANDRO – De que é que isso me serve?

RIOBALDO LUIZ – Me cansa.

Sem que eles percebam, Zé Bebelo entra e se mantém distante, observando.

Os Riobaldos continuam girando e falando num coro desencontrado.

RIOBALDO MATHEUS – No mundo não tem Zé Bebelo nenhum...

RIOBALDO LEANDRO – Existiu, mas não existe...

RIOBALDO LUIZ – Nem nunca existiu...

RIOBALDO MATHEUS – Tem esse chefe nenhum...

RIOBALDO LEANDRO – Tem criatura nem visagem nenhuma com essa aparência presente...

RIOBALDO LUIZ – Nem com esse nome...

Sem parar de girar pelo espaço, Riobaldo Um e Riobaldo Dois saem de cena.

ZÉ BEBELO – Ao silêncio, Riobaldo Tatarana! Eh, eu sou o chefe!?...

RIOBALDO MATHEUS – Pois é, Chefe. E eu sou nada, não sou nada, não sou nada... Não sou mesmo nada, nadinha de nada, de nada... Sou a coisinha nenhuma, o senhor sabe? Sou o nada coisinha mesma nenhuma de nada, o menorzinho de todos. O senhor sabe? De nada. De nada... De nada...

Tempo. Zé Bebelo se aproxima de Riobaldo Três.

Música alegre fora.

ZÉ BEBELO – Ah, qual, Tatarana. Tu vale o melhor. Tu é meu homem!... A vem, vamos animar esses rapazes...

Zé Bebelo e Riobaldo vão saindo.

Mas Riobaldo estaca.

Zé Bebelo olha para ele, espera um pouco. E sai.

Riobaldo está sozinho no centro.

A luz vai baixando até isolá-lo num foco vertical.

Prossegue a música animada fora.

NARRADOR – Achado eu estava. A resolução final, que tomei em consciência.

RIOBALDO LEANDRO – Ah, que agora eu vou! (*gira*) Agora, por que? Tem ocasião diversa das outras? (*gira*) Hora chegada. Eu vou. Veredas Mortas. De noitinha, hora em que capivara acorda.

NARRADOR – Deus é muito contrariado. Deus deixou que eu fosse, em pé, por meu querer, como fui.

Um guincho agudíssimo enche o ar.

Música dilacerante, soturna, desagregada.

Repentinamente, o foco de luz se apaga.

No escuro, espoucam flashes: a cada flash um novo Riobaldo surge em cena num salto.

Na luz noturna, seis Riobaldos se movimentam.

MATHEUS – Um tem de estar por mim:

LUIZ – O Pai do Mal, o Tendeiro, o Manfarro.

MARCO – Quem que não existe, o Solto-Eu...

FERNANDO – O aquilo.

LEANDRO – Sombra de sombra.

Luz muito escura, sombria, soturna.

Os Riobaldos giram, inventam passos, trajetos, travessias, dançam pelo espaço.

Emitem sons esparsos, tosem, espirram, bufam, chiam, roncam, riem, pronunciam uma ou outra frase solta.

LEANDRO – Concruz de caminhos, encruzilhada...

MATHEUS – Medo?

MARCO – Talento de lua escondida.

LUIZ – Posso cortar cipó... me enforcar pelo pescoço... quem impede?

FERNANDO – Quem impede?

LEANDRO – Quem é?

MATHEUS – É o Demo, o Sempre-Sério, o Pai da Mentira.

MARCO – Trato? Pacto?

LUIZ – Tem de vir, se existir. Em que formas?

FERNANDO – Estou rouco? ... Pouco....

LEANDRO (*gira e grita*) – Deus ou o demo?

TODOS – (*giram mais, caem*) Deus e o demo! Deus e o demo! Deus e o demo!...

LEANDRO (*rouco*) O diabo na rua, no meio do redemunho...

MATHEUS – Deus ou o Demo – para o jagunço Riobaldo!

MARCO (*brada ao céu*) – Lúcifer! Lúcifer! (*bate no peito*) – Satanaz!

LUIZ (*cai e se encolhe*) – Satanaz dos meus Infernos!

FERNANDO – Posso me esconder de mim?

O escuro domina.

Ouve-se um canto religioso preenchendo o escuro.

A luz volta, Riobaldo está no mesmo lugar, de pé. Os homens formam um grande bando, Riobaldo no centro. Diadorim se aproxima dele.

DIADORIM – Riobaldo, eu gostava que você pudesse ter nascido parente meu... Nós dois, Riobaldo, a gente, você e eu... (*olham-se intensamente, quase se tocam, mas imediatamente repelem o contato, giram para lados opostos*) Por que é que a separação é dever tão forte?

RIOBALDO – Aquele, hora destas, deve de andar lá entre rios, por entre o Urucúia e o Parado... O Hermógenes...

A cantoria cessa. Riobaldo se aproxima de Zé Bebelo e João Goanhá.

RIOBALDO – Chefe Zé Bebelo, o que se tem de obrar: enviar algum comparsa esperto, que cace de entrar para o bando dos Judas, para remeter para a gente as notícias e deixar traço nos lugares.

ZÉ BEBELO – Hmm.

RIOBALDO – Ou que mesmo dê jeito de liquidar mãoamente o Hermógenes.

JOÃO GOANHÁ – Maluqueiras, Riobaldo Tatarana, isso que você está definindo...

RIOBALDO – Maluqueira é o que não dá certo, mas só depois que se sabe que não acertou!

ZÉ BEBELO – Um homem, para a façanha assim, só mesmo se... Só eu... ou você mesmo, Tatarana.

JOÃO GOANHÁ – Riobaldo, tu é um homem de estúrdia valia...

Riobaldo de repente cresce.

Música.

Olha em torno, gira, impõe-se, os homens todos sentem, silenciam, olham para ele.

Riobaldo faz um giro lento pelo espaço, falando.

RIOBALDO – Dentro de mim eu tenho um sono, mas fora de mim eu vejo um sonho – um sonho eu tive. O fim de fomes. *(bate forte as mãos no chão e se levanta, imenso)* Ah, agora quem aqui é que é o Chefe?

Silêncio. Zé Bebelo e João Goanhá se olham. Perigo.

RIOBALDO – Agora quem é que é o Chefe? *(tempo)*
Quem é que é o Chefe?!

Um dos homens levanta a faca no ar e avança, Riobaldo o domina com um único golpe. O homem cai.

Diadorim vai para o lado de Riobaldo, faca na mão.

Outro homem levanta a arma no ar, mas desiste e deixa cair a arma no chão.

RIOBALDO – Quem é qu’ é o Chefe?!

Silêncio muito incômodo.

Subitamente, todos derrubam os bastões-armas com grande ruído.

João Goanhá ri, sem jeito. Põe-se ao lado de Riobaldo.

Um a um os homens formam ao lado dele. Zé Bebelo fica sozinho.

ZÉ BEBELO – Ah, o que eu não entendo, isso é que é capaz de me matar... *(tempo)*
A rente, Riobaldo! Tu o chefe, chefe, é: tu o Chefe fica sendo... Ao que vale!...

RIOBALDO *(para todos em torno)* – Sendo vós, companheiros...

TODOS *(gritam)* – Vale! Riobaldo! Tatarana! Chefe Riobaldo!

Riobaldo estende a mão para Zé Bebelo.

RIOBALDO – O senhor agora...

ZÉ BEBELO – Não, Riobaldo... Tenho de tanger urubu, no m’embora. Sei não ter terceiro, nem segundo. Minha fama de jagunço deu o final... Mas, você é o outro homem, você revira o sertão... Tu é terrível, que nem um urutu branco...

Rompem risos no meio dos homens, o nome corre de boca em boca, aos risos.

TODOS – O Urutu Branco! Ei, o Urutu Branco!...

Música muito alegre.

Zé Bebelo parte. Os homens dançam rudemente entre eles.

A luz se apaga, restam em cena apenas Riobaldo e Diadorim.

DIADORIM – Estou aqui, te vejo mesmo, Riobaldo...

RIOBALDO – Ah, não. Ah, paz!

DIADORIM – A uma coisa eu te digo, Riobaldo.

RIOBALDO – Pois fala.

DIADORIM – Por querer bem é que eu falo, Riobaldo...

RIOBALDO – Vai dizendo!

DIADORIM – Repuno: que você está diferente de toda pessoa Riobaldo... Você quer dançação e desordem... *(Riobaldo engole em seco)* A bem é que falo, Riobaldo, não se afaste mais... E o que está demudando, em você, é o cômputo da alma – não é razão de autoridade de chefias... *(sai)*

Riobaldo dá um grando grito. E cai, encolhido, minúsculo.

NARRADOR – Diadorim citou alma. Ele não tinha ciência da arte em que eu tinha ido estipular o Oculto, no ermo da encruzilhada... Aquilo não formava meu segredo?

RIOBALDO – Não tinha sucedido, tão pois. O pacto nenhum – negócio não feito. A prova minha, é que o Demônio mesmo sabe que ele não há, só por só, que carece de existência. E eu estou livre limpo de contrato de culpa, posso carregar nômnia. *(de joelhos, braços em cruz, muito contrito, reza uma reza forte)*

Aparece de um lado, Otacília em sua moldura de Nossa Senhora.

RIOBALDO – Otacília...

NARRADOR – Otacília guardada, protegida, na casa alta da Fazenda Santa Catarina, com o pai e a mãe, lá naquele lugar melhor, mais longe neste mundo. E eu cada dia tocava para mais apartado de donde ela assistia.

No lado oposto, aparece Diadorim em armas.

LEANDRO – Diadorim...

LUIZ – Diadorim: os olhos verdes dum verde de outros verdes, como o de nenhum pasto...

MATHEUS – Por mesmo de minha vergonha, escondido de mim mesmo eu gostava do cheiro dele, do existir dele, do morno que a mão dele passava para a minha mão.

LEANDRO – E eu sou dois, diversos?

FERNANDO – O que não entendo hoje, naquele tempo eu não sabia.

LEANDRO – De que jeito eu posso amar um homem, meu de natureza igual, macho em suas roupas e armas, espalhado rústico em suas ações?!

PEDRO – Ele tinha a culpa?

MARCO – Eu tinha a culpa?

LEANDRO – Ele fosse uma mulher, eu me encorajava!

MATHEUS – Mas, dois guerreiros, como iam poder se gostar por detrás de tantos brios e armas?

MARCO – Mais em antes se matar, em luta, um o outro.

LEANDRO – Eu sou o chefe.

PEDRO – O sertão não tem janelas nem portas.

FERNANDO – E a regra é assim: ou o senhor bendito governa o sertão, ou o sertão maldito vos governa.

Riobaldo abre o jaleco, abre a camisa, agarra o bentinho do pescoço, arranca, olha para Otacília, olha para Diadorim, hesita.

Atira para Diadorim, que pega no ar a relíquia.

Diadorim corre para Riobaldo.

Otacília-Nossa Senhora preside de longe.

DIADORIM – Riobaldo, o cumprir de nossa vingança vem perto... Daí, quando tudo estiver repago e refeito, um segredo, uma coisa, vou contar a você...

RIOBALDO – Quando isto tudo findar, Diá, Di, então, quando eu casar, tu deve de vir viver em companhia com a gente, numa fazenda, em boa beira do Urucuia...

Tempo. Os dois se olham, a luz de Otacília apaga-se aos poucos.

Subitamente: gritos, tiros, uivos, urros.

O palco se enche de homens, formando um grupo compacto em torno de Riobaldo e Diadorim.

UM – Chefe! Deram de estourado, de-repentemente!

DOIS – Da banda outra, donde não deviam de vir.

TRÊS – São quantidade.

QUATRO – Cru e cru que avançando, como que já tomaram as casas na ponta do arraial.

RIOBALDO – Meus homens!

CINCO – Bala estralejando!

SEIS – Fogo posto!

SETE – Racham lasca, espatifam.

OITO – Tutuco de bala.

NOVE – Batem no chão.

DEZ – Raivosas, tirando terra.

ONZE – Sementes de matar.

RIOBALDO – Meus jagunços!

DIADORIM – Tu vai lá, Riobaldo...

RIOBALDO – Aqui é que é meu dever, Diadorim. Por o mais perigoso...

DIADORIM – Tu vai, Riobaldo. Acolá em riba do sobrado, é que o lugar de chefe. Por tua pontaria mestra: de lá tu mais alcança... Constante que, aqui, o negócio está garantido...

RIOBALDO – Eu vou...

Apertam-se as mãos, olham-se intensamente: é a última vez que se vêem.

Música.

Em torno deles, um duro combate silencioso.

Riobaldo atravessa correndo a multidão e sai de cena. Coloca-se no alto, longe.

O combate prossegue, os homens vão se juntando numa massa compacta.

De repente, um deles sobe em cima dos outros.

UM – O Hermógenes!

DOIS – O Hermógenes!

TRÊS – Cão de dentes!

QUATRO – Judas !

CINCO – Filho do cão!

Do lado oposto, outro sobe em cima dos outros, os dois se enfrentam

SEIS – O Reinaldo!

TODOS – Reinaldo! Reinaldo! Reinaldo!

RIOBALDO (*sussurra*) – Diadorim!...

Lutam uma dura luta de bastões.

Enquanto os dois lutam, ouve-se um coro muito rápido, de vozes sussurradas que se sobrepõem formando um piso sonoro de risco, de perigo.

UM – Tiro

DOIS – eco

TRÊS – baque

QUATRO – boléu

CINCO – bate

SEIS – papoca

SETE – lasca

OITO – estrala

NOVE – troveja

DEZ – cerra fogo

ONZE – bala

DOZE – bala

TREZE – bala

CATORZE – bala

QUINZE – bala

DEZESSEIS – bala beija-florou

DEZESSETE – zuo

DEZOITO – zuo

DEZENOVE – tutuco

VINTE – bala

VINTE E UM – tutuco

VINTE E DOIS – zuo

VINTE E TRÊS – bala

VINTE E QUATRO – tutuco

VINTE E CINCO – zuo

VINTE E SEIS – bala

VINTE E SETE – tutuco

VINTE E OITO – zuo

VINTE E NOVE – bala

RIOBALDO (*por cima da repetição sonora*) – O diabo na rua no meio do redemunho...

CORO – faca a faca

risca

corta

risca

faca

risca

corta

As três palavras se sucedem e sobrepõem, criando a sonoridade de uma luta de facas.

De repente, Diadorim acerta uma sequência de golpes no peito de Hermógenes.

Num último esforço, Hermógenes consegue acertar um único golpe em Diadorim.

Hermógenes cai e desaparece depressa na multidão que sustenta os dois.

Diadorim toca o peito e olha o sangue na mão.

Cai lentamente.

Junto com ele, todas as mulheres-jagunços caem também.

Em pé, ficam apenas os seis jagunços homens, os Riobaldos, formando um círculo.

RIOBALDOS (*em coro desencontrado*) – Diadorim! Diadorim! Diadorim! Diadorim!

Cada Riobaldo se abaixa, ligeiro, agarra o Diadorim mais próximo, sacode.

*Sussurrando uma oração, cada um deita a cabeça no peito de Diadorim, escuta o coração.
Toca os dedos sob as narinas para sentir o ar, toca o lado do pescoço em busca da pulsação.
Sacode de novo.
Abre o jaleco para facilitar a respiração.
E se depara com os seios sob a roupa.
Os Riobaldos se põem de pé num salto, perplexos.
As mulheres caídas começam a cantar devagarinho.*

RIOBALDOS (*desencontrados*) – Diadorim... Diadorim... Diadorim...

RIOBALDO MATHEUS – Diadorim...

RIOBALDO LEANDRO – Mulher?!...

RIOBALDO FERNANDO – Sol não acende a água...

RIOBALDO LUIZ – Diadorim...

RIOBALDO PEDRO – Como eu vou conseguir viver?

RIOBALDO MARCO – Por que nome te chamar...

RIOBALDO MATHEUS – Meu amor!...

RIOBALDOS (*em coro descontraído*) – Diadorim... Meu amor... Meu amor... Meu amor...

*Chorando, os seis Riobaldos carregam nos braços os seis Diadorins de seios nus.
As outras mulheres todas, cantando sempre, vão se levantando e despindo os jalecos e camisas ao mesmo tempo.
Num gesto muito feminino, cobrem com as mãos ou com os braços dobrados, os seios nus.
Os Riobaldos choram com seus Diadorins nos braços, as mulheres cantam, imóveis.
A luz vai se apagando aos poucos.*

FIM